



INNOC X, 127

NOT IN PALMA

John Carter Brown Library



Acquired with the assistance of the  
Marion V. and Dorothy E. R. Brewington  
Memorial Book Fund

2 ALLEGORICAL PLATES  
(71.)-238 p.

- 7 exemplares com as  
2 primeiras são raras

PARNASO  
REAL,  
EPITHALAMICO,  
PANEGYRICO, E GEOGRAPHICO.

PARINASSO

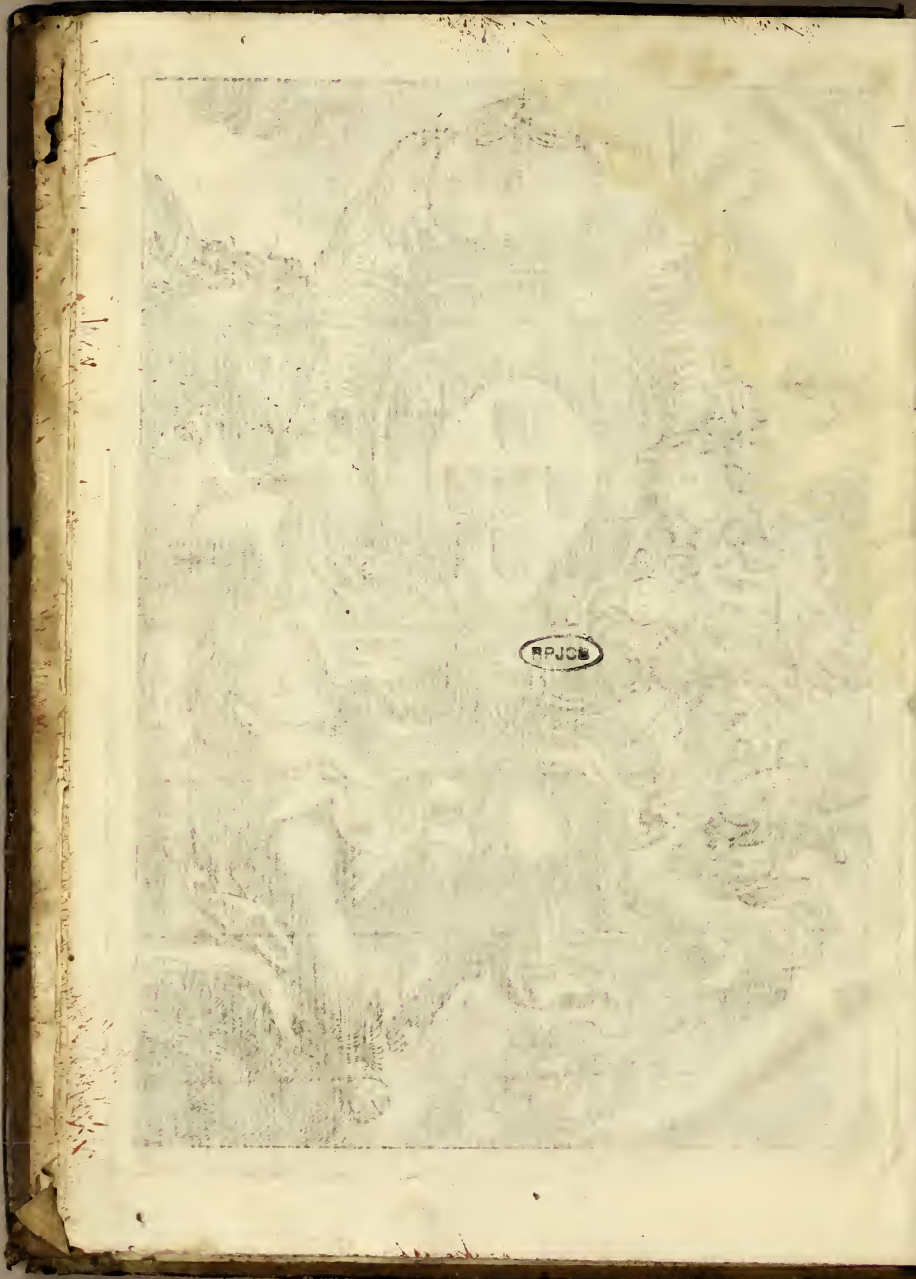
LEAL

EPITAFIO

DE ...

RPUC



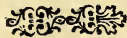


APJCM



PARNASO  
REAL,  
EPITHALAMICO, PANEGYRICO,  
E GEOGRAPHICO:  
DIVIDIDO EM TRES PARTES,  
E OFFERECIDO  
A' SERENISSIMA SENHORA  
D. MARIA,  
PRINCEZA DOS BRAZIS,  
DUQUEZA DE BRAGANÇA;  
E AO SERENISSIMO SENHOR  
D. PEDRO,  
INFANTE DE PORTUGAL;  
POR SEU AUTHOR  
JERONYMO BERNARDO  
OSSORIO DE CASTRO,

FIDALGO DA CASA DE SUA Magestade FIDELISSIMA,  
Superintendente da nova Administração, e Criação dos Cavallos da  
Comarca da Guarda, pelo mesmo Senhor, residente na mesma  
Cidade, e natural da sua Quinta, e Solar da Rhatocira.



LISBOA:  
Na Officina de FRANCISCO BORGES DE SOUSA.  
ANNO DE MDCCLXIV.

---

---

*Com todas as licenças necessarias.*

PARNASSO  
R. E. A. J.

TRINCEA DOR BRASIS  
D. M. A. R. I. A.  
TRINCEA DOR BRASIS  
D. M. A. R. I. A.

D. P. I. E. T. R. O.  
TRINCEA DOR BRASIS  
D. M. A. R. I. A.

TRINCEA DOR BRASIS  
D. M. A. R. I. A.  
D. P. I. E. T. R. O.

TRINCEA DOR BRASIS  
D. M. A. R. I. A.

TRINCEA DOR BRASIS  
D. M. A. R. I. A.

100

# PROLOGO.

**N**INGUEM mais que eu , Amado , e Douto Leitor , necessitaria da tua benevolencia , nem mais humildemente ta conciliaria , se o permittisse o Real Patrocinio , que me ampara : A de Suas AA. necessito ; e esta tenho-a certa ; porque he proprio dos Grandes amparar os pequenos , e das Magestades favorecer os Vassallos humildes , assim como he proprio dos altos montes amparar , e fecundar os baixos valles. Esta he a primeira vez , que fayo a publico , Minerva sem mais armas , que as Reaes de meu felice destino : Só esta felicidade me podes invejar ; porque supposto te tenhas empregado mais dignamente no mesmo Assumpto , o não farias como eu com as primicias

micias do teu engenho : A gloria desta jactancia me arrebatou a offerecer este meu amoroso culto com Prologo ; que aliás o offereceria sem elle , por poupar-me a algum genero de incivildade.

O amor do meu Principe , considerado propriamente meu , porque a minha ventura o intitidou Principe da minha Provincia , me obrigou em nome de toda ella a fahir de mim para sacrificar a Suas AA. esta demonstraçaõ da minha vontade. Esperey , com tudo , que outro mais dignamente o emprendesse , e como me não chegou á noticia que alguem , talvez por mais douto , e prudente , e por isso menos ousado , se arrojasse ; tive eu esta ousadia como ignorante , pela qual a fortuna me ajudaria a pezar da minha incapacidade.

Se achares esta obra pouco correctã ; toda esta Cidade te dou por testemunha da brevidade com que foy feita , e das continuas occupaçoens do Real Serviço , com que foy interrupta , de modo , que nem tempo tive para a pôr em limpo , deixando á intelligencia dos Impressores  
qua-

quasi toda a sua exterior fôrma.

Naõ censures a minha ousadia , lou-  
va a minha intençãõ : e se nada disto te  
mereço , faze o que quizeres ; que eu naõ  
trabalhey por teu amor , nem pelo meu ;  
mas só puramente pelo que devo aos meus  
Principes : Todos temos obrigaçãõ de de-  
monstrar-lho ; ninguem pôde demonstrar-  
lho como deve ; e cada hum deve de-  
monstrar-lho como pôde. Isto he o que  
me basta para justificar-me , e fatisfazer-te.

Vale.

que se trata a sua exterior. Mas  
Não se trata a minha exterior, sou-  
to a minha interior: e se nada disso se  
trata, não é que quizes, que eu não  
trabalho por seu amor, mas pelo meu;  
mas se realmente pelo que deve ser meu  
trabalho: Logo temos obrigação de de-  
monstrar-lho; ninguém pôde demonstrar-  
lho como deve; e cada hum deve de-  
monstrar-lho como pôde. Isto he o que  
me basta para justificar-me, e satisfazer-me.

Vale

# LICENÇAS.

## DO S.<sup>TO</sup> OFFICIO.

PARECER DO M. REVERENDO  
P. Fr. Theodoro de S. Jozé, Mestre  
em Santa Theologia, Qualificador do  
Santo Officio, Examinador das Tres  
Ordens Militares, e Ex-Provincial da  
Sagrada Ordem dos Prégadores, &c.

ILLUSTRISSIMOS SENHORES.

**L**I por ordem de Vossas Senhorias o  
Parnaço Real Epithalamico, e Pane-  
gyrico, de que he Author Jeronymo Ber-  
nardo Offorio de Castro, e me parece  
esta Obra digna do prélo por não contêr  
nada contra a nossa Santa Fé, e bons co-  
stumes. Este he o meu parecer. Vossas Se-  
nhorias mandarão o que forem servidos.  
S. Domingos de Lisboa 4 de Agosto de  
1762.

Fr. Theodoro de S. Jozé.

**PARECER DO M. R. P. M. Fr.**  
*Isidoro do Espirito Santo*, Doutor pe-  
la Universidade de Coimbra, Leitor  
Jubilado, Qualificador do Santo Offi-  
cio, Examinador Synodal do Patriar-  
chado, Consultor da Bulla da Cruze-  
da, Ex-Provincial, e Padre mais Di-  
gno da Santa Provincia da Terceira  
Ordem da Penitencia, &c.

**ILLUSTRISSIMOS SENHORES.**

**N**O Parnaço Real Epithalamico, de  
que trata esta petição, não se contém  
couza alguma contra a Fé, ou bons costu-  
mes. Convento de Nossa Senhora de Je-  
sus de Lisboa, 31 de Agosto de 1762.

*Fr. Isidoro do Espirito Santo.*

**V**istas as informações, póde-se im-  
primir a obra, de que se faz men-  
ção, e depois voltará conferida para se dar  
licença que corra, sem a qual não corre-  
rá. Lisboa 3 de Settembro de 1762.

*Mello. Lima.*

**DO**



# DO ORDINARIO.

PARECER DO M. R. P. MESTRE

*Jubilado Fr. Jozé da Madre de Deos ,  
Examinador das Tres Ordens , Con-  
sultor da Bulla , e Examinador Syno-  
dal no Patriarchado , &c.*

EXCELLENTISSIMO SENHOR.

**L**I este Livro , de que trata esta peti-  
ção , e não acheý nelle cousa alguma  
contra a nossa Santa Fé , ou bons costu-  
mes. Convento de Nossa Senhora de Je-  
sus de Lisboa 3 de Fevereiro de 1763.

*Fr. Jozé da Madre de Deos.*

**V**Ista a informação póde imprimir-se  
o Livro , de que se trata , e depois  
de impresso torne conferido , para se dar  
licença que corra , sem a qual não poderá  
correr. Lisboa 23 de Fevereiro de 1763.

*D. J. A. de Lacedemonia.*

# D O P A Ç O .

PARECER DO DOUTOR JOAÕ DE

*Alpoim Brito Coelho , Cavalleiro Professo  
na Ordem de Christo , Fidalgo da Casa  
de Sua Magestade Fidelissima , Acade-  
mico da Academia Real , &c.*

S E N H O R .

**E**M observancia do preceito de Vossa Magestade vi o livro intitulado : Par-naso Real , Epithalamico , composto por Jeronymo Bernardo Offorio de Castro , Fidalgo da Casa de Vossa Magestade , e Superintendente da nova Administraçãõ , e Criaçãõ dos Cavallos na Comarca da Guarda , Author igualmente distincto pelo seu nascimento , que pela sua applicaçãõ ; pois devendo á aquelle ser huma das pessoas illustres do Reino de Portugal , merece por esta ser contado entre os illustres da Républica das letras. De huma , e de outra nobreza faz qualificada prova neste livro , mostrando-se taõ literato na elegancia da composiçãõ , quanto na escola do assumpto se verifica Cavalleiro ;  
pois

pois sendo o principal distinctivo destes o esmérô no serviço do Principe , o Author se desvéla nelle tanto , que , não satisfeito com dedicar a Vossa Magestade as horas de trabalho com desempenho notorio do emprego , que tão dignamente occupa , até serve a Vossa Magestade com as horas de descanso , admirando , e decantando nestas as gloriosas acçoens de Vossa Magestade. E por ser este o assumpto do livro , e nada conter contra o Real serviço , me parece muito digno de que se publique estampado. Vossa Magestade mandará o que for servido. Lisboa 22 de Dezembro de 1763.

*Joaõ de Alpoim e Brito Coelho.*

**Q**ue se possa imprimir , vistas as licenças do Santo Officio , e Ordinario , e depois de impresso tornará á Meza conferido para se taxar , e dar licença que corra , sem a qual não correrá. Lisboa 17 de Janeiro de 1764.

*Gomes de Carvalho. Pacheco. Castro.*

SE-

## SEGUNDAS LICENÇAS.

### DO SANTO OFFICIO.

**P**O'de correr. Lisboa 24 de Julho de 1764.

*Trigozo. Carvalho. Thorel. Lima.*

### DO ORDINARIO.

**P**O'de correr. Lisboa 27 de Julho de 1764.

*D. J. A. de Lacedemonia.*

### D O P A Ç O.

**Q**ue possa correr, e taxaõ em trezentos reis em papel. Lisboa 1 de Agosto de 1764.

*Com quatro Rubricas.*

PRO-

## PROTESTAÇÃO DO AUTHOR.

**S**E neste Livro houver alguma proposição contra o sentir da Santa Madre Igreja , ou mal soante contra os pios , e civis costumes , estou prompto a reformá-la , e retractar-me , sendo advertido , como tambem se contiver alguma contra o Real agrado , e serviço : porque em tudo quero mostrar que sou filho obediente da Santa Igreja de Roma , e , como tal , verdadeiro Vassallo de Sua Magestade Fidelissima : e nesta conformidade se *per accidens* se tocarem algumas predicções , as entendo por annuncios accidentaes , e naturaes , e não por profecias. Dos termos de Divindade uso como ornato Rhétorico , e Poetico ; e em tudo o mais me sujeito á correcção de meus Superiores.

*Jeronymo Bernardo Osorio de Castro.*

ER-

# E R R A T A S.

## ERROS.

PART. I. Fama fol. mihí 24.  
 Huma Opera chéa de apparencias  
 PART. II. pag. 41.  
 Em purpuras, e auríferas aréas  
 PART. II. pag. 44.  
 Oh! se a fortuna: : e nesta retinencia  
 PART. II. pag. 49.  
 Ceda á Deosa das flores  
 PART. II. pag. 60.  
 Teu rigor em teu fructo ponderando  
 PART. II. pag. 82.  
 Que estampou de Prudencia &c.  
 PART. II. pag. 81.  
 A gran felicidade que os espera  
 Nas felices figuras reverbera.  
*De modo, que o ponto, que tem em reverbera, que he principio de oração, o deve ter em o fim do verso precedente.*  
 PART. II. Fama, pag. 92.  
 Permittio que o vendessém  
 PART. III. pag. 130.  
 El pòlv vuestro.  
 PART. III. pag. 136.  
 Ao seu Imperio o voffo Imperio.  
 PART. III. pag. 199.  
 Leonezo.  
 Ibidem Beaujotéz.  
 PART. III. Oração Panegyrica pag. 227.  
 Prosperidade.

## EMENDAS.

N'huma Opera chéa de apparencias  
 Em purpureas, &c.  
 retinencia  
 Ceda a Deosa das flores  
 Teu rigor em teu fructo moderando,  
 Que estampou de Prudencio &c.  
 A gran felicidade que os espera.  
 Nas felices figuras reverbera  
*que he principio de oração,*  
 Permittio que o vendassém  
 El pollo vuestro.  
 Ao seu Empireo o voffo Imperio.  
 Leonez.  
 Beaujolois.  
 Propriedadé.

*Adverte-se que as Glossas, que se citão na terceira Parte deste Livro, pag. 109, e pag. 149, são de Du-hamel.*

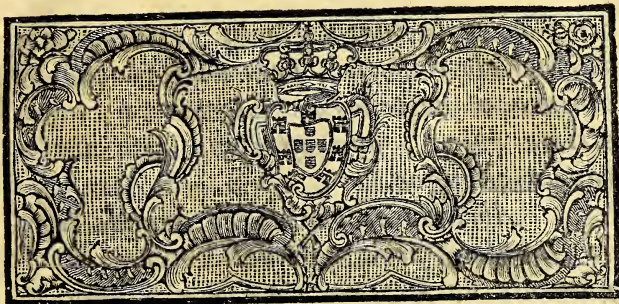


RPJCB



Michael LeConteux fecit. 1764. ætatis suæ 82.





PARNASO  
 R E A L.  
 PARTE PRIMEIRA.  
 ARGUMENTO.



UANDO a Augustissima Corte de Lisboa gozava no presente feliz Reynado de taõ florecente pompa, que ao mesmo Olympo fazia inveja; naõ podendo o defôrme Tifeo (hum dos filhos da terra, que em outros tempos fizeraõ guerra ao Ceo) soppor-

A tar

tar o pezo de tanta gloria , excitou com desesperado impulso , pela perturbação , e conjuração de todos os Elementos , a sua ultima ruina , que effectuou com deploraveis estragos.

Abrindo as portas ao grande lago do Oceano , para que delle , como antigamente da Lernea , sahisse a infestar os campos , que foraõ Troya , aquelle monstro , cujo triunfo foy o mayor trabalho do Thebano , se sobverteo debaixo das mesmas ruinas , que excitára.

Apontã-se os effeitos deste horri-  
vel monstro. Sua Magestade , entendido por Jupiter , triunfa delle pela feliz direcção de seu pròvido , e prudente Ministro ; e dá sabias , e felices providencias , para que aquelle perturbado Olympo se restitua ao seu primeiro estado.

Mostra-se , como , cortadas as venenosas cabeças desta Hydra , renascêraõ outras mais venenosas , que se conjurãraõ mortalmente contra o mesmo immortal Jove. Pondera-se o grande abálo , e  
sen-

sentimento , que cauzou na Corté , e Reyno este horrendo , e sacrilego attentado ; e o como pelas altas maximas do mesmo Sabio , e Fidelissimo Ministro se castigou cabalmente a offensa do Rey , e a injuria do Reyno:

Publicos , e geraes festejos , com que o mesmo Reyno converte os sordidos éccos da sua infamia em demonstraçoens de amor , e fidelidade , pela gloria , que de tão justa vingança lhe resulta ; em cujas demonstraçoens se distingue entre todas a sempre leal Cidade da Guarda , como publica a Fama , com cujos sonoros éccos se remata este Poema.

**A**

ALTA Princeza , Olympica  
Deidade,  
Desempenho do Ceo , Gloria da terra ,  
Esforço das idades Soberano ;

Em quem a natureza, e graça encerra  
 Toda a esperança, bem, felicidade,  
 E delicias do Imperio Lusitano;  
 Inclina'y para o chaõ hum pouco humano  
 Vosso gesto Divino, e Magestoso,  
 Sem detrimento algum de Vossa Alteza,  
 Elevada vereis minha baixeza  
 A Vossos pés com culto respeitoso:  
 Vereis denso vapor da terra escuro  
 Attrahido do Sol, e illuminado,  
 Inflammado no Vosso obsequio puro:  
 Vereis em Vós meu plectro coroadado,  
 E por Vós, claro Sol, numenizado.

**E** Vós, Excelso Infante esclarecido,  
 Glorioso Penhor da Monarchia,  
 Fiador immortal da liberdade;  
 Iris de Portugal, doce Alegria,  
 E Amparo dos Vassallos; Defendido,  
 E Defensor da Sacra Magestade:  
 Benigno soffrereis que a fiel vontade  
 De minha indigna Muza aspire ouzada  
 A fazer-se no mundo mais notoria,  
 Tan-

Tanto á custa , Senhor , da Vossa gloria ,  
 De outras mais dignamente decantada :  
 Certo estou , que se o seu ouzado empenho  
 Me fizer a Phaetonte parecido ,  
 Naõ o ferey com elle no despenho ;  
 Pois elle foy no Eridano abatido ,  
 E eu aos Vossos pés engrandecido .

**D**E immarcesciveis rosas coroado ,  
 A' sombra do alto Ceptro , que o recrea ,  
 Da Jovial benigna Magestade ,  
 Gozava o grande Olympo de Uliffæa  
 De taõ alto , sereno , e doce estado ,  
 Que em tudo respirava Divindade :  
 Quando o horrivel Tifeo , da immensidade  
 De tanta gloria prezo , e opprimido ,  
 Se removeo taõ forte , e taõ violento ,  
 Que fez estremecer o Firmamento ,  
 E os Pólos , em que o mundo está sustido :  
 Nos Dominios de Jove Excelso , e Limpo  
 Entre Occaso , e Oriente , ( oh vaãs for-  
 tunas ! )  
 Pólos de todo o Imperio , e seu Olympo ,  
 Ex-

Executou com furias importunas  
O mesmo que o Hebreo entre as columnas.

**C**ada impulso huma ruina lastimosa,  
Cada respiraçoõ hum Ethna ardente  
Neste espantoso monstro se notava:  
A's Deidades do Olympo preeminente  
Cheyas de confuzaõ calamitosa,  
Em objectos de lastima trocava:  
O alto Jove tambem se transformava,  
Mas sem sahir de si, na Soberana  
Imperial Aguia, que seu Sólio illustra;  
E em si, com o valor que não deslustra,  
Guarda a gloria do Olympo sobre-humana:  
Da turva Lérnea as portas devassando  
Tifeo, e esta Lagôa a Hydra avára  
Nas ruinas Troyanas abortando,  
Dizem, se sobverterá, e sepultára  
Antipoda das mesmas, que excitára.

**A** Hydra, que com roubos, sacrilegios,  
Mortes, incendios, e outros maleficios

O Sa-

O Sagrado do Olympo profanava ;  
Dezejando-o nos ultimos exicios ,  
Sem attençaõ a Leys , e Privilegios,  
Seu venenoso ventre dilatava :  
Mas Jove , que o escudo já lograva  
Da pelle de Egla sempre impenetravel ,  
Da cabeça de Górgon amparado ;  
Para qualquer accaço sempre armado  
Sempre invicto se achava , e respeitavel :  
Do Gran Conde de Oeyras dizer quero ,  
A quem por Sábio , Justo , e firme Athlante  
Da gloria de seu Rey , amo , e venero ;  
Por quem se ostenta o Ceptro Dominante  
Das mais arduas emprezas triunfante.

**C**Om este Escudo ; pois , bem defendido

Accommetteo a Hydra venenosa  
O nosso Excellso Nume , e n'um momento  
Se viraõ com victoria portentosa  
Cortadas sem alento , e sem sentido,  
As cabeças do monstro famulento :  
Respirou o Sagrado Firmamento

De

De Jove , que com Sábias providencias  
 Fez logo reparar suas ruinas ;  
 Com máximas profundas , e Divinas  
 Deo para tudo altíffimas Regencias :  
 Tifeo de quando em quando se movia ,  
 Porém com forças já debilitadas ;  
 De quando em quando á Hydra renascia  
 Huma cabeça , ou outra soffocadas ,  
 E inda mal renascidas bem cortadas.

**M**As , oh Hydra cruel , oh monstro  
 féro !  
 Ou tu não foras Hydra , ou nos não deras  
 Tantos desgostos , penas , e cuidados :  
 Mór guerra que Tifeo nos não fizeras ;  
 Mas eu veréy com gloria , como espero ,  
 De huma vez teus insultos castigados ;  
 Com alentos sacrilegos damnados  
 Tantas , e taes cabeças renascêraõ ,  
 Que contra Jove , em fim , se conjuráraõ ;  
 Toda a gloria do mundo , que insultáraõ ,  
 Escurecer de hum lance pertendêraõ .  
 N'uma noite , de quem a luz fugio ,  
 Que



Que a meza de Thiestes lhe lembrou,  
No alto Nume (quem tal desgraça vio!  
Quem taõ grande ouzadia imaginou!)  
Cada huma sua morte vomitou.

**N**Aõ encontrou o monstro ao alto  
Nume

Com toda aquella gloria, e magestade,  
Que na Thebana a todos advertio;  
Por tanto; na apparente humanidade,  
Indo a obrar a morte o seu costume,  
O adorou, apenas o ferio:  
Doeo-se a Alta Cabeça, e se sentio,  
E logo, por forçosa consequencia,  
Os mais membros do Corpo se doêraõ;  
Todos sentiraõ, todos padecêraõ,  
E todos se queixáraõ com vehemencia:  
Nesta empreza taõ ardua, e perigosa  
Seu Escudo abraçou mais fortemente  
De Jove a Divindade generosa;  
E, com ardor Deifico, e Potente,  
Accommetteo a Hydra novamente.

B

Oh!

**O**H! que felices máximas lhe influe  
 A cabeça de Górgon, com que altivo  
 As mais profundas, e altas anniquila!  
 Com aquella cabeça, ou grande Archivo,  
 Que do Universo as máximas inclue,  
 E effencia de politicas destilla:  
 Com esta, pois, ordena, emprende, e  
 estila

Novos modos, com que cabal victoria  
 Alcance de taõ aspero inimigo;  
 Desórte, que á medida do perigo  
 Se talhe do triumpho a immortal gloria.  
 Ao coração da Hydra dirigio  
 O Excellso Joye o rayo furibundo,  
 Com que a cinzas mórtaes se reduzio  
 Aquelle monstro horrendo, e iracundo,  
 Cuja soberba ameaçava o mundo.

**N**O Reyno de Neptuno se lançaraõ  
 As infames reliquias, que a Deidade  
 Tridentina arrojou com vituperio;  
 Temendo, sem dezar da Magestade,  
 Que

Que cabeças , que a tanto se arrojáraõ ,  
 Pudeſſem renascer em ſeu Imperio :  
 Outro mais proprio , e lugubre emiſfério ,  
 Privado do refluxo de ſua fonte ,  
 Lhe julgou com juſtiça o Gran Tridente ,  
 Arrojando-as na ſordida corrente  
 Do profundo , e mortifero Acheronte.  
 Naõ permittaõ os Fados rigorofos ,  
 ( Diz com ſemblante grave o Deos das  
 agoas )

Que a negra Hydra os dentes venenofos  
 Naõ eſteja affiando em ſuas fragoas ,  
 Para dar nova cauſa a noſſas magoas.

**P**Orém ſe a pelle de Egle vencedora  
 Se talhar tanta idade para a vida ;  
 Como já tem talhado para a fama ,  
 Contra vós meſmos , Fados , quem du-  
 vida ,

Que á cabeça de Luzo triumphadora  
 Adornará de Daphne a eſquiva rama ?  
 Quem duvidar da gloria , que ſe acclama ,  
 Imagine taõ grandes aventuras ,

Quaes Euristeo a Alcides inventava ;  
 Verá como se rende a mesma clava ;  
 Que rende Hydras , Leoens , e Harpias  
 duras :  
 Mór beneficio faz ao Lusitano ;  
 Do que já fez em todas as empresas  
 A Thesalia , e Micenas o Thebano ;  
 Acreditem-se , pois , tantas proezas ;  
 Que o tempo mostrará suas grandezas .

**V**ou a heroyca fama da victoria ,  
 E o mais remoto , e incógnito Emisfério  
 Se encheo de complacencia , e alegria :  
 Ao Lisbonense Olympo , e Luso Imperio  
 Restituô a fama , a honra , a gloria ,  
 Que por fidelidade lhe deviam  
 Do mais alto lugar da Monarchia  
 Por toda ella os olhos difonjeiros  
 Seu grande Pay com gosto dilatava  
 Vendo que firmemente dominava  
 Em animos de filhos verdadeiros :  
 Suspendey , Senhor , já vossos castigos ;  
 Pois viveis entre filhos amorosos ,

Naõ

Naõ cercado de eſtranhos inimigos:  
 Thé entre os rudes Sátyros , glorioſos  
 Voſſos vivas ſe alternaõ nemoroſos.

**N**Aõ ha Povoaçãoens , Villas , Cidades ,  
 A quem não faça fiel participante  
 A gloria de ſeu Rey victorioſo :  
 Em publico feſtejo o Reyno amante  
 Coraçãoens , almas , vidas , e vontades  
 Sacrifica á moção de tanto goſo :  
 As filhas de Nereo no mar undoſo ,  
 As do grande Pierio no Parnaſo ,  
 E por todas a fama o teſtifica ;  
 Pois de cada Cidade aſſaz publica  
 Ser da fidelidade o meſmo Vaſo .  
 Ecco exemplar , e harmonico formaraõ  
 Humas a outras as acçoens feſtivas ,  
 Que a taõ amado objecto ſe apuráraõ :  
 Formáraõ-o com vozes affectivas  
 Deſte modo na Guarda os altos vivas .

FAMA,

**F. A M A,**  
**QUE FEZ O AUTHOR**  
 para as festas , que na Cida-  
 de da Guarda

**SE DEDICARA O**

**S.<sup>TO</sup> ANTONIO**

**EM ACCAÕ DE GRAÇAS**  
 pelas melhoras de

**SUA MAGESTADE**  
**FIDELISSIMA.**

**L** Ncha o mundo terrestre , e ele-  
 mentar ,

The soar no Astronomico , e Celeste ,

**FAMA**

O fo-

O sonoro clarim da veloz Fama ;  
 Formem écco. taõ alto as vozes deste ;  
 Que entre os Astros se chegue a publicar  
 O que entre os homens hoje se proclama :

Da empreza, que se acclama,  
 Corra a fama na terra, furque os mares,  
 E võem pelos ares seus accentos ;  
 Para cujo alto fim, soberbos ventos,  
 De plumas vos vesti ; calçay talares :  
 Discorrereis por valles, e por montes ;  
 Pelas linhas da Esféra, e Orizontes :

Leve-os, pois, de Este a Oeste o Sub-  
 solano ;  
 Zéfiro, do Poente ao Oriente ;  
 E o Austrô ao Pólo Artico, que topa :  
 O Aquilo ao Antartico opponente ;  
 Porque applaudaõ o assumpto Lusitano  
 Asia, Africa, America, e Europa ;  
 Que toda a densa tropa  
 Dos varios individuos, que sustentaõ  
 Nas quatro Regioens os Elementos,  
 Devem formar plausiveis rendimentos  
 Aos empenhos, que em Portugal me a-  
 venturaõ :

Jozé,

Jozé , e Antonio são os de meus cantos ,  
Hum primeiro entre os Reys , outro ven-  
toiro entre os Santos.

## ELEGIA.

**J**A' co' as azas mais negras do que a ave,  
Que ao Sol deo novas más da Ninfa chára,  
Com rouca tuba , e tom funesto , e grave  
Ao mundo publiquey a estranhado , e raro  
Obra , que infernal Hydra executou  
Contra o que suas cabeças levantára.

Por couza monstruosa se notou ,  
E escandalo fatal de toda a idade,  
Que se criasse , assim como criou ,  
A inconfidencia aos peitos da amizade ;  
A ingratakaõ aos da beneficencia ;  
A mayor tyrannia aos da piedade ;

A trayçaõ , aos da nimia confidencia ,  
E emfim , o mais horrendo atrevimento  
Ao lado da Real Magnificencia ;  
Pois porque o Luzo Jupiter , attento  
Ao bem do Reyno , os rayos suppressia ,  
A pe-



A pezar de suas Leys , e Regimento ;  
Houve quem intentasse em cinza fria  
Reduzir com os mesmos a cabeça ,  
Que de Sagrados louros se cingia.

E porque o horror do insulto se conheça ,  
( Posto que ainda a magoa não achou  
Termos com que tal caso se encareça )

As mãos de quem seus rayos confiou  
Só para defender sua Coroa ,  
Se conjuráráo contra o que as armou :

Más quanto mais offende , e peyor sôa  
Que o amado , e prezado derramasse  
O que adorar devia em sua pessoa !

Chegárao a ferir : : : mas se eu ouzasse  
Relatar mais , a voz me faltaria ,  
Se a vida em tanta dor me não faltasse.

Com que gloria , Senhor , derramaria  
Todo o seu sangue o nobre Portugal  
A troco de tão grande aleivosia !

Não tinha em suas vidas preço igual ;  
Mas daria , Senhor , tudo o que tinha  
Por não perder a fama de leal.

Agora que dirás , ó trompa minha ?  
Que como lá em Roma houye entre lutos

C

Hum

Hum Bruto contra o ser , que o seu man-  
tinha ,

E que , a pezar dos foros absolutos  
De hum Cezar , lhe deo morte deshu-  
mana ,

Que cá em Portugal tambem ha Brutos:

Publicarás tambem com voz infana ,

Que assim como Levî , e Simeão ,

Vasos da iniquidade mais tyranna ,

Se conjuráráo contra seu Irmao ,

E seu Senhor , com odio tao mortal ,

Que chegou a rasgar-lhe o coração ;

Que com furor , e pertinacia igual

Ha tambem , contra hum Rey o mais fiel ,

Vasos de iniquidade em Portugal.

Dirás que como os filhos de Israel

Vendêráo hum Jozé em Chanaan

Por baixo preço aos filhos de Ismael ;

E que dos mercadores de Madian

O fizeram escravo , por conselho

De Judas , Pay de Sela , de Her , e Onan ,

Levando em sangue tinto ao Santo velho

Dos despojos do filho mais amado

O mais cruel , e barbaro aparelho ;

Por-

Porque de seus enredos confiado  
Lhes creffe , por troféo de seus enganos ,  
Que alguma féra o tinha devorado :

Cá vendêraõ á morte mais tyrannos  
Outro Jozé ; porque haja desta sórte  
Féras péssimas entre os Lusitanos.

Que inda mais crueis féras ha na Corte ;  
Poís a morte em Chanaan ficou vendida ,  
Por naõ ficar Jozé vendido á morte :

Porèm que nesta Corte fementida  
Foy vendida por vil , e infame preço  
De outro mayor Jozé a mesma vida :

Mas que mal seus insultos encareço .  
Quando recordo hum Vice-Rey sonhado  
Para exemplo de hum Rey de tanto a-  
preço !

Que pena : : : : Pára , pára ,  
Suspende , tuba , os fordidos alentos ,  
E em gloria se transformem teus accentos ;

Que a mesma morte avára  
Temeo seu braço forte ,  
E triunfou Jozé da mesma morte :  
Desaggravado está o nosso Rey ;  
Desaggravado o Reyno , a Corte , e a Ley .

Ninguem no mundo ignora,  
 Pois Chrysofomo assim o persuade, (a)  
 Que Protectores faõ da Magestade  
 Na Corte onde Deos mora  
 Os Santos, que festeja  
 A nossa Militante, e Santa Igreja;  
 Quem desta Monarchia  
 He mais que Santo Antonio Protector?  
 A quem, pois, deve o amparo, e o favor  
 De Luso a gente pia,  
 E a mesma Real Pessoa,  
 Senaõ a Santo Antonio de Lisbõa?  
 A hum Santo, que tanto apreço fez  
 Do epitheto de Santo Portuguez?  
 Antonio foy o Escudo,  
 Que amparou nosso Rey; e foy a Guia,  
 Que c'os authores vís da aleivosia  
 (Para que diga tudo)  
 Descobrio portentoso á Lusa Esféra  
 A gloria, a honra, a fama, que perdera;  
 Apartando de seus feis candores  
 Ainda as negras cinzas dos traidores.

Com razãõ a Cidade  
 Da

(a) Chryf. hom. 62. ad pop. Antioch:

Da Guarda , que he cabeça do alto Her-  
minio ,  
Ou a estrella , que nelle tem dominio ,  
Influindo a mayor fidelidade ,  
E devoção , com taõ festivas traças  
Vivas envia ao Rey , a Antonio graças ;  
Porque a seu Rey ostente mais rendida ,  
Que a quem o defendeo he agradecida .

E para tanto effeito  
Publicos desempenhos folicîta  
Naquelle Estivo mez , em que o Sol fita  
Lá do virgineo leito  
Em Ceres , e em seus rusticos cultores ,  
Como quem se despede , os seus ardores ;  
Rendendo aos vinte e seis do mesmo mez  
Gloria ao Rey , gloria ao Santo Portu-  
guez .

Neste dia veraõ  
Que em publico theatro esclarecida ,  
E allegoricamente agradecida  
Se rende á obrigação  
Métrica , e gloriosa  
Por meyo da Comedia mais famosa ; ( a )  
At-

( a ) Rendir-se a la obligacion.

Attenta ao que se deve ao braço forte,  
Que livrou a seu Rey da mesma morte.

Aos vinte e sette, com plausivel arte,  
Fará que bravas féras, não commúas, (a)  
No gozo, e exaltação de suas luas  
Ameacem detrimento ao mesmo Marte,  
Com aspecto feroz em suas lides.  
Infundirão pavor ao mesmo Alcides:  
Se bem que o Santo Objecto, e seu a-  
brigo

Renderão aos festejos o perigo.

Em o dia vinte e oyto acryfolada  
Nas finezas de Antonio, em que se re-  
mera,

Tão movida do amor com que o venera,  
Quanto de seus favores obrigada,  
Se veraõ competir com seus favores

Desta Cidade os flâmidos amores,  
Jogando-se com métrica agudeza (b)  
Huma fineza contra outra fineza.

No dia vinte e nove volverão  
Os que por armas tem de sua arrogancia  
(a) Oufym-

(a) Touros.

(b) Fineza contra fineza.

O symbolo mudavel da inconstancia : ( a )  
Em cujo coração

Arderá vivamente a ancia irada  
De vingar-se da affronta já passada :  
Mas só vingança em si seu furor toma ; ( b )  
Que se a culpa os rebella , a arte os doma.

O Monstro dos jardins no dia trinta ( c )  
Ao Monstro dos milagres obsequioso ,  
Tomando varias formas , deseioso  
De fazer mais distinta

A demonstração fina dos fervores ,  
Que emprende dirigir a seus louvores ;  
Antonio obsequiará devoto , e fino  
Pelo sexo femineo , e masculino.

No dia trinta e hum , em que se finda  
O mez de Agosto taõ gloriosamente ,  
Sem que finde o festejo reverente  
Com que a Antonio se brinda ,  
Quadrupedes volantes ( d )

Se veraõ nos terreiros arrogantes ;  
Enchendo os emplumados Cavalleiros

De

- ( a ) Touros;
- ( b ) Toureiros.
- ( c ) El Monstruõ de los jardines.
- ( d ) Cavalladas,

De jogos , e alcanzias os terreiros.

No dia , em que Settembro principia ,  
E o festejo , que a Antonio se endereça ,

Para nunca acabar tambem começa ,

Pertende figurar com energia ( a )

Em fingidos milagres o demonio

Os milagres Reaes do grande Antonio

Huma Opera chêa de apparencias ,

Que suspendaõ sentidos , e potências.

Honrará nos tres dias subseqüentes

Ao Rey da terra a candida presença

Do Rey do Ceo , com gloria a mais in-  
tenfa

Debaixo de nevados accidentes :

Ciceros , e Demosthenes Sagrados

Se admirarãõ nos Pulpitos laureados ;

Fazendo a tantos cultos conclusãõ

A mais Regia , e Solemne Procissãõ.

Pelo quarto Elemento ,

Porque ocioso naõ fique , em fórmãs varias

Vereis que vem servir de luminarias

As Estrellas do mesmo Firmamento.

Trocando as noites em alegres dias

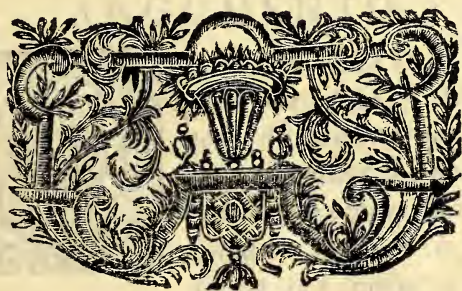
Mu-

( a ) Encantos de Merlin.



Muficas , Glossas , e outras Poefias ,  
Que entre as varias figuras de Vulcano  
Varios vivas daraõ ao Soberano.

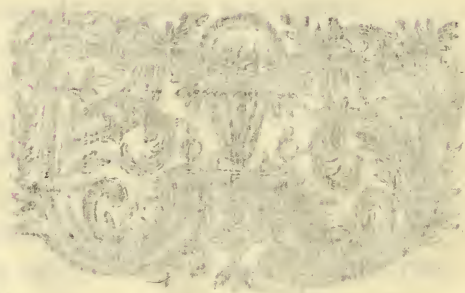
Prepare , pois , o mundo admiraçoens ,  
Pois naõ tem meu clarim voz , que o alente ,  
A formar hum conceito equivalente  
Ao valor , com que os nobres coraçoens  
Desta leal Cidade  
Delejaõ levantar na eternidade  
A Deos , ao Rey , e ao Santo Protecõr  
Hum Padraõ exemplar do feu amor.

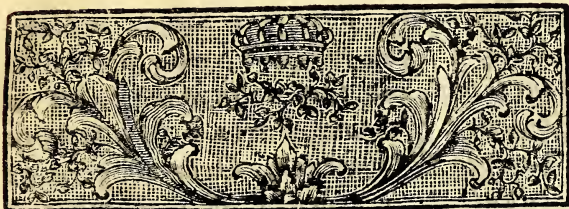


D

PAR-

Milleux, Glorie, e un a Postis,  
 Que entre as vellas figuras de Valente  
 Vaguez vivez dando ao Sobrano  
 L'espera, que ao mundo estinguem,  
 Por meo seu melleiro toy apertado,  
 A fozar sua canchada espartada  
 Ao valor, com que de nobre conqueza  
 Delle heo Glorie  
 Dele e de seu deo e de sua honra  
 A Deos, ao Rey, e ao Santo Francisco  
 Hum Padrao esculpido de seu nome





# PARNASO

REAL,  
EPITHALAMICO.

PARTE SEGUNDA.

ARGUMENTO.



**O**BRIGADO o Alto  
Jove das feis , e aman-  
tes demonstraçoens de  
seus queridos Lusitanos ,  
resolve premiar sua fide-  
lidade , e amor à medi-  
da do seu poder : e pa-  
ra eleger-lhe de todas as venturas a ma-  
yor , manda Mercurio ao Templo da glo-  
riosa

D 2

riosa

riosa Fortuna , para que lhe dê a Celeste Esfera , que sustenta , onde sua omnipotente mão lhe tem delineadas todas as felicidades futuras. Parte o Mensageiro ao Templo da Fortuna. Descreve-se a de Portugal ; e recebendo de suas mãos a dita Esfera , torna com ella á presença da Deidade Suprema , onde astronometricamente lhe interpreta seus enigmas , e lhe declara suas ditosas influencias.

Pelos aspectos do mesmo Jove lhe mostra como o desposorio da Serenissima Princeza dos Brasís , e do Serenissimo Infante de Portugal se representa para este Reyno a mayor felicidade. Agrada a Jupiter a interpretação da Esfera ; e para propôr em Conselho sua execução gloriosa manda convocar os Deoses da Celeste morada á sua presença : Descreve-se o Olympo , e a Magestade do alto Jove , que declara ao Sagrado Consistorio o seu glorioso intento , e justificado pretexto ; e o como , para premiar a fé , e lealdade dos Portuguezes , resolve sacrificar

car a Hymeneo a Serenissima Princeza dos Brasís , sua prezadissima filha. Apollo , e Marte a pertendem , a pezar dos ciumes de Venus. No inflexivel juizo de Astrêa põem Jove sua contenda. Todos os Deoses se oppõem , e nenhum se julga digno de tal Esposa. Mostra-se a Esfera da Fortuna Lusitana , e apparece nella escrito com caractêres de estrellas o felicissimo nome de PEDRO. De seu Magestoso resplendor se namoraõ as Deosas , esquecidas , e vingadas dos Deoses seus amadores. Arde o Olympo em guerra de ciumes ; mas derramando Jove sobre todos o suave nectar , se serenaõ todos. Peza Astrêa os merecimentos de Pedro , e só a elle julga digno de taõ divino consorcio. Confirma Jupiter sua sentença com geral applauso , e beneplacito do Sagrado Olympo.

Manda Juno a Mensageira Iris ao Parnaso , para que com a alegre noticia deste Decreto inflamme as Sagradas Musas no seu applauso. Parte a Ninfa na  
com-

companhia de Apollo ao bipartido Monte , e declara ao Sagrado Coro o Real assumpto. Descreve-se esta Estancia , e o prazer , com que nella se recebe tão gloriosa noticia. Attrahem as Musas com seus suaves canticos as Esferas Celestes , e seus gloriosos habitadores ao Templo do Real Hymeneo. De seu harmonioso concerto resulta , e desperta a Princeza Caliope , convocando sonorosamente a Sagrada , e Augustissima Ascendencia dos Serenissimos Principes desposados. Demonstra-se em sua Genealogia muito natural , e verdadeiramente , pela Serie das Geraçoens , qual seja a decima sexta. Arrebata-se Caliope no louvor de Suas Magestades , e Altezas. Erato , por parte dos Esposos , impaciente na demora , pede a Amor , pela intercessão da Deusa Venus , effectue , para gloria de Hymeneo , este Desposorio. Dispara Amor aos Esposos as douradas settas , e manifesta-se preparados , pela vehemencia de penosos , inda que suaves efeitos , seus  
cora-

corações inflammados, e feridos. Roga a Jupiter não dilate aos Reaes Confortes neste tormento. Attende Jupiter aos seus rogos, e dispõem, que no dia em que faz annos, se effectue o glorioso sacrificio dos Reaes Esposos nas Aras de Hymeneo.

Junto o Divino Acompanhamento, apparecem as Reaes Victimas; beijão a mão do Padre Omnipotente, que as abençõa, e lhes declara a feliz união de suas inflammadas vontades. Venus as corôa de amorosas flores, e guiadas pelas mãos das Supremas Divindades se encaminhaõ ao Nubico Templo. Representa-se o Magestoso aspecto de Hymeneo, os empregos dos Deoses neste glorioso Acto, e as concernentes Estatuas, que adornaõ o mesmo Templo. Apparece Amor inflammando as Aras Nupciaes: nellas se offerecem as Reaes Victimas envoltas entre fragrantas aromas. Canta o Coro amorosas historias, que attêãõ nas Victimas o fogo do holocausto. Descreve-se  
o fló-

o florido ornato desta Estancia, que toda respira amor; e o como em seu doce fogo ardem as Victimas docemente. Em quanto ardem, manda Jove que se corrao as cortinas do futuro, para demonstrar-lhes as glorias de seu feliz destino. Suspende Erato seu amoroso canto, e Urania a substitue com as profundas intelligencias da Celeste Esfera, onde manifesta aos Reaes Esposos a sua futura, e promettida gloria, fundada principalmente nas promessas Divinas, segundo o irrefragavel testemunho do Santo Rey Dom Affonso. Cerraõ-se as cortinas do futuro. Sobre a Regio Holocausto sacrificao os Deoses seus Capros, e a Serenissima Princeza rende Amor a sua aljava. Parte os Deoses para as suas antigas residencias, onde festivamente celebrao a gloria dos felicissimos Consortes, e fica Jupiter fecundando com suas bençoens o Real Thalamo. Festejaõ explicavelmente o Lusitano Imperio, e nel-



*nelle a leal Cidade da Guarda na fór-  
ma que publica a Fama, com que a Se-  
gunda Parte deste Parnaso se termina.*

**M** Ovidio do Alto Jove, o amor  
Paterno,

Com que sempre benigno se inclinára  
Para as cõusas da Lusã Monarchia ;  
Para premio do amor, que nella achára,  
Resolveo franquear do Fado eterno  
O thesouro das ditas, que escondia :  
No deífico throno, em que assistia,  
C'o conto do aureo Ceptro huma pancada  
Deo suave, pacifica, e sonora,  
Cujo Divino som, que o Ceo adora,  
Banhou de gloria a Olympica morada :  
Ouvio-a o sabio Interprete de Jove,  
E logo pela diafana campina  
Dos orbes, os talaes veloz move  
Para onde o final da mão Divina  
Lhe attrahe a astuta yara Serpentina.

E Che-

**C**Hega o neto gentil do Excelso Atlante

Ao Solio Divinal resplandecente  
Alegre , obediente , e respeitoso ;  
A quem o Sacro Nume Omnipotente  
Com benigno , e deífico semblante  
Este Decreto intíma Imperioso :

Vay , feliz Mensageiro , ao mysterioso  
Arcaño de minha alta providencia ,  
Dos nescios por Fortuna conhecida ;  
Traz-me aquella Esféra , que sustida  
Se vê de sua Excelsa independencia ;  
Que quero , entre as fataes felicidades ,  
Que predestino aos nobres Lusitanos ,  
Eleger a que em todas as idades  
Por Princeza se adore entre os humanos  
De quantas lhe reservaõ meus arcanos.

**D**isse : E adorando o Nuncio a Divindade

Encaminha seus vôos velozmente  
Para o Templo da prospera Fortuna ,

On-

Onde , chegando , rompe ouzadamente ,  
 Inflado da Suprema Magestade ,  
 O aureo véo da recondita tribuna.  
 Aparece rizonha , e opportuna  
 A magnanima Deosa enthronizada  
 Naõ sobre fragil globo deambulante ,  
 Mas sobre hum claro , e cubico diamante ,  
 Como gloria de Luso bem fundada :  
 Da contraria Fortuna faz estrado  
 A seus triunfantes pés ; coroa digna  
 Forma a sua cabeça o Ceo Sagrado ;  
 Com graça , e formosura peregrina  
 Na copa de Amalthea se reclina.

**A** Quelle Gran Senhor , ( lhe diz Cyl-  
 lenio )

Que domina immortal , e glorioso  
 Sobre os mesmos influxos das estrellas ,  
 E que dá com effeito portentoso  
 De Sabio , Poderoso , e grato genio  
 Ordem , virtude , e luz a todas ellas ;  
 Pois com tanta vangloria te desvélas  
 Na guarda de seus dons , hoje te manda

Me dês o feliz Mappa , ou clara Esféra  
 Onde os delineou , e onde os impéra  
 A sua omnipotencia veneranda.

Obedeceo a Sacra Dispenseira ;  
 E , inclinando a cabeça sublimada ,  
 Deixou cahir a Esféra lisongeira  
 Na mão do novo Athlante confagrada ,  
 Para que a seu Author fosse levada.

**D**E idéas Astronomicas fustido  
 Volve o Cyllenio ao Solio preeminente ,  
 Onde a Deidade Olympica o espera ;  
 Chega á sua presença , onde rendido ,  
 Com rhétorica doce , e altiloquente ,  
 Lhe interpreta os enigmas da alta Esféra :  
 Benignas influencias lhe exaggera ,  
 Gloriosas figuras lhe levanta ,  
 Grandes felicidades lhe annuncia ;  
 Mas sobre as que promete á Monarchia  
 Huma só o arrebatá , huma ó encanta :  
 Nella a Jupiter vê tão exaltado ,  
 Em seus naturaes signos tão brilhante ,  
 E de tão bons aspectos adorado ,

Que

Que julga sobre as mais o Sabio Athlante  
Esta grande influencia dominante.

**C**Hêa tendes , Senhor , a vossa Esféra  
( Lhe diz o fabio Interprete elevado )  
Dos mais bem figurados vaticinios :  
Em que partes do mundo celebrado  
A fabrica das linhas reverbera ,  
Que não vos felicite altos dominios ?  
A Equinocial vos mostra os predomínios  
De dous mundos : Os circulos menores ,  
Que do Artico ao Antarticó se assignaõ ,  
Infinitos Imperios vos designaõ  
Nas Zonas mais fecundas , e melhores :  
Naquella , que alli vedes situada  
Entre o Artico , e Cancer , por ventura  
Por Vós na melhor parte dominada ,  
Na mais Occidental , e na mais pura  
A mór felicidade se figura.

**O**S aspectos , Senhor , que vos rodêaõ ,  
E que pelos diametros se admiraõ  
Mais

Mais a favor da Lusã heroicidade  
 Triangulares saõ ; os quaes inspiraõ  
 Em dous altos espiritos , que enleãõ  
 A mais perfeita , e intima amizade :  
 Confirmay , pois , Senhor , huma von-  
 tade ,

Que de duas Amor está affinando  
 Na vossa Lusitana Monarchia :  
 Consagray a Hymeneo Pedro , e Maria ,  
 Que estaõ por vossa bençaõ suspirando :  
 Glorificay sua Ara , e doce gremio  
 Com esta Real Victima , e em ventura  
 Dareis ao vosso Imperio hum Real pre-  
 mio ,  
 Que confirme a fidelidade pura ,  
 Que a Vossa Magestade guarda , e jura.

**O** Uvio , e afinou o Omnipotente  
 Jove a feliz consulta das estrellas ,  
 E em seus altos annuncios inflamado ,  
 Pelo Interprete seu , e tambem dellas ,  
 Ordenou , fosse ao Olympo refulgente  
 Seu Divo Consistorio convocado :

Gyra

Gyra veloz o Sacro Nuncio alado  
As Celestes Esféras ; e annuncia  
Aos Deoses o Decreto Sempiterno ;  
Que ouvido , desamparaõ seu governo ,  
E todos vaõ pizando a Lactea Via :

Vay com Mercurio todo o luzimento  
Dos que de seus dourados , e altos Signos  
Suftem dos sette Ceos o regimento :  
E os que sepultaõ os rayos Libiftinos  
Thé os que os vem nascer nos matutinos.

**A**S portas eternaes da Sála Regia  
Chega toda a Divina Companhia  
Do Gran filho de Maya convocada ;  
Onde , com respeitavel galhardia ,  
De duas álas compõem a fórma egregia ,  
Para bem se ordenar a sua entrada :  
Abre o Cyllenio a porta sublimada  
De mais puro metal , que o puro ouro ,  
Cravada de finiffimos brilhantes ;  
Que de rubins , çafirras , e diamantes  
Encerrava hum magnifico thesouro.  
Ao gemer de seus quicios immortaes

Nas

Nas bobadas da Sála , bem formados  
 Da acorde variedade dos metaes ,  
 Suaves éccos se ouvem ajustados ,  
 Doce , e harmonicamente concertados.

**P** Or degráos de crystal á pórtá ingente  
 Desce a formosa filha de Thaumante  
 A receber as Deosas sublimadas ,  
 As quaes por cortezia entraõ diante  
 Revestidas de luz resplandecente ,  
 De flores odoríferas toucadas.

Por suas preferencias observadas  
 Entraõ depois os Deoses gloriosos  
 A' deífica Sála conduzidos ;  
 Aonde pelos Nuncios são subidos  
 Aos competentes thronos luminosos :  
 A todos , adorada a Divindade  
 Suprema , se permite urbano assento ;  
 Onde esperaõ , suspensos da vontade  
 Divina , a respeitavel voz , e intento  
 Do Supremo Motor do Firmamento.



**O** Grande , e Excelso Jove Omnipotente ,

De cuja Soberana Magestade

O Firmamento he Solio , o mundo estrado ;

Como immortal troféo da eternidade

Tem o tempo , que sempre vê presente ,

Pendente de seu ceptro sublimado :

O laureado Tejo avassallado

Paga a seus altos pés feudos Helperios

Em purpuras , e auríferas arêas :

Seu docel são altíffimas idéas

Chêas tambem de altíffimos mysterios :

Coroado de immensa , e propria gloria

Enche de gofo ao nitido conclave ,

Onde sua vontade faz notoria

Por estylo Celeste , altivo , e grave

Nesta voz tão Divina , quão suave.

**D**Este excelso lugar , onde presentes

Vos são os movimentos do Universo ,

E os temporaes successos dos humanos ;

F

Vistes

Vistes como atrevido o fado adverso  
Com traçoens contra o Ceo de infieis  
gentes

Quiz confundir a fé dos Lusitanos :  
Naõ pôde contrastar os Soberanos  
Fundamentos de minha Omnipotencia ;  
E intentou infamar a Monarchia ,  
Que alto exemplar de todas se fazia  
Em amor , lealdade , e obediencia.  
Bem vedes a briosa heroicidade ,  
Com que desmente Luso o infame fado  
Em finissimos cultos da lealdade ,  
Com que a Deos , e a seu Rey sacrificado  
Sempre da terra , e Ceo foy bem julgado.

**J**usto será que sejaõ premiadas  
De minha Excellsa maõ liberalmente  
Tantas demonstraçoens , tantas finezas ;  
Para o que consultey o refulgente  
Consistorio da Esféra , onde gravadas  
Tenho idéas fataes , e altas emprezas  
Entre os rasgos de suas naturezas  
No esplendido conforcio de Maria

Minha prezada filha , resplandece  
 O omnipotente empenho , que hoje cresce  
 C'os desejos de toda a Monarchia :  
 Quero fazer Divino Sacrificio  
 De minha filha , ao bem de Portugal ,  
 Por Paternal , e Regio beneficio ,  
 Pois que a demonstraçaõ taõ filial  
 Só conresponde hum premio Paternal.

**D**iffe : E o Delphico Apollo , que in-  
 flammado

Acryfolando esteve o pensamento  
 Na graça , e formosura da Princeza ,  
 Ayroso se levanta do aureo assento ,  
 E deste modo explica o seu cuidado  
 Ante o conspecto da Suprema Alteza :  
 Na Orbicular immensa redondeza  
 Sou dos Astros o Rey mais luminoso ,  
 E Monarcha de Luz indefectivel ;  
 Senhor do tempo rápido , e movivel ;  
 Patriarcha dos Vates glorioso.

Se sou , ou não de geração Divina  
 Vós , Senhor , o sabeis , e não o ignora

Toda a Ilha de Delos ; se se inclina  
A meu favor a sorte nesta hora,  
Conforte mais feliz que digno fora.

**O**H ! se a fortuna : : : e nesta reti-  
nencia

O suspendeo o forte , e altivo Marte ,  
Interrompendo o fio desta sorte :  
Solicitar Apollo tanta parte  
De vossa excelsa gloria , foy demencia  
Indigna que no Olympo se sopporte.  
Expulsay-o , Senhor , da vossa Corte ;  
Já que desmereceo vosso conspecto  
Taõ sem conhecimento , ou sem aviso ;  
Inda delle se lembra o rio Amphryso :  
Inda lhe faz favor ElRey Admeto.  
Fora bom a hum Pastor affeminado  
Ao Cepetro habilitar dos Portuguezes !  
Ora que trate lá do feu cajado :  
Só se devem soffrer taes altivezes  
A mim , que cinjo as armas , e os arne-  
zes.

**P** Affára o Deos da guerra mais avante,  
 Mas a Alcidalia irada, quam zelosa,  
 Em mil cores qual Iris transformada,  
 Entre melindres de purpurea rosa,  
 Ora animosa falla ao falso amante,  
 Ora cahe em seus braços desmayada.  
 Oh ! quaõ cega, lhe diz, quaõ enganada  
 Atégora vivî, imaginando,  
 Que amor naturalmente nos firmava :  
 Quem differa que amor degenerava  
 Em quem o ser de amor lhe deo amando !  
 Pois me deixas : : : e nisto suspendida  
 Ficou ; porque a Suprema Divindade,  
 Thégora na contenda divertida,  
 Bateo, dizendo : Basta ; haja amizade ;  
 Naõ se perca o respeito á Magestade.

**A** Stréa julgará vossa demanda ;  
 Naõ he justo sujeite hum dom. Divino  
 A' Fortuna das armas sempre injusta.  
 Dito isto, ante o throno crystallino  
 Se presentaõ os Deoses, a quem manda  
 Ex-

Expôr suas razoens a Deosa justa.  
 Todo o Congresso Olympico se affusta  
 Contemplando no arbitrio não flexivel  
 De Afrêa , seu empenho , e seus amores :  
 Todos declaraõ ser oppositores  
 Em acto tão honroso , quaõ plausivel :  
 Infrêa a filha os animos turbados  
 Daquelles , que soberbos , e violentos  
 Se consideraõ já embandeirados ;  
 E na balança a Mãy com seus intentos  
 Péza seus immortaes merecimentos.

**N**Enhum ao pezo chega (diz Afrêa)  
 De tão immensa gloria ; não reserva  
 Para vós tal ventura o feliz Fado :  
 Outro , que o mesmo Fado lá preserva ,  
 A pesar das invejas , que refrêa ,  
 Será o venturoso destinado.  
 Quem he effe , que o Ceo tem reservado  
 (Lhe inquirem) para ser o desempenho  
 De tão Divino emprego , e feliz gofo ?  
 Responde-lhes , que Jove glorioso  
 Póde satisfazer ao seu empenho.

O que

O que ouvido por Jove , a clara idéa  
Manda mostrar á Corte preeminente  
Do sujeito , que inculca a récta Astrêa ;  
E Mercurio lha mostra claramente  
Pelos rasgos da Esféra refulgente.

**A** Qui tendes gravado nas estrellas  
De Pedro o nome excelso , e glorioso ,  
( Lhe diz da bella Athlantea o filho alado )  
Em ellas resplandece luminoso ,  
Como illuminador de todas ellas ,  
O desempenho Real do melhor fado.  
Tanto que as Deosas viraõ deffenhado  
O venturoso Principe , inflammadas  
Todas no seu amor , o desejavaõ ;  
E nos braços da Adrásstea procuravaõ  
Ver-se de seus amantes despíçadas :  
Todo o Olympo na dura guerra ardia ,  
Que dos zelos nasceo : mas a Deidade  
De Jove com o nectar , que ésparcia ,  
Influe com Divina suavidade  
Em todos a mayor serenidade.

En-

**E**Ntaõ pezando Afréa os predicados  
 De Pedro na justissima balança ,  
 A feu favor profere esta sentença :  
 Este , fim , chega ao pezo do que alcança  
 Por seus merecimentos elevados  
 Como por justa , e récta recompensa :  
 Ceda-lhe do alto Phebo a luz immensa  
 Das sciencias o louro inextimavel ;  
 Ceda Marte o valor , e valentia ;  
 Adonis a belleza , e galhardia ,  
 E Mercurio a eloquencia insuperavel.  
 Ceda tudo ; pois Pedro a tudo excede ;  
 Em glorias , excellencias , e grandeza  
 A's Deidades Olympicas precede :  
 Só de Principe tal a Regia Alteza  
 Merece de justiça tal Princeza.

**C**eda tambem a esta a Cytherêa  
 Na formosura , e candida beldade ;  
 Ceda-lhe na pureza a casta Diana :  
 Pomona , em a geral fecundidade  
 Dos fazonados dons , de que está chêa :  
 Pá-



Pallas na fortaleza sobre-humana.  
Ceda á Deosa das flores Soberana  
No adorno das fragrantas bellas flores  
Das fecundas virtudes com que brilha ;  
Ceda-lhe de Hyperion a branca filha  
Em os gratos , e auriferos fulgores.  
Ceda tudo a Maria esclarecida ;  
Que he bem seja na Olympica morada  
Como Princeza a tudo preferida :  
Como Maria a Luso por Deos dada  
Para gloria do Principe exaltada.

**D**ito isto ; com ar de Magestade  
Inclinou a cabeça o Grande Jove ,  
Como quem consentia , e confirmava :  
Todo o Sagrado Olympo se commove  
Ao glorioso effeito da vontade ,  
Que Jove , a bem de Luso , declarava.  
Juno , que á mão direita se sentava  
Do Alto Esposo , a filha de Thaumante  
Ao Castalido monte alegre envia ,  
Porque inflamme a novena Companhia  
No applauso de Conforcio taõ brilhante ;

Extende as leves azas com que vôa ,  
 De Apollo acompanhada , e dirigida ,  
 A' consagrada Estancia a Nuncia bôa ;  
 E chegando ante as Musas incendida  
 Lhes declara o assumpto , que as convida.

**O** Bipartido monte se animava  
 Sobre todos os montes , dominando  
 Dos astros as oppostas influencias ,  
 E aos mais montes , e valles fecundando  
 Com as preclaras agoas , que emanava  
 Das inexhaustas fontes das sciencias.  
 Sobre seus altos cumes , e eminencias  
 Fôrma varios jardins , doutas culturas  
 Alto Numen , Artifice Divino ,  
 Onde sobre pilares de ouro fino  
 Se levantaõ rhétoricas figuras :  
 No fructo , que das flores se colhia  
 Para pasto das almas , se conformaõ  
 Variedade , doçura , e harmonia ,  
 Com que os brutos em vates se transformaõ ,  
 E os infôrmes alumnos se reformaõ.

Naõ

**N** Aõ se festeja tanto a bella Aurora  
Pelas Musas do ar quando serena  
Lhe annuncia o alegre , e novo dia ,  
Como pelas da Aonia fonte amena  
De Juno a Mensageira voadora  
Pelas novas do dia , que annuncia :  
Oh ! dia venturoso ( lhe dizia  
A suave Chorêa ) bem chegado  
Sejas do Ceo á Lusitana terra ;  
Que em tua feliz vinda Luso encerra  
Todo o bem , que esperava já cançado :  
Affine o Presidente a doce lyra  
Pela flauta , a que Euterpe arrebatada  
Doces , e altos espiritos inspira ;  
Pois com Pedro , e Maria vinculada  
Vê Portugal a gloria desejada.

**A** Companha a Chorêa no que accla-  
ma ,  
Sustendo-se na cythara dourada  
De Apollo , o claro Cysne , e a si se ex-  
cede ;

Com voz taõ levantada , e afinada  
 Se sacrifica á gloria , que o inflamma ,  
 Como quem de si mesmo se despede :  
 Rompe , como a razaõ de estado pede ,  
 A regiãõ do ar sua harmonia  
 Inflada de Divina suavidade ;  
 E para lhe fazerem sociedade  
 As Celestes Esféras desafia :  
 Convida-as para o Templo sublimado  
 Do Sagrado Hymeneo ; pois para o gofo  
 De taõ feliz Esposo , preparado ,  
 Da gloria Lusitana , e do alto Esposo  
 Ha de ser o theatro venturoso.

**Q**uem pudera explicar a suavidade ,  
 E a Divina harmonia , que resulta  
 De todos os Celestes movimentos !  
 Naõ sey porque virtude , ou força occulta  
 Thé queraõ móver á eternidade  
 Das Musas os Magneticos accentos :  
 Com ella attrahem os Ceos , e os Ele-  
 mentos ,  
 E tudo quanto nelles Jove anima

Ao Templo glorioso , e incendido ;  
Cujos suave , e harmonico ruído  
Desperta a que Princeza o Coro estima :  
A Caliope digo , que inflammada  
Todo o Coro das Musas transcendia ,  
E sobre os mesmos Ceos arrebatada  
As almas gloriosas attrahia  
Da Sagrada , e Real Genealogia.

**O**H tu , a quem , por mais que o tempo opponha ,  
Acclamado verá trophéo de Espanha ;  
Timbre de Ungria , França , e de Bor-  
gonha ,  
De Cantabria , Leaõ , e de Alemanha :  
E cuja espada aos Barbaros medonha ,  
Quaõ propicia á Catholica campanha  
Regou com sangue infiel a Portugal ,  
Para entroncar a Arvore Real.

**A**Rvore , que de tronco taõ ingente  
Exhaltando o valor , e a natureza ,

Af-

Affombra todo o mundo heroicamente,  
 Seus ramos elevando á mór alteza :  
 Cuja grandeza faz immensamente  
 Na terrestre , e mundana redondeza ,  
 Dos Orizontes marco a seus Imperios  
 Em differentes climas , e Emisférios.

**O** H tu , Illustre Henrique , outra vez  
 clamo ,  
 Suspende o furor béllico de Marte ;  
 Pois nos trophéos do amor , com que te  
 inflammo ,  
 Tens dobradas razoens de glóriar-te.  
 A ti , Rainha Excelsa , tambem chamo ;  
 Pois que tens nesta gloria tanta parte ,  
 Quanta dás aos trophéos do mesmo amor  
 Como filha de Affonso Imperador.

**E** Tu , Affonso Henrique formidavel  
 Contra o poder de Ismar inacessivel ,  
 Que do Pay , e do Avô incontrastavel  
 Com os nomes juntaſte o ardor terrivel :  
 Que

Que nos campos de Ourique memoravel  
 Com o poder de Deos na maõ temivel  
 O titulo Real em ti fundaste,  
 E em tua Descendencia eternizaste.

**Q**ue a teus Altos , e Regios Descen-  
 dentes

Fizeste felizmente hereditarios  
 Daquellas mesmas armas preeminentes ,  
 Com que Deos triunfou de seus contra-  
 rios :

E tu , Mafalda Illustre , que pendentess  
 Tens de teu esplendor os nobiliarios ,  
 Como progenie clara , e Soberana  
 Dos Condes de Saboya , e Mauriana ;

**S**E quereis admirar o desempenho  
 Da promessa Divina , e fé provada ,  
 Vede em Pedro , e Maria Alto diffenho  
 Da Lusitana gloria bem fundada :  
 Gloriay-vos de ver o grande empenho ,  
 Com que nesta progenie attenuada

Jun-

Juntou Deos as virtudes excellentes  
De todos os passados Ascendentes.

L. G E' R A Ç A Õ.

**I**Nvicto Sancho , que de Affonso hou-  
veste  
Com o Cepetro o valor , que eternizaste ,  
Com que primeiro em guerras mereceste  
O que depois regeste , e povoaste :  
Diga o Guadalquivir , a quem fizeste  
Outro Mar Roxo em sangue , que pizaste ,  
Se te enlayaste bem , e muitas vezes ,  
A ser hum dos Monarchas Portuguezes.

**E**Tu , Augusta Neta de Ramiro ,  
Filha do Gran Reymon Aragonez ,  
A quem de Sancho nobre Esposa admiro ,  
Para gloria do Sólio Portuguez :  
E que assim fecundaste , como infiro ,  
O thálamo Sagrado , porque dêz ,  
Entre tantos Infantes singulares ,  
Tantos Santos ao culto dos Altares.

Ve-



**V** Ede reproduzidos , e exaltados  
 Nos Reaes Descendentes applaudidos ,  
 O valor , a piedade , os predicados ,  
 Com que fostes no mundo distinguidos :  
 Vede que fundamentos taõ Sagrados  
 Tem a gloria de Luso apercebidos :  
 E vede , em fim , que mais o Ceo deseja  
 Desta segunda pedra da Igreja.

## II. G E R A Ç A Õ .

**A** Ti , Segundo Affonso esclarecido ,  
 Tambem o Santo Amor attrahe , e in-  
 flamma ;  
 A ti , a quem na guerra conhecido  
 Das Navas de Tolosa illustra a fama :  
 A ti , mortal flagello o mais temido  
 Da infiel , e fordida Mourama  
 De Badajoz , de Cordova , e Sevilha ,  
 De Amor inflamma a nova maravilha.

**T** Ambem de Affonso o Nono ao Real  
producto

Da Nobreza , e Bondade fiel Arca ,  
Dõnde vio dimanado honroso fructo  
Luso , Bolonha , Serpa , e Dinamarca ;  
Com animo inflammado , e resolutõ  
Revoca o gran poder , que tudo abarca ;  
Porque o adore justo , e poderoso  
Em Hymeneo taõ santo , e glorioso.

### III. G E R A Ç A Õ .

**V** Enha Affonso Terceiro , cuja espada  
Soube desempenhar Sancho Segundo ;  
Corõa dos triunfos sublinada  
A pezar do Agareno furibundo :  
E Brites taõ famosa , e celebrada  
Filha do Sabio Affonso , em quem eu  
fundo  
A fortuna de orlar as Lusitanas  
Armas com as do Algarve Soberanas.

## IV. G E R A Ç A Õ .

**T**U , famoso Diniz , que vinculaſte  
 De Marte as duras armas com Minerva ,  
 E a teu ditoſo Reyno accreſcentaſte  
 Da Coa os altos campos , que conſerva :  
 Que os nervos da República amparaſte ,  
 E immortaes , a pezar da ley proterva ,  
 Deixaſte altas memorias cá no mundo  
 De teu valor em tudo ſem ſegundo .

**E**Tu , que honraſte com o nacimiento  
 O Sólio Aragonez , Astro Sagrado ,  
 E com o alto zenith do luzimento  
 O Portuguez por ti Santificado ;  
 Sirva a todos de esplendido ornamento  
 De gloria accidental , ver imitado  
 Voſſo valor , por Pedro , e por Maria  
 Para augmento da Luſa Monarchia .

## V. GERAÇÃO.

**N**Aõ falte o Quarto Affonso triunfante,  
 Que na horrivel Batalha do Saládo  
 Defembainhou a espada fulminante  
 A par dos Anjos , fórte , e embandeirado :  
 Venha a filha de Sancho , o mais brilhante  
 Planeta das Hespanhas , a seu lado ;  
 Gozem na doce Esposa , e Regio Esposo  
 Do triunfo de amor mais glorioso.

## VI. GERAÇÃO.

**V**Em , Pedro , que de Affonso procedeste,  
 E no Ceptro a balança sustentaste ,  
 Com que á rígida Afrêa escureceste ,  
 E o Reyno réctamente governaste.  
 Olha o modo , com que outro Pedro veste  
 De esperanças o Reyno , que deixaste ,  
 Teu rigor em seu fructo ponderando  
 Com a lassa brandura de Fernando.

## VII. G E R A Ç A Õ.

**T**U , Inviçto Joaõ , que fundamento  
Foste dos de teu claro , e feliz nome ,  
Cujos trophéos da fama saõ portento ,  
Posto naõ ache cifras , com que os somme :  
Venceste Ceuta , porque teu alento  
Nesta chave de Espanha Africa dome ,  
Depois de castigar com gran derrota  
O orgulho Hespanhol na Aljubarrota.

**C**Om a Real Progenie de Inglaterra  
Filippa , tua illustre , e clara Esposa ,  
Em quem a natureza grata encerra  
Tudo o que em si contêm de portentosa ;  
Desce do Ceo á Lusitana terra ,  
Vem , o Rey de memoria gloriosa  
Renovar nestes Principes a gloria  
De melhor , mais feliz , e alta memoria.

## VIII. GERAÇÃO.

**O**Uve tambem meus éccos tu , Duarte ,  
 De infelice Reynado Rey ditoso ;  
 Pois , a pezar da que taõ mal reparte ,  
 As virtudes te fazem glorioso :  
 Naõ teve o fado com que lisonjear-te  
 Neste mundo mentido , e vaidoso ;  
 Nem desempenhos quer da vaidade  
 Quem como tu empenha a eternidade .

**E**Tu , Leonor illustre , e sublimada ,  
 Que emanaste na Lusitana terra  
 Timbres de gloria , e honra taõ prezada  
 A Navarra , Alemanha , e Inglaterra ;  
 Ouvi , pois , a alegria bem fundada ,  
 Que por Pedro , e Maria Luso encerra ,  
 Se he que na Lusitana Monarchia  
 Cabè a gloria de Pedro , e de Maria .

## IX. GERAÇÃO. V

Venha Fernando , Infante respeitavel,  
 Seguro Fiador da Monarchia ,  
 De quem herdou no sangue invariavel  
 Manoel o valor , e galhardia :  
 Com Beatriz , Sobrinha , e Esposa ama-  
 vel ,  
 Venha admirar em Pedro , e em Maria  
 O Hymeneo em si prefigurado ,  
 Mais feliz , glorioso , e exaltado.

## X. GERAÇÃO. E

Vem , Manoel invicto , e venturoso ,  
 Que do thálamo illustre de Fernando  
 Felicitaſte excelſo , e victorioso  
 O fim de dous Reys fortes miserando :  
 O titulo adquiriſte glorioso  
 De Imperador do Oriente venerando ;  
 E no mundo criaſte , e poſſuiſte  
 Os que á gloria das armas deſcobriſte.

Vem

**V** Em com Maria Esposa tua amada  
 De Fernando o Catholico terceira  
 Filha , pela fortuna destinada  
 A resarcir a perda da primeira.  
 Verás tua pro genie coroada ,  
 Naõ da Apollinea Daphne lisonjeira ,  
 Mas por amor bem pago de outro tanto  
 De odoriferas rosas , e amarantho.

### XI. G E R A Ç A Õ .

**E** Tu , Duarte , Infante esclarecido ,  
 Producto de Manoel abençoado ,  
 Que ao Real sangue de Bragança unido  
 Lhe preparaste o jus de seu Reynado :  
 Tu , que com Isabel , fructo luzido  
 Do Bragantino Jayme celebrado ,  
 Por Maria Princeza a Parma honraste ,  
 E a Luso em Catharina restauraste.



## XII. G E R A Ç A Õ .

**E** Tu , prodigiosa Catharina ,  
 De Manoel desempenho venturoso ,  
 Por cuja illustre Neta a Mãõ Divina  
 Destinou tanta gloria ao Neto honroso :  
 Com o Duque Joaõ , da Bragantina  
 Serenissima Casa Astro famoso ,  
 Vem ver assegurado teu direito  
 Mais que nunca exaltado , e fatisfeito .

## XIII. G E R A Ç A Õ .

**S** Iga-te o Serenissimo portento ,  
 Theodosio immortal , a quem Castella ,  
 Como aos Pays , usurpou com jus vio-  
 lento  
 O Ceptro , por injusta , e errante Estrella :  
 Venha , como Rainha , e ornamento  
 Do Gran Duque de Frias , Anna bella ;  
 Filha de hum Joaõ , e Mãy por justo fado  
 De outro mayor Joaõ Rey acclamado .

## XIV. GERAÇÃO.

**E** Tu , Joã Oytavo de Bragança ,  
 Quarto daquella mefma Monarchia ,  
 Que libertaſte , como tua herança ,  
 Da infeliz ſujeição da tyrannia.  
 Tu , que eſtabilidade , e ſegurança  
 Deſte a Luſo , fazendo tua ouſadia  
 Das armas florecer a illuſtre cópa  
 N'Áſia , Africa , América , e Europa.

**V** Em com Luiza illuſtre , e venturoſa ,  
 Timbre dos de Guſmaõ inextimavel ,  
 De Medina Sidonia honra ditofa ,  
 E Rainha de Luſo veneravel :  
 Vem admirar a pompa glorioſa  
 Do Hymeneo mais feliz , e reſpẽitavel ,  
 E verás quanta gloria ſe affiança  
 Na ſempre Auguſta Casa de Bragança.

## XV. G E R A Ç A Õ.

**V** Em tu , Segundo Pedro sem segun-  
do,

Que na guerra , e na paz famigerado ,  
Sobre a universal gloria deste mundo  
Viste teu alto nome abalifado.

Com mysterio incógnito , e profundo  
As promessas de Deos gravaste ousado  
Em o ouro melhor que em duro cedro ;  
E talvez pouco vá de Pedro a Pedro.

**E** Tu , Real Princeza Palatina ,  
Que , de Neobourg Progenie sublimada ,  
Depois de ser de Pedro Esposa digna  
Foste Mãy de Joaõ abençoada.  
Vem tambem ; pois te espera , e se te af-  
sina

A gloria mais feliz , e decantada ,  
Que rendeo justo amor a Hymeneo ,  
E talhou a suas Aras o alto Ceo.

## XVI. GERAÇÃO.

**V** Em tu , gloria das Mufas excelente,  
 Segundo Salomaõ , Dom Joaõ o Quinto ,  
 O Sabio , o Fideliffimo , o Prudente ,  
 O Feliz , e no mundo o mais distincto.  
 Vem , pois , amor eterno , e permanente  
 Dos coraçõs dos homens nunca extincõ ;  
 Terno Pay , Santo Rey , Pastor zeloso ,  
 Que Hymeneo te dispõem dobrado gofo.

**E** Tu , Santa Rainha esclarecida ,  
 Aguia Imperial Auftriaca ditosa ,  
 Que , á mais feliz Imperio conduzida ,  
 Deixaste a Monarchia faudosa.  
 Vem , que ao Ceo dirijindo a alma , e  
 vida ,  
 E o coraçõ á Patria venturofa ,  
 Levando os coraçõens , que dominaste ,  
 Noffo amor com despegos apuraste.

Oh

**O**H Rainha das Arvores Sagrada,  
Que , como Palma illustre , e esclarecida,  
Taõ elevada estás , quaõ fecundada  
Com o pezo dos fructos sem medida:  
Cheya como a de Abraham , e abençoada  
De gloria possuida , e promettida,  
Glorificas o tempo , e eternidade  
Laureada de excelsa Magestade.

**N**Aõ te attraya de Orptheo a doce lyra,  
Nem de Caliope a tuba sonora;  
Pois a posse , que a terra , e Ceo te ad-  
mira ,  
He muito mais suave , e gloriosa.  
Attraya-te o Hymeneo , que nos inspira,  
De taõ Excelso Esposo , e Illustre Esposa;  
E verás quanta gloria te prepara  
O Alto Jove , ou Jozé em sua Ara.

**D**este Jove te attraya a Divindade;  
Defta Juno a immortal Soberanã;  
A cuja doce , e innata Mageftade  
He todo o mundo innata Monarchia:  
Attraya-te a benigna fuavidade  
De feus filhos gentís Pedro , e Maria;  
Pois tens em fua gloria tanta parte,  
Quantas causas te daõ de gloriar-te.

**A**quella , cuja graça decorofa  
Se ás portas do vil Tartaro chegára ,  
Tornára fua eftancia gloriofa ,  
E as almas felizmente revocára.  
Aquella , que amorofa , e Mageftofa  
Benigna Rofa extremos equipára ,  
Da difcriçaõ Rainha excelfa , e pura ,  
E Princeza geral da formofura.

Aquel-

**A** Quella , em conclusãõ , de cuja Alteza

Igualmente rendida , que obrigada ,  
Aprende perfeiçoens a natureza  
Nella divinizada , e exaltada.

A que , para ventura Portugueza ,  
Com Pedro felizmente vinculada  
Será , dando aos presentes gostos puros ,  
A gloria dos passãdos , e futuros.

**A** Quelle propugnaculo famoso  
De seu amado Rey , e Irmaõ querido ,  
Cujo fiel amor fora extremo  
A não ser taõ devido , e merecido :  
Aquelle , que nos pôs o Ceo ditoso  
Entre o Rey , e os Vassallos taõ valido ,  
Quanto para estes he terno advogado ,  
E para aquelle , Irmaõ , e filho amado.

Aquel-

**A** Quelle , que em si tem tão concor-  
dadas

As virtudes Reaes , Moraes , e Urbanas ,  
Que nelle o Grande Jove tem fundadas  
A gloria , e esperanças Lusitanas.  
O que por seu abono , epylogadas  
As frases , e rhétoricas humanas ,  
Mereceo por finezas , e desvélo ,  
A mais grato Labaõ premio mais bello.

**V** Inde todos ao Templo Magestoso  
Do Sagrado Hymeneo , que vos espera ;  
Deixay de vossa Esféra o alto gofo ,  
E a ventura logray da Lusa Esféra :  
Applaudî o triunfo glorioso ,  
Em que o mais fino amor tanto se esméra ,  
Que sacrificará seu rendimento  
A' gloria de tão alto vencimento.



**D**isse : E nunca jámais acordaria  
 De seu extasi , e encanto generoso ,  
 Se o doce alento a não interrompesse  
 De Erato , que attenta ao tarde gofo  
 Dos Confortes Reaes , a Amor pedia  
 Seu mutuo rendimento dispuzesse.

Por mão da linda Venus lhe offerece  
 Seus amorosos rogos , dirijidos  
 De tão feliz Conforcio ao doce effeito :  
 Voaõ as settas a hum , e outro peito  
 De amor particular nunca feridos ;  
 E atraz da vehemencia de seus tiros  
 Ouve a Musa a ternura dos suspiros.

**Q**ue Ley , ( diz ella ) ou que razãõ  
 de Estado  
 Póde prevalecer á Ley daquelle ,  
 Que nunca conheceo nem Ley , nem  
 Rey ?  
 Como permite Amor , que se desvle  
 Hum coraçãõ em ancias soffocado ,  
 Que sem por Ley de Deos de Amor a  
 ley ?

K

Nun-

Nunca por certo , Amor , imaginey  
 Que procedesses indistinctamente  
 Com todos os rendidos taõ tyranno ,  
 Que os tormentos , que dás a hum peito  
 Preparaffes tambem a hum innocente.  
 Cego affliges aos que illustrado incendes ,  
 E como a morte iguálas aos que rendes.

**P**io Jove , se fórma , ou sombra algũa  
 Conservas da ternura , ucom que amaste  
 Em raras fórmas as bellezas raras ;  
 Naõ permittas que uo fogo del amor ga-  
 ste ,

Naõ queiras que esta Victima confuma  
 Antes que de Hymeneo illustre as Aras :  
 Tu conheces , Senhor , quanto entre as  
 raras  
 Virtudes do Real , e ingenuo peito  
 Fará de Amor a setta golpe estranho.  
 Corre , pois , com o reparo a mal tama-  
 nho ,  
 Para que o coração , ondê o conceito

Só da virtude coube , sem que lo mude ,  
Só ame quando o amar seja Virtude.

**O**Uvio o Sacro Nume o terno rogo  
Da compassiva Musa ; e commovido  
A' vista de tormentos taõ tyrannos ,  
Dispõem o Sacrificio appetecido  
Para dar de Hymeneo no doce fogo  
Desaffogo aos seus Vates Soberanos :

No dia , que corôa aquelles annos ,  
Que em mundana , e feliz perpetuidade  
Epôcas formarão ao tempo movel ,  
E encherão lá no Olympto sempre im-

De Padroens immortaes a eternidade ;  
Resolve dar ao mundo , ao Ceo ditoso ,  
A Epoca , o Padraõ mais glorioso.

**J**Unta toda a Divina Companhia ,  
Que os espaços enchia sempiternos ,  
Apparecem as Victimas Sagradas  
Animadas de amor , e incendios ternos ,

Banhadas de prazer , e de alegria ,  
 De resplendor Divino illuminadas.  
 Ante o Divino Padre ajoelhadas ,  
 Beijão a Real mão , que as abençoã ,  
 E lhe annuncia a glória promettida :  
 De rosas , e amarantho entretecida  
 Lhe cinge a Ericina alta Coroa ;  
 E , pelas Regias mãos de Juno , e Jove ,  
 Huma , e outra ao holocausto se com-  
 move.

**E**Ntraõ todos no Templo Magestoso  
 Do Nubico , e Divino Presidente ,  
 Onde toma cada hum sua propria Esféra :  
 Mas quem de sua pompa , e fórma in-  
 gente ,  
 Ou quem de seu adorno glorioso  
 Comprehender a fabrica pudéra !  
 Nuncio de fructos mais que a Primavera  
 O Real Hymeneo em aureo Throno  
 Coroadado se vê de varias flores ,  
 Rosas , perpetuas , placidos amores  
 Doce ornato lhe são , feliz abono :  
 E re-

E revestido , em fim , de Magestade  
Nos indica a mayor prosperidade.

**C**ompresidem tambem enthronizadas  
As Deidades gentis , e gloriosas  
De Jove , Juno , Venus , e Diana ,  
Que neste epythalamio officiosas ,  
Para varios empregos destinadas ,  
Cooperaõ na gloria Lusitana.  
Representaçãõ fausta , e Soberana  
Em varios tabernaculos faziaõ  
Varias Estatuas , que opportunamente  
Significaõ a fé , o amor ardente ,  
Que aos Vates de Hymeneo ennobreciaõ ;  
Eternizando a gloria dos passados ,  
E exemplo dos futuros conjugados.

**A**lli se vê Alceste fina , e fórte ,  
Sua vida immortal sacrificando  
Pela de seu Conforte ElRey Admeto.  
Alli se vê Laodamia expirando  
Em os braços da figurada morte

Do

Do seu Protefiláo , com firme affecto ;  
 No fogo , que consume ao charo objecto ,  
 Se lança a firme Evadne , e amante cla-  
 ma :

Recebe , vida minhã , esta alma tua ;  
 Junte as cinzas Amor , se a morte crua  
 Meu triste peito aparta de quem ama.  
 Alli Porcia , Hypermestra , Hypsicratêa ,  
 E outras muitas se vem , que Amor enleá.

**D**E outra parte do Templo confron-  
 tante

Se vê Plaucio sacrificando a vida  
 Na ponta de hum estoque finamente ;  
 Que na falta da Esposa taõ querida  
 Julgou ser-lhe melhor a hum peito a-  
 mante

Morrer amante , que viver auzente.  
 Vê-se o mancebo Æmylio juntamente ,  
 Que igual destino segue acompanhando  
 No infausto fim a misera Consorte :

Vê-se Lepido , a quem a mesma morte  
 Deo o amor de Apuleya triunfando ;  
 E ou-

E outros muitos, que para doce exemplo  
Pendurou por trophéo Amor no Templo.

**E**M si mesmo sustido este se admira  
Sobre a Ara Real, e gloriosa  
Do Núbico, e Sagrado Presidente:  
Em figura de flamma officiosa  
Lhe sustenta perpetua a doce pyra,  
Que seu ardor lhe inspira docemente:  
Nella as Victimas Régias mutuamente  
Se affinaõ huma na outra transformadas  
Chêas de gofo, agrado, e de doçura:  
No holocausto feliz Venus mistura  
As flores de fragrancia mais dotadas:  
E amorosas historias á porfia  
Canta o Coro com doce melodía.

**C**Anta os amores de Hercules confuso,  
Que, a triunfar de fêras costumado,  
De huma Ninfa gentil fora vencido;  
E taõ vencido foy, que, transformado  
Elle em Omphale, e a clava no seu fuso,  
De

De amor o gran poder mostrou rendido.  
 Canta da casta Deosa , que a Cupido  
 Fazia dura guerra acceza em ira  
 De mortiferas settas sempre armada,  
 Que do pastor de Ladmo namorada  
 Seu duro coração ferido vira :  
 Canta , em fim , os de Cefalo , e Aurora ;  
 Os de Siringa , e Pan , Zefiro , e Flora.

**A**S verdes plantas , e fragrantes flores,  
 Que perfeitos amores enlaçavaõ,  
 E as crySTALLINAS fontes abundantes,  
 Opportuna materia ás Musas davaõ,  
 Para influir estimulos de amores  
 Aos felices , e candidos amantes :  
 Os cravos com as rosas imperantes ,  
 De outras flores na doce competencia,  
 Entre as Venereas murtas enredados,  
 Se mostraõ ternamente vinculados  
 Regados da Salmacida affluencia ;  
 Fonte , que quanto banha ardentemente  
 Une como ella a Croco estreitamente.

Quan-



**Q**uanto , em fim , adornava a doce  
Estancia

De Amor o doce fogo respirava ,  
E nos corações ternos o accendia ;  
Fogo que não vendia , nem vendava ,  
Nem improbo causava pena , e ancia ,  
Mas tudo em doce incendio convertia.  
Neste com felicissima alegria  
Ardem as Régias Victimas Sagradas  
Prezas da mão de Amor perpetuamente ;  
E em quanto ellas ardem felizmente ,  
Manda Jove , que as glorias destinadas  
Lhes sejaõ declaradas no Ceo puro  
Correndo-se as cortinas do futuro.

**S**uspende Erato a doce melodia ,  
Que a tudo suspendia , e encantava ;  
E a Celeste Urania lhe exaggera  
Na radiante Esfera , que mostrava  
Taõ clara como o Sol , e a luz do dia  
A gran felicidade , que os espera ,  
Nas felices figuras reverbéra.

L

Do

Do thálamo a fecunda Magestade  
 Adornada de Infantes de Alto Estado  
 Por quem tem repartido o feliz Fado  
 A mundana Regencia, e Potestade:  
 Cuja promessa aquelle qualifica,  
 Que os Imperios dissipa, e edifica. (a)

**A**Lli mostra chegada, e terminante (b)  
 O tempo da ditosa Profecia,  
 Que estampou de Prudencia a penna es-  
 tranha.

Mas cresça a Lusitana Monarchia,  
 Reynem todos os Reys, viva o Infante;  
 E viva a immortal gloria da alta Espanha.  
 Outra mayor ventura os acompanha,  
 Qual he a de fer Próle attenuada  
 Dessa Decima Sexta Geração,  
 Que terminou feliz em Dom João  
 Avô, e Pay da Próle abençoada:  
 O que sem affectada diligencia  
 Se demostra na Régia Descendencia.

Quem

(a) *Ego dissipator, & edificator Imperiorum sum.* Juram. de Dom Affons.

(b) Sandoval Chr. p. 1. 1. 6. §. 12. an. 1502.

**Q**uem duvida que o Rey , que nos  
domina ,

Com os Reaes Esposos , que abençõa ,  
Constituem a Próle annunciada ?

Hum , que Próle Segunda se corõa ,

Outro Quarta , Maria feminina ,

Próle são ; porém Próle attenuada.

Progenie attenuada , e augmentada

Hè este do Alto Deos trifórme alento

Por segredo do Ceo mysterioso ,

Sendo o primeiro Vós , Jozé ditoso ,

Na attenuaçãõ , no nome , e no au-  
gmento.

Posto o Divino Cello se gradúa

Nos três , em que huma Próle se attenúa.

**E**M fim , se reflectirmos em geral

Se attenuou a Próle numerosa

De Dom Joaõ o Quinto de tal fórte ,

Que de cinco Varoens ( bençãõ fatal

Dã maõ Divina em tudo mysteriosa ! )

Ficáraõ dous , levando os mais a morte :

L 2

E de-

E destes , ao que empunha o Ceptro forte  
 Não deo filho Varão ; porquê queria ,  
 Olhando para traz benignamente  
 Seu *Respiciam* cumprir gloriosamente (a)  
 Em Pedro , despolando-o com Maria :  
 Maria , cujo nome de excellencia  
 He chave da Divina Providencia.

**C**Om ella as portas abre a tantas glo-  
 rias ,  
 Quantas deve esperar o nosso Infante ,  
 Que Vaso da eleição do Omnipotente  
 He dos olhos de hum Deos terno , e a-  
 mante  
 O objecto mais amado , que as historias  
 Immortal decantáraõ no Occidente :  
 Exulta , ó feliz Pedro , alegremente ;  
 Que em ti põem Deos os olhos piedosos ,  
 E por ti na Coroa Lusitana ;  
 Porque quer nessa pedra Soberana  
 Edificios fundar muy gloriosos ;

(a) In ipsa attenuata ipse respiciam , & videbo.

Como Tronco do que ha de ser jucundo  
Desempenho do Ceo, terror do mundo.

**E** Tu , ó Rey da Esféra Lusitana ,  
Reclina-te nos braços de Morfeo ,  
Verás o que feliz te representa :  
O mesmo , que a Jacob mostrou o Ceo  
Em proprios termos , Aguiã Soberana ,  
Clara , e Divinamente hoje te ostenta :  
Olha a sublime Escada , que se alenta  
Da terra ao Ceo ; e os Anjos do Senhor  
Na tua Descendencia , e Ascendencia  
Ministrando a Divina Providencia ,  
Que sempre se inclinou a teu favor :  
Olha no alto da Escada sublimado  
O que a Affonso se expôs Crucificado.

**D**ezaleis degráos tem mystérios ,  
Que saõ as Géraçoens , por quem ás mil  
Te dispõem Deos as bençoas promettidas  
A ti , Senhor , e aos Inclytos Esposos ,  
Que tres pessoas sois n'uma civil ,  
E n'uma

En'uma Próle só constituídas.  
 A todos ; e a qualquer attribuídas  
 Estas bençoas se vem com propriedade  
 Dentro deste trifórme excelso alento ;  
 A todos ; e a qualquer benigno , e attento  
 Promette o Ceo cabal prosperidade ;  
 Que a todos comprehende , e ao mundo  
 A benção de feu grande Patriarcha.

**A** De vossa fecunda Geração. (1a)  
 Se dilata do Oriente ao Occidente ,  
 E do Septentriaõ ao Meyõ dia :  
 Em vós , e em vossa Inclyta semente  
 Todas as Geraçoens se abençoarão  
 Thé os termos finaes da terra impia :  
 Universal Imperio , e Monarchia  
 Para si vos dispõem , Próle ditosa ,  
 O que dissipa , e edifica Imperios :  
 Dominareis da Lua os Emisférios  
 Por vós , e vossa Próle numerosa :

O Ce-  
 (1a) Gencl. 28. 14.

O Ceptro estendereis de Pólo a Pólo,  
E a Coroa ao Zodiaco de Apollo.

**A** Os acenos de Jupiter cobrião  
Verdes véos, côr da placida esperança,  
Os alegres segredos do futuro:  
Suspenso fica tudo do que alcança,  
Nem de Urânia os éccos mais se ouviraõ,  
Nem mais quiz demonstrar-lhe

puro:  
Sobre o Regio' holocausto, que figuro,  
Sacrificaõ seus Ceptros finamente  
Por tudo o Elementar as Potestades  
Vulcano, Eolo, Neptuno, e as Deida-  
des,

Que dominaõ da terra o continente:  
E Amor, pois que render mais lhe não  
fica,  
A' doce Esposa a aljava sacrifica.

Re-

**R**eproduzem-se as bocças da alta Fa-  
ma ,

E por todos os Deoses se repartem  
Multiplicadas todas por milhares.

A seus dominios velozmente partem ,

Aonde cada hum festivo aclama

A gloria de tão grandes luminares.

Rompe tambem alegre os leves ares

Phebo , e por sua ordem costumada

Vay os Celéstes Signos repicando :

E fica a mão de Jove fecundando

Com mil bençoas ao Thalamo inclinada ;

Tão preza de amorosa complacencia ,

Quão cheya dal Real Magnificencia.

**Q**uanto em Luso o Hymeneo se fe-  
stejasse ,

Differa a minha Musa , se pudera

Lançar o már em tão pequeno Vaso :

Nunca a tão grande empreza se atrevera ;

Inda que em linguas mil se transformasse

Cada folha dos Louros de Parnaso.

Se



Se de humildes applausos se faz caso  
 No Sólido da Real beneficencia  
 Do affecto universal commum objecto,  
 Ousarey relatar, não o affecto,  
 Mas o effeito na minha residencia;  
 Na Guarda digo, a quem o amor, que  
 inflamma:::  
 Mas diga-o por mim a sua

M

FAMA;

F A M A ,  
 QUE FEZ O AUTHOR

para as festas , que dedicou o Sena-  
 do da Guarda em applauso do fe-  
 licissimo Conforcio

DE NOSSOS SERENISSIMOS

PRINCIPES.

**O**Uvê-me , celebrados Egitanios ,  
 Em cujos altos dons , e pre-  
 minencias

Fazem nobre união , e harmonia  
 Os dous unicos Pólos da Nobreza ;  
 Em quem moralizada sempre vê  
 A politica urbana mais excelsa ,  
 E a moral decantey civilizada  
 Para gloria do Ceo , lustre da terra :  
 Ouvê a nova fama , que do Olympo

Vos

Vos envia a trifôrme Omnipotencia ,  
E recebey o nectar , que esparcir  
Me manda pela vossa Herminea Esféra :  
Aquelle doce nectar , que , a emanar-se  
Entre os Orcades bravos , convertera  
As indomaveis filhas de Acheronte  
Em mansas , e pacificas ovelhas :  
De cuja suavidade huma só gotta ,  
Que nas agoas do Averno se vertera ,  
Em banho saudavel transformára  
Sua lethal , e torpe pestilencia :  
Converteria em vivas alegrias  
As mortaes agonias , e tristezas ;  
As penas mais fataes em doces glorias ,  
As ancias mais crueis em vivas festas.  
Preparay , pois , os nobres coraçoes  
Para o gosto , e applauso ; pois o nectar ,  
Que vos tenho feliz annunciado ,  
A derramar-se nelles já começa.

**V**enus , aquella Venus Imperial ,  
Aquelle Grande , e Lucido Planeta ,  
Que das indignamente decantadas

Corregge as mais immundas influencias ;  
 Aquella Venus pura , e Celestial ,  
 Que impurezas argûe nas Estrellas ,  
 Aquella que vos lava os coraçõens ,  
 Aquella Verticordia verdadeira ;  
 A Mãy do Deos vendado , e Deos ven-  
 dido ,  
 Que , vendido depois da grande cêa ,  
 Permittio que o vendessem cruelmente  
 Como falso , mentido , e vaõ Propheta :  
 Esta Mãy , esta Venus amorosa ,  
 Como Mãy deste Reyno , e Padroeira ,  
 Presentada ante o Throno de seu Filho  
 Deste modo lhe fallaria terna :

**B** Em vedes , Filho , a Próle attenuada  
 Da Real Geração Decima Sexta ,  
 Ponde os olhos na gente Lusitana ,  
 E cumprireis , Senhor , vossas promessas .  
 Parece summamente necessario ,  
 Porque vossa palavra permaneça  
 A favor , Filho meu , daquelle Imperio ,  
 Que fundastes na mesma Próle Regia ;  
 Que

Que vinculo amoroso de Hymeneo foy  
 Enlace a virtuosissima Princeza  
 Com Pedro , cujo alento poderá  
 Do mesmo Imperio ser primeira Pedra:  
 De vossa mão Potente , e amorosa  
 Seus coraçoes feridos ver quizeram  
 Para consolação dos Lusitanos ,  
 Para gloria de vossa mão direita.

**M**ãya amada , ( responde o Filho  
 Charo )

Em quem tenho gloriosa complacencia,  
 Que tendes que pedir a vosso Filho?  
 Senhora foy da aljava , e mais das lettas.  
 Mas pois quereis ; Senhora , que esta obra  
 Seja obra de minha excelsa dextra ,  
 Satisfeitos vereis vossos desejos  
 Brevemente nõ Infante , e na Princeza.  
 Armou , dizendo isto , o candido Arco ,  
 Que Iris de paz ao mundo manifesta  
 Sempre , que todo elle para todos  
 Em Essencia de Amor se Sacramenta ;  
 E o mesmo foy armar-se , e disparar ;  
 As

As efficazes , e douradas flexas ,  
 Que enlaçarem os Principes as mãos ,  
 E os coraçõens em uniãõ perpetua.  
 Quando affim enlaçados firmemente ,  
 Movido o excelfo Amor da Mãy excelfa ,  
 Levantou sua mão , e lhes lançou  
 De Abraham a fecunda , e feliz bençaõ :  
 E ao declinar o braço nesta acçaõ ,  
 Como aceno de sua Omnipotencia ,  
 Para render-lhe graças , e festejos  
 Parece que attrahio o Ceo , e a terra.

**B**eija o Imperio as mãos dos Reaes  
 Esposos ,  
 E as dos Augustos Pays , com compla-  
 cencia

Taõ commũa , e geral , como se fora  
 Para todos igual a causa della.  
 Ardem os coraçõens desta Cidade  
 Em luminarias , fogos , e outras festas  
 Taõ vivamente accessos , que bem mostraõ  
 O puro , e fiel amor , que lhes professaõ.  
 Os parabens se acclamaõ pelas Praças ,  
 Mui-

Muitos vivas se affomaõ ás janellas,  
 Viva ELRey , a Rainha , e o Infante,  
 E viva a Serenissima Princeza.

**M**As como a interminavel alegria,  
 Que nõs seus peitos cada qual encerra,  
 Excedendo a mayor demonstraçaõ,  
 Lhes deixa suffocadã a complacencia;  
 Para seu desaffogo neste mez  
 No dia vinte renovar intenta,  
 ( Se o tempo comprar a seus desejos )  
 Festas de Touros , Fogos , e Comedias,  
 Mascaras , Cavalhadas , Luminarias,  
 Danças , Musicas , Glossas ; tudo idêa  
 Dos espiritos Nobres , que a Cidade,  
 Como Consules ; regem , e governaõ.  
 Concorre o Illustrissimo Cabbido  
 Com tanta , e taõ fiel Magnificencia,  
 Que bem se ostenta em seus Capitulares  
 A lealdade , e affecto , que os empenha.  
 Coroa felizmente estes festejos  
 Aquelle grande Principe da Igreja,  
 ( A quem , depois da Mitra devedora ,  
 O Ca-

O Capello, e Thiára tanto anhelão )  
 Com o Divino Culto, que dedica  
 A' purissima Venus Padroeira,  
 Com perenne louvor daquelle Filho,  
 Que de geral convite põem a Meza,  
 Em que se communica ao barro vil. **M**  
 Docet manjar de Amor, que o Ceo su-  
 stenta;  
 Iguaria dos homens, Paõ do Ceo,  
 Que lhe enxuga o suor do paõ da terra.  
 A' perfeição do Culto offenderia  
 A mais alta, e rhétorica eloquencia,  
 Depois de publicar que todo corre  
 Por conta de pessoa taõ perfeita.  
 Festa Pontifical no ultimo dia,  
 Se lhe derem lugar suas molestias,  
 Com a mais Magestosa Procissão  
 Ha de condecorar sua presença;  
 Egregios Oradores escolhidos,  
 E nascidos da mesma Sabia idéa,  
 Assim como nasceo antigamente  
 Da cabeça de Jupiter Minerva;  
 Louvarão em devida acção de graças  
 Nossa Venus nos dias desta festa,



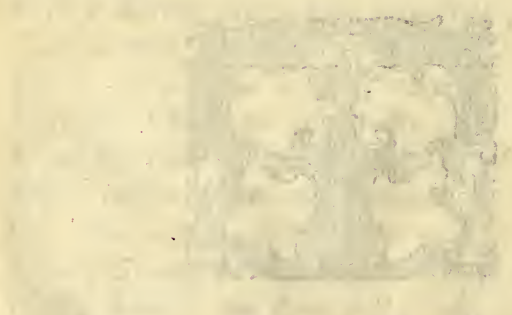
E a mercê recebida applaudirão  
No em que das mercês a invoca a Igreja.  
Mayor demonstraçaõ fizera o gosto  
De taõ leaes Vassallos , se pudera  
Igualar os festejos com o affecto ,  
Que a taõ amaveis Principes offerta :  
De feu benigno , e Real conhecimento  
Esta leal Cidade firme espera ,  
Que pela obrigaçaõ não se avalie ,  
Mas só pela vontade se receba.  
Fecunde o Ceo o Santo amor , que influe  
De nossos Altos Reys na Próle excelsa ;  
E nos fieis coraçõens de seus Vassallos  
Viva ElRey , o Infante , e a Princeza.



N

PAR-

The first part of the description  
 The second part of the description  
 The third part of the description  
 The fourth part of the description  
 The fifth part of the description  
 The sixth part of the description  
 The seventh part of the description  
 The eighth part of the description  
 The ninth part of the description  
 The tenth part of the description  
 The eleventh part of the description  
 The twelfth part of the description  
 The thirteenth part of the description  
 The fourteenth part of the description  
 The fifteenth part of the description  
 The sixteenth part of the description  
 The seventeenth part of the description  
 The eighteenth part of the description  
 The nineteenth part of the description  
 The twentieth part of the description





PARNASO  
REAL,  
PANEGYRICO, E GEOGRAPHICO.  
PARTE TERCEIRA.  
ARGUMENTO.



*ESCE* Apollo ao monte Parnaso, e annuncia ás Musas o proximo Nascimento do Serenissimo Principe da Beira. Chegado o tempo de seu felice Nascimento invoca o auxilio de Lucina, para que o facilite, e felicite. Depois de Nascido o con-

duz Diana , e suas Ninfas ao Sagrado monte das Musas ; que o recebem , e collocaõ no mais eminente lugar : Descreve-se a fôrma de sua collocaçãõ , os obsequios , que as Musas , e Ninfas lhe consagraõ : Fabrica Mysteriosa , e Divina de seu Solio. Inclinaçãõ piedosa , e generosa do Real Menino. Collocado com o aparato , que se descreve , e ajoelhadas as Musas , e Ninfas em fôrma de dous Coros , lhes glossãõ em seu applauso hum Soneto Achrostico , com que Apollo lhe dá o primeiro tom.

Em quanto as Ninfas substituem as Musas no obsequio do Serenissimo Principe , passãõ estas a congratular-se com os Serenissimos Pays , e Augustissimos Avõs. Acabado este Acto voltaõ para o Parnaso , onde propõem ao Presidente o modo como lhe haõ de formar hum applauso geral , fazendo-o presente a tudo nas quatro partes da terra , e reproduzindo-se ellas para o applaudirem em toda a parte. Entre outras Divindades se ele-

eleje o Excellentissimo Conde d'Oeyras , para que o guie , e conduza no carro do Sol pelo Celeste Zodiaco á presença de seu geral obsequio. Chega o Sabio Conde ao Parnaso em figura de triumpho. Agrado com que do Principe he recebido , e bem acceito : Beijaõ todas ao Principe a Real mão , e se reproduzem pelo Universo. Encarrega-se Diana da inseparavel assistencia da Serenissima Princeza ; e vda o carro do Sol pela direcção do Conde com o Serenissimo Principe às Celestes Esferas. Aparece no Oriente da Asia. Descreve-se sua Geographica situação. Juntaõ-se as Musas na Ilha de Goa , onde o applaudem , e obsequiãõ. Advertencias , que lhe faz o Conde , sobre o canto das Musas , e sua materia.

Guia o Conde o carro do novo Phebo pela regular carreira , e dando hum pequeno vdo para o Occidente , introduz ao Principe na grande América. Descripção Geographica deste Continente. Affecto com que nelle se applaude o Serenissimo Principe. Di-

*Dirije-se o luminoso carro para o Continente da Africa. Noticias historicas ; com que o Conde procura inflammar ao Principe nas emprezas Africanas. Applaudem-o as Musas neste Continente.*

*Encaminha-se o carro para o Mediterraneo , que divide o Septentriaõ da Africa do Meridiano da Italia : Passa estes Reynos , cujos confins se descrevem , e chega aos montes Alpes , que os separaõ dos de França. Nelles se juntaõ as Musas Italianas , e Francezas , e applaudem alternadamente ao Principe Lusitano. Descripção Geographica dos Reynos de França. Passa pelos Pireneos , e entra nos Reynos de Hespanha. Descripção Geographica destes Reynos. Em Madrid , e Toledo o obsequiãõ as Musas Castelhanas pelas Ninfas do Tejo , e Mançanares.*

*Entra pelas terras da Coa em Portugal : Avista a Cidade da Guarda , que com ellas confina ; Engrandece-se o formal desta Cidade ; A fidelidade , e honra*

*ra de seus habitantes Nobres , e Plebeos. Mostra-se o amor , com que applaudem o felice Nascimento de seu Serenissimo Principe ; a cujo obsequio dão principio com huma Oraçãõ Panegyrica , com que , depois de passar á Provincia da Extremadura , e se restituir á sua Corte o Principe da Beira , se conclue a terceira , e ultima Parte do Parnaso Real.*

**A** Cabou o claro Apollo de repicar os dourados Signos , principiando o seu luminoso circulo no ultimo da fragrante Primavera ; tempo em que Zefiro , e Flora deixãõ cahir no regaço da fecunda Pomona as flores transformadas em fructos ; clara idéa , e feliz annuncio da gloriosa fecundidade de nossos Serenissimos Principes ao mesmo tempo desposados : e completando-o no duodecimo , deo principio a outro circulo , para fazer evidente neste segundo o que tinha annunciado

ciado no primeiro : Passou o Cancro , e chegando ao Leão , baixou ao Parnaso ; onde achou as doces companheiras festejando ainda incançavelmente o glorioso , e Real Hymeneo , tão encantadas deste doce Assumpto , que não se lembravaõ de outro ; inda que para o esperar lhes estava bem anunciado : e sentando-se na sua presidencia , fallou deste modo ao Sabio Congresso das Musas.

**B** Em vedes , charissimas Irmaãs , em que Signo estou , e para que Signo caminho : Sabey que aquella Virgem ha de parir este Leão : Brevemente o produzirá no grande Olympo Lusitano ( theatro por este motivo da universal gloria deste mundo ) com o Sagrado destino de ser Rey dos homens , assim como o Leão o he das feras : Parece-me que já o vejo nascer mais como Principe para recomendar grandezas á eternidade , que como homem para tributar misérias á morte ; tão generoso , tão animoso , tão claramente ,



mente , e em huma palavra , taõ Senhor de si , que ainda que o destino o produzi-  
ra só para fer homem , a natureza o fi-  
zera Principe , e Senhor dos mais ; que  
naõ póde fer Senhor dos mais o que naõ  
he Senhor de si. O Leaõ quando nasce ,  
ou morre por tres dias para resurgir mais  
vivo que as outras feras ; ou por tres  
dias dorme , para dar exemplo de acordo  
ás mayores vigilancias. Tres dias bastaõ  
de descanso para a vigilancia , que requer  
o imperio dos brutos ; porque he regula-  
do por aquelle Universal Author , que só  
aõ homem deo livre alvedrio para poder  
merecer o alto fim , para que foy creado :  
mas para reger ao Genero humano he  
necessaria toda a que nos promette o nos-  
so Leaõ Menino tanto tempo dormido ,  
ou sepultado no ventre Materno. Muito  
tempo antes de o conceber o ventre da  
Mãe , o concebeo o desejo commum : e  
outro tanto esteve dormido no mysterioso  
descuido de seu effectivo cumprimento ,  
para despertar com mais acordo. Muito

O

tem-

tempo antes de nascido para o bem da Monarchia , nasceo para os felices annuncios da sua fama : e outro tanto esteve morto no Materno ventre , para eternizar as acçoens da sua vida.

E em fim , para mostrar que nasce para ser Deidade entre os nascidos , cuja vida he sonho da morte ; quer dar a entender , que a sua morte he sonho da vida , e da immortalidade : *Recumbens ut Leo quiescit , quem suscitare quis audebit ?* ( a ) Quem se atreverá a despertá-lo ? Que se o nosso amor o deseja acordado , o respeito , e reverente temor de seus rúgidos suspende o nosso desejo. Mas já os ternos gemidos da chara Mãy o despertão. Ahi a tendes sacrificada pelo common intereffe a comprar á custa das dores da morte a vossa vida , e do seu descommodo a vossa felicidade ; pois está disposta a produzir-vos aquelle Principe , que verdadeiramente ha de morrer para si , no mesmo ponto que nascer para vós : *Mulier*

( a ) Num. 24. 4.

*lier cum parit tristitiam habet , quia venit hora ejus.* ( a ) Mas a nossa doce Mãy ha de converter em alegria a tristeza das outras Mãys ; porque quem taõ heroicamente se sacrifica ao bem commum , e felicidade da Patria , naõ ha de parir hum homem como mulher ; ha de produzir hum Rey como Divindade. He chegada a desejada hora , amabilissima Princeza , que ha de desfatar com vossas ligaduras as de nossos fieis oraculos , e gloriosos vaticinios : He chegada a hora , que ha de declarar-vos fonte da nossa felicidade , principio da nossa esperança , causa da nossa alegria , origem do nosso augmento , e em huma palavra , Mãy do nosso Pay. Invocarey o auxilio da candida Lucina , para que vos converta em suave sacrificio aquella pensaõ , de que fórma crueis victimas ao seu culto a natureza humana.

O 2

Def-

( a ) Joan. 16.

**D** Esperta , ó clara Delia namorada ,  
Se junto a teu Pastor estás dormida ;  
Attende a quem te invoca , Irmaã que-  
rida ,  
Se nos bosques te enlêas descuidada.  
Deixa a imagem da morte idolatrada ,  
Por quem perdida perdes mais que a vi-  
da :  
Deixa c'os cervos , de quem és servida ,  
Os enfayos de guerra taõ cançada.  
Assim nunca se eclipse tua belleza ,  
Que faças doce o sacrificio agre  
De nossa amabilissima Princeza ;  
E a natureza votos te confagre ,  
Que o milagre mayor da natureza  
Se produza no mundo por milagre.

**F**icáraõ as Musas suspenfas na expectação de tanta dita , como o Vaticinante Apollo lhes annunciava : Já antes de nascido decantava o clarim da Fama em todo o Reyno esta feliz producção de nossa Serenissima Princeza com o varonil titulo de Principe : Assim parece se deixava registrar no ventre Materno , como se fora aquelle resplandecente Planeta , que *Non est qui se abscondat à calore ejus* , ( a ) ou , como diz a Glossa : *Non est qui calorem ejus non sentiat*. E o Real Erario , que o occultava entre as sombras da incerteza , mais transparente que o crystal , mais diafano que o globo da Lua , que dentro de sua opacidade mostra , a pezar das sombras da noite , os resplandores do Planeta auzente.

**A**O Vaticinio de Apollo conrespondeo o desvélo de Diana com a noticia do venturoso effeito ; porque tanto que a Serenissima Princeza dos Brasís deo á luz  
com

( a ) Psálm. 18.

com successo portentoso o Serenissimo Principe da Beira em o dia vinte e hum de Agosto do presente anno de mil settecentos sessenta e hum , ella o recebeo em seus braços , e depois de solicitar-lhe a benção de seus Serenissimos Pays , e Augustissimos Avôs , acompanhada das castas , e formosas Ninfas , o conduzio debaixo de Magestoso Pállio ao Sagrado monte das Musas , que , recebendo-o com infinitos vivas , o collocáraõ , e expuzeraõ no mais alto lugar delle á vista não só do Imperio Lusitano , mas de todo o Universo. Os braços do venturoso Apollo lhe serviraõ de Berço , e de Solio debaixo de hum docel Magestosissimo : Alli o alimentava o Divino nectar ; com que a Providencia de Jove lhe assistia : humas lhe teciaõ de rosas amorosas Capellas , outras lhe cingiaõ de louro triunfantes Coroas , e outras , finalmente , em lugar de Ceptros , lhe enchiaõ as mãos de palmas ; tudo em tanto numero , que apenas haveria no mundo Dominios para tantos Ceptros ,  
nem

nem Reynos para tantas Coroas ; glorioso annuncio de que nascia para Rey dos Reys entre os mundanos ; ou para contar os Reynos pelo numero dos coraçoes de seus Vassallos.

No fital lhe tinhaõ bordado as Ninfas o Sacratissimo , e impenetravel Escudo orlado de Palmas , e Coroas em lugar de Castellos , sobre o qual se levantava immediato ao Divino timbre o invencivel Estandarte , com que o Rey do Ceo triunfou do mundo , com a veneravel tradição de nossos Fidelissimos Monarchas , nelle escrita com sangue de infieis Idolatrias : *In hoc signo vinces*. Nascia sua aste de hum globo cercado de varias bandeiras ; que , representando-lhe a fabrica de todo o Univerfo , lhe figurava o mais glorioso despojo.

O terno Principe , entre taõ altos , e heroicos adornos , naõ apartava , como verdadeira Aguia , os serenos olhos daquella mysteriosa Serpente , que , como figura do Sol de Justiça , adorava por  
tim-

timbre , e reconhecia por norte : de modo que sem focego , como vagos , e errantes , os derramava em outros objectos , e só neste , como em seu centro , descansava : Bem se lhe podia applicar aquella empreza do politico Saavedra , que junto á agulha de marear fixa no Pólo escreveu este lemma : *Immobilis ad immobile numen.* ( a ) A esta gloriosa diviza ( que , contra todo o poder , o animava , melhor que a Mãe commūa ao Gigante , com quem Alcides contendia ) parece reconhecia elle já como synonyma da vara de Moysés , não só para que com ella assim convertida em Serpente pudesse exceder o esforço de Hercules em despedaçar outras no berço , mas imitar o espirito de Moysés em devorá-las no conflicto. Neste Divino Objecto reconhecia o melhor antidoto contra o seu veneno ; pois que a Serpente exaltada na Cruz , melhor que os Planetas em seus Signos , pronosticava assegurar-lo , e defendê-lo em seu Imperio

( a ) Saavedra emprez. 24.



com a mesma virtude, com que defendeo a Israel no caminho do mar Roxo: Pelo que, se junto ao Estandarte se lia: *In hoc signo vinces*; junto ao timbre se lia tambem pela bocca do mesmo Oraculo: *In hoc signo vives*; (a) para que á vista destas duas letras vieffemos a entender que o nosso Lusitano Alcides, depois de vencer tudo, venceria a mesma morte, e pararia com a gloria de seus triunfos em o *Non plus ultra* da eternidade.

Assim como a Cegonha affegura sobre as torres dos Templos o seu ninho, firmará o nosso Principe na Igreja de Christo o seu Throno; porque, como discorre o mesmo Saavedra; (b) havendo a Igreja de prevalecer perpetuamente contra toda a adversidade, o que nella se firmar prevalecerá perpetuamente. Não se apartará deste fundamento com especialidade aquelle Principe, cujo Reyno foy fundado, e amplificado por Christo: cu-

(a) Num. 21. 8.

(b) Saavedr. empr. 25.

jos ascendentes , como Gedeão , Barac , Samſam , Jephthe , David , e Samuel : *Per fidem vicerunt regna , operati sunt iuſtitiam , adepti sunt repromiſſiones ;* ( a ) porque tem o ſignal da Cruz por pacto de ſuas victorias , e regra de ſuas empresas. Neſta conformidade ſe dirigia do alto ao noſſo Principe hum letreiro , que dizia : *Volo in te Imperium mihi ſtabilire ;* e outro volvia do noſſo Principe ao alto , que reſpondia : *Volo in te Imperium tibi ſtabilire.*

As cem boccas da Fama , cheyas de outros tantos clarins , ſemeavaõ , com gloria immortal do noſſo Principe , obſequios , congratulaçoens , e applauſos em Portugal , e nas quatro partes do mundo com a noticia de ſeu heroico nacimiento : e finalmente , as Muſas , e Niriſas , ajoelhadas em fórma de dous Coros ante ſeu Throno , lhe alternavaõ ſuaues Canticos , que ſubindo a ſeu Real conſpecto envoltos no reverente fumo de lagri-

( a ) Hebr. 11. 33.



A P O L L O  
 AO SERENISSIMO  
 PRINCIPE DA BEIRA  
 DOM JOZE

FRANCISCO XAVIER DE PAULA  
 DOMINGOS ANTONIO AGOSTINHO  
 ANASTACIO.

S O N E T O.

D. I O S  
 S E F. X. D. E. P. D. A. A. A.  
 eos , Jozé , que por sua , e vossa graça  
 imperio natural vos dá perfeito ;  
 Os mundos , que Alexandre sem effeito  
 solicitou , ao vosso Ceptro enlaça.  
 Sólo ternamente vos abraça ;  
 fogo , Terra , Mar , Ceo tendes sujeito ;  
 Xerxes invejará vosso respeito ,  
 desprezado dos mesmos , que ameaça.  
 Em vós Altas Coroas se ennobrecem ,  
 pelos signaes , que em vós se não ignoraõ  
 as que no Ceo , e terra se vos tecem.  
 as Deidades do Olympo vos namoraõ ;  
 as feras com razaõ vos obedecem ;  
 fros , Ceos , e Elementos vos adoraõ.

GLOS-

## G L O S S A S.

## C A L I O P E.

**S**E coroaſte , ó Sol , como confeſſas ,  
 De Joſué o valor , que a fama entõa ,  
 Corõa o de Jozé ; pois lhe profreſſas  
 Por Deos a ſujeiçãõ , que Deos lhe dõa :  
 Por deſempenho , em fim , de altas pro-  
 meſſas  
 Vos fará de ſeu giro alta Corõa ,  
 Que igualmente por ellas vo la traça  
 Deos , Jozé , que por ſua , e voſſa graça.

## E R A T O.

**A**Mor vos pôs á cinta a aurea aljava ,  
 Cũjo poder fatal rende-vos mais fõrte ;  
 Se em outros com a morte ſe igualava ,  
 Em vós triunfará da meſma morte :  
 Ao amor dos amores , que vos lava ,  
 Deveis gratificar tanta alta fõrte ,  
 Pois para o Imperio Univerſal eleito ,  
 Imperio natural vos dá perfeito.

URA-

## URANIA.

**A** Força d'armas conquistar queria  
 Os mundos , que entre os Astros figurava  
 Aquelle Rey , que a si se não vencia ,  
 Aquelle , que á ambição se sujeitava.  
 Rendido ao alto Nume , que vos guia ,  
 Manejando , Senhor , a vossa aljava ,  
 Renderéis com effeito a vosso peito  
 Os mundos , que Alexandre sem effeito.

## MELPOMENE.

**A** Fama de suas obras promettia  
 Apio Alexandrino immortal gloria ;  
 Cayo entre os Deoses vaõs se referia ;  
 Sapor de Rey dos Reys tinha a vangloria :  
 Gentilica , e soberba fantazia !  
 De vós fará o Ceo melhor memoria ;  
 Que o que a demencia destes com vaã traça  
 Solicitou , a vosso Ceptro enlaça.

CLIO.

## C L I O.

**E**M Zefiro suave convertido  
 Eólo vos corôa de aureas flores ;  
 Ainda que a Hyacintho parecido  
 A Apollo accumulais ternos favores :  
 Não vos arriscaõ , não , meu bem queri-  
 do ,  
 Não vos magoaõ émulos amores ;  
 Pois , se Apollo em seus braços vos en-  
 laça ,  
 Eólo ternamente vos abraça .

## P T E R S I C O R E S .

**C**Om laços amorosos singulares  
 Renderá vossa vista ; e vossa fama  
 O que contra hum milhaõ de Militares  
 Ao filho de Darío rende , e infama .  
 Ao vosso peito já em seus altares  
 O Senhor dos Exercitos inflamma ;  
 Que , pois sujeito a Deos tendes o peito ,  
 Fogo , Terra , Mar , Ceo tendes sujeito .  
 TA-

## TALIA.

**D**E vosso Ceptro ao mais ligeiro aceno  
 O monte humilhareis mais levantado,  
 Levantareis sobre elle o valle ameno,  
 Enfreareis o mar defenfreado:  
 Converter-se-ha por vós em leve feno  
 O trabalho de Alcides mais pezado;  
 E, de ver mar, e terra a vós sujeito,  
 Xerxes invejará vosso respeito.

## EUTERPE.

**D**Este se diz, que afflicto por Neptuno  
 Com grilhoens o ameaçára, indo á conquista  
 De Athenas, mas o indomito opportuno  
 Lhe fez ver que não ha quem lhe resista:  
 Comvosco não será taõ importuno;  
 Porque tudo se renderá vossa vista:  
 Ceda o soberbo Persa á vossa graça  
 Desprezado dos mesmos, que ameaça.



## P O L Y M N I A .

**C**omo o Sol resplandece em sua Au-  
rora ,

Na clara Europa estais resplandecendo ,  
E nas potencias , que ella mais adora ,  
Vos está adorando , e engrandecendo :  
A nobreza , que o Ceo vos condecóra ,  
Nos signaes desse Escudo se está vendo ;  
Em Deos vossas nobrezas se engrandecem ;  
Em vós altas Coroas se ennobrecem .

## C A L I O P E .

**E**M vosso terno rosto se diviza  
A Sapiencia , Graça , e Magestade ,  
Que estatuas immortaes vos solemniza  
No templo da suprema eternidade .  
Já vosso Real aspecto ao mundo aviza  
De vossa natural heroicidade ;  
Já suas quatro partes vos adoraõ ,  
Pelos signaes , que em vós se não ignoraõ .

Q

Com

**C**Om espirito mais que vegetal  
 Crescem as palmas já , que vos induzem ;  
 E para vossa fronte veneravel  
 Os louros immortaes se reproduzem :  
 Mas de Coroas , Principe adoravel,  
 Tantas , em fim , á vossa se reduzem ,  
 Que as Quinas orlareis , que vos guarne-  
 cem ,  
 Das que no Ceo , e terra se vos tecem.

**A**O tom de doces lyras , que manejaõ  
 Do Tejo as Ninfas vossas graças cantaõ ;  
 Humas a outras émulas se invejaõ ,  
 Todas comvosco , ó Principe , se encan-  
 taõ :  
 Se as Nayades dos rios vos festejaõ ,  
 As Napéas dos bosques vos decantaõ ;  
 Se de Nereo as filhas vos adoraõ ,  
 As Deidades do Olympto vos namoraõ.

En-

**E**Ntre heroicos annuncios de ternura  
Os coraçoes estais já derretendo ,  
Rendendo estais , Senhor , a penha dura ,  
Peitos , penhascos , e arvores movendo :  
Vassallagem formal tudo vos jura ;  
Creyo de Orpheo a lyra estais tangendo ;  
Pois já deixando Orpheo , de quem se es-  
quecem ,  
As feras com razaõ vos obedecem.

**M**As basta que o destino Soberano  
Vos eleja entre os mais , que vos esperaõ ,  
Senhor do peito illustre Lusitano ,  
A quem Neptuno , e Marte obedeceraõ :  
Este destino basta sobre-humano ,  
Para adorado serdes dos que imperaõ ;  
Pois pelos fins , que já vos condecoraõ ,  
Astros , Ceos , e Elementos vos adoraõ.

**E**M quanto as formosas Ninfas festejaõ o nosso Principe , suavizando com doces Canticos a acorde variedade dos instrumentos , passa o Sagrado Coro das Musas a congratular-se com seus Serenissimos Pays , e Augustissimos Avõs , cujos grandes coraçõens enchia de incomparavel jubilo a incomparavel felicidade deste preclarissimo Nascimento : Caliope , como Mestra , e Princeza dellas , rendida com o Ceptro , e Coroa aos pés de nosso Fidelissimo Monarcha , lhe representa por todas o reverente , qualificado , e grato amor , com que na Canção seguinte o deseja obsequiar.

## S E N H O R :

**D**E quem o mundo , e a Lusitana  
Fiel , feliz , heroica Monarchia ,  
De seus fastos recebe a mayor gloria ;  
A Divina Real Soberania  
Representay agora hum pouco humana ,  
E ousarey adorar vossa memoria :  
No Templo della gloriosa historia  
Em Mappas dilatados ,  
Em Padroens infinitos ,  
E em auriferas Laminas escritos ,  
Vossos annaes se vem eternizados  
Com valor sem segundo ,  
E gloria universal de todo o mundo.

Alta ,

**A**Lta ; e Divina graça a Luso attenta  
 Pelo immortal Joaõ reconduzida  
 Do Ceo vos trouxe á Lusitana terra :  
 A vós , por cujo nome sua vida  
 Por consequencia infálida se augmenta ;  
 Pois o augmento de Deos nelle se encerra.

( a )

Vossa graça , Jozé , a porta cerra  
 A toda a estranha gloria ,  
 Pois se de outro a bondade  
 No Egypto de seis Reys logra a vontade ,  
 Vós lograreis de todos a memoria :  
 Quem tal nome quiz dar-vos  
 Sobre tudo , Senhor , quiz augmentar-vos.

**O**Utro Jozé agora novamente  
 Por augmento nos dais de vosso augmento ,  
 O' Inclyto Monarcha dominante ;  
 Nelle dais , com excelso pensamento ,  
 Se ao Throno hum Successor equivalente ,  
 A' Lu-

( a ) *Joseph Domini augmentum , id est , augmentum cultus , seu accidentalis glorie.*

A' Lusitana Esféra hum novo Athlante :  
Inda que augmento tal , Astro brilhante ,  
Com os outros naõ some -  
A vossa Monarchia ,  
Este só sem os outros bastaria  
Para desempenhar o voffo nome ,  
E empenhar Soberano  
O grato , e fiel nome Lusitano.

**A** Ssim cravais a roda nos augmentos  
Da inconstante fortuna á Monarchia ,  
Que , prospera na mesma adversidade ,  
Mostra ao Ceo , e á terra a intençãõ pia  
Com que os edificaes nos fundamentos  
Da incorrupta , e gloriosa eternidade.  
Ao Olympo voareis como Deidade  
Coroado da gloria  
De vossas obras fructo ,  
E Luso vos fará certo o tributo  
De taõ firmes Padroens á sua memoria ,  
Que por huma medida sem medida  
Se talhe feu amor , e vossa vida.

## SEÑORA:

**C**uyo Solio preeminente  
Para gloria de Lufo en fu Emisfério,  
Divinizan en la mayor Alteza  
Las Aguilas Sagradas del Imperio,  
De la España el Leon Armipotente,  
Las Lizes de la Galica Nobleza.  
Em quien se admira por naturaleza  
El Estado de Parma engrandecido,  
Bearne, Lorena, e Mantua coronado,  
El Cetro de Navarra sublimado,  
De Bourbon Deificado el appellido;  
Y la Europa Sagrada  
De vuestra Augusta sangre laureada.



**S**I a la vuestra sublime , y Sacra Esféra  
Llegaren por ventura mis Canciones  
Tan indignas de Vuestra Magestad ,  
No culpareis , Señora , elevaciones  
De un' alma , que su asunto assi venera ,  
Qual imán de su grata voluntad.  
Recebid de una Musa la lealtad ,  
Con que applaude la gloria inexpressible ,  
Que por dos vezes Madre os pertenece ;  
Pues que la complacencia , que os merece ,  
Haze al dos vezés hijo tan plausible ,  
Que será simulacro eternifado .  
En quien adore el mundo vuestro agrado .

**E**N su tierno semblante estoi mirando  
Como en retrato vuestro , ò claro Espejo ,  
De vuestro gran valor las qualidades ;  
De animoso Leon con el despejo  
Los aquilinos buelos remontando ,  
Farnéseas inculcando heroicidades .

En los rayos de Vuestras Magestades ,  
Luminares mayores de la tierra ,

R

Ha

Ha de legitimar-se el Pòlo vuestro ;  
Que en vuestro exemplo el mas feliz  
maestro

De Reynar , la dichosa Estrella encierra  
Al que sub vuestras álas , y sobre ellas  
Ha de elevar su Throno a las Estrellas.

**E**L vuestro os asseguran con lealtad  
Los hijos , y Vassallos Lusitanos  
En sus vidas , honor , y coraçones ;  
Que en su amor deificais los Soberanos  
Fundamentos de vuestra Magestad  
Igualmente que en sus adoraciones :  
A fuer de vuestras altas perfecciones  
En sus almas reynais tan dulcemente ,  
Que os puedo assegurar acà en el suelo ,  
Que , passando-se Reyno , y Reyna al  
Cielo ,  
En ellas reynareis eternamente ,  
Y en Luso quedará con igual gloria ,  
Reynando sin igual vuestra memoria.

**P** Rinceza sublimada,  
Lustre de Portugal, do mundo inveja,  
Cujas acçoens coroar o Ceo deseja,  
De gloria eternizada;  
Porque o mundo obediente,  
Naõ basta a coroar-vos dignamente;  
Que he seu ambito estreito  
Para a esféra, e valor de voffo peito.

**N** Elle se vem gravados  
O timbre Fidelissimo Paterno,  
E o Catholico titulo Materno  
Por vós desempenhados,  
Em vós, Senhora, unidos,  
Amados, adorados, defendidos,  
Juntos em vós sem guerra,  
Para gloria do Ceo, e paz da terra.

**E**M vós faz harmonia  
 Tambem o Christianissimo de França,  
 Que gloriosamente vos alcança  
 Na tercia Jerarchia  
 Da Geração luzida  
 De Bourbon, em Henrique engrandecida,  
 N'um, e n'outro Luiz justificada,  
 E, finalmente, em vós divinizada.

**S**E em vosso peito avisto  
 Por tantos, e taes titulos gravada  
 A Religião, a Fé, e a Ley Sagrada  
 Da Igreja de Christo;  
 Que muito he que vos veja,  
 E vos venere o mundo viva Igreja,  
 Se, segundo o proposito, e intento,  
 Sois a Arca do Novo Testamento.

**S**E , Alta , e Feliz Princeza ,  
 Sois filha de Jozé , e de Maria ,  
 Que muito he que a Lusã Monarchia  
 Figure em Vossa Alteza  
 A sua Salvadora ,  
 E , se for necessario , Redemptora ,  
 E que em vós a Jesus lembrar intente ,  
 Se o figurais no timbre da Serpente

**S**EI no glorioso dia ,  
 Em que nasceo a Rainha do Ceo ,  
 A da terra fez annos que nasceo ,  
 E ao nome de Jozé os de Maria  
 Dobrados , e acclamados se juntavaõ :  
 Se disse que os cultos se equivocavaõ ;  
 Mal pódem omittir nossos affectos ,  
 Que em vós thé se equivocãõ os objectos .

**S**E vos chamais Maria,  
E vossa Mãe se chama também Anna,  
Que muito, ó Princeza Soberana,  
Que a Lusã Monarchia  
Quando por taes, e tantos caracteres  
Vos não chame bendita entre as mulheres,  
Entre outras empezas  
Vos acclame bendita entre as Princezas!

**Q**ue muito deis, Senhora, á luz do  
mundo  
Esse Principe novo,  
Que a salvaçõ trouxesse de seu Povo;  
E com destino altissimo, e profundo,  
E effeito verdadeiro,  
O remisse do triste cativoiro,  
Que sem elle esperava,  
E no estranho Dominio o ameaçava!

**G**Raças a Deos ; Sênhora ,  
 Que seus olhos quiz pôr no seu Imperio ,  
 E nos livrou de todo o vituperio  
 Naquella feliz hora ,  
 Em que nos deo taõ prospera Princeza :  
 Graças a Vossa Alteza ,  
 Por onde tanto bem se nos envia ,  
 Porque são vossas mãos mãos de Maria .

**S**E attendo para os fellos Soberanos  
 Com que vos distinguio a Omnipotencia ;  
 Se olho para a vaidade , e gran fallencia  
 Dos Imperios mundanos ;  
 Se advirto a que do Culto dos Altares  
 Vos estimulaõ tantos exemplares ,  
 Quantos a Igreja adora em vossa linha ,  
 Mais vos espero Santa , que Rainha .

**A** Igreja triunfante  
 Digno Cepetro , e Coroa vos prepara :  
 Culto espirital , perpetua Ara  
 Vos offerece , e erige a Militante ;  
 Para que o Rey dos Reys em ambas ellas  
 Vos dê Cepetro immortal , Throno de E-  
 strellas ;  
 E depois de alta vida no Orbe Hesperio  
 Eleve ao feu Imperio o voffo Imperio.



**S**erenissimo Infante:  
Vendo o nosso Magnifico Monarcha  
Dotado sem medida , termo , ou marca ,  
Em vós hum coração alto , e constante  
De todas as heroicas qualidades ,  
Que a muitos tem subido a ser Deidades ,  
Ecolheo para o logro da mayor  
A vós entre milhares por melhor.

**E**Leição tão ditosa  
Não a fez , não , sem superior consulta ;  
Pois della vemos já que nos resulta  
A benção gloriosa  
De vossa varonil fecundidade ,  
Premio tambem de vossa castidade ,  
Com que a terra altos timbres vos renova ,  
E o Ceo gloriosamente vos approva.

**N**Aõ foy ao Capitolio  
 Buscar-vos os Romanos exemplares ;  
 Que Heróes mais immortaes , e singulares  
 Descobrio em feu Solio ;  
 Aonde tem reynado felizmente  
 A fé , a heroicidade , o ardor potente ,  
 E , com geral affombro dos mundanos ,  
 Mór valor que o dos Gregos , e Romanos.

**E**M vós a fé coroada  
 Vio de Affonso o Primeiro , e de Fer-  
 nando :  
 E de Pedro o Primeiro venerando  
 A grande réctidaõ civilizada :  
 De Duarte a innocencia , e intençãõ pia ;  
 De Diniz o respeito , e economia ;  
 De Joaõ o Segundo a perfeiçãõ ,  
 E do Quinto a policia , e devoçãõ.

**D**E todos , finalmente ,  
Vio em vós o valor , e a Christandade ;  
Do Grande Avô a affavel Magestade  
Se reconhece em vós como excellente ;  
Sois mais que Manoel já venturoso ,  
Por fer de tal Princeza digno Esposo  
Excedeis da ventura a mór grandeza ;  
Pois Pay de hum filho fois de tal Princeza.

**Q**ue bem desempenhastes a fiança ,  
Que em vós assegurava a Monarchia !  
Que venturoso dia  
O em que ella pôs em vós sua esperança !  
Em vós fundamentada ,  
Naõ fahio , nem fahirá jámais frustrada :  
Sempre será feliz , sempre jucunda ;  
Porque a vossa , Senhor , em Deos se  
funda.

**A** Vosso culto Portugal se applica  
Com taõ intenso amor, e gloria tanta,  
Que em cada peito hum templo vos le-  
vanta,  
E em cada templo huma alma vos dedica,  
Que sendo estatua viva, e animada  
No de vossa memoria consagrada,  
Immortalize grata vossa gloria;  
Glorifique immortal vossa memoria..

**D**ifferaõ : E , supposta a licença dos Soberanos , voltáraõ para o Parnaço , onde tinhaõ deixado nos braços de Apollo o seu querido Objecto com as Ninfas divertido ; e , achando tudo no mesmo estado , propuzeraõ ao Presidente , que era bem se communicasse o applauso de taõ glorioso Principe desde o Parnaço a todas as partes do mundo ; para que fosse seu Alto Nome por todas as gentes celebrado : Que ellas para este effeito se reproduzisssem pelo Universo racional , e politico ; e que elle Presidente as acompanhasse nesta empreza , pois devia ser o mais interessado em taõ devido obsequio : E querendo que o seu Real Objecto fosse presente a tudo , e se lhe mostrasse a mesma terrestre Esféra , que havia de ser theatro de sua gloria , passáraõ a consultar de que Deidade o fiação , que pudesse substituir-lhe os braços de Apollo , sem estranhar a mudança ; e conduzi-lo no resplandecente carro do mesmo

mo á presença de feu universal applauso. Humas votáraõ em Mercurio ; porque , como taõ grande Astronomico , estaria mais que todos versado nos caminhos das Esféras. Outras em Marte ; porque , como taõ valoroso , o podia defender de qualquer perigo. Outras , finalmente , em Venus ; porque , como Mãy do amor , o saberia guiar com mais agrado. Oppuzeraõ-se outras , dizendo , que , nem as notórias artes de Mercurio , nem os sanguinolentos horrores de Marte , nem os femininos agrados de Venus podiaõ guiar o seu Príncipe sem precipicio : e , vendo Apollo taõ empatados os votos , resolveo , como Presidente , o seguinte :

**H**Um espirito vos darey entre os humanos , que já por suas heroicas virtudes tem sublime lugar entre as Deidades : Nelle se achaõ das sobreditas todas as qualidades igualmente unidas , que mutua , e prudentemente correptas : He este o Excellentissimo Conde d'Oeyras , que tem

tem governado tão felizmente o carro do Sol Lusitano , que bem póde ensinar-me a luzir no governo do meu carro , e conduzir nelle com felicidade ao nosso Menino : Não temais se precipite como Phaetonte quem sabe tão felizmente segurar o Rey em seu Reyno , e o Reyno em seu Rey. Este he o Joseph , que , immortalizando-se na graça , não dos Pharaós Egypticos , mas dos Fidelissimos Monarchas Lusitanos , tem feito , e fará felices as calamidades destes Reynos , e ensinado os estranhos a ser prudentes , e advertidos. Este he o Daniel de Portugal , que , no primeiro Ministerio de Lisboa , quasi Propheta claro entre as confuzoens de Babilonia em Chaldêa , tem triunfado gloriosamente não só da emulação , e mordacidade , mas tambem da adulação , e lisonga , pelo superior espirito , e recta intenção , que o acompanha. Este he : : : mas para que he mostrar-vos por similhanças hum Heróe tão superlativo , que só póde ser comparativo de si mesmo ? A poucos periodos ,

riodos , posto que grandes , vos reduzi-  
rey toda a sua gloria ; e se o reduzir o  
mar vos parece impraticavel , agora o ve-  
reis praticado como possivel : Este he o  
Vaso da eleiçãõ , e agrado daquelle Mo-  
narcha , que tem o primeiro nome entre  
os Lusitanos : Aquella Deidade armada ,  
que por ser producto do cerebro do mes-  
mo Jove , deveis reconhecer como Dei-  
dade : nem a de Mercurio com a sua  
Astronomia , nem a de Marte com o seu  
valor , nem a de Venus com o seu amor  
podiaõ guiar o carro da immortal gloria  
do nosso Principe com tanto agrado , fe-  
gurança , e prudencia. Esta Deidade sim,  
que , como primeiro mobil de todas as  
Esféras , por sua virtude , actividade , e  
engenho todas as Esféras se movem. Esta  
sim ; cujo coraçãõ , superior a todas as  
empresas , tem triunfado do furor dos E-  
lementos , e influencia dos Astros , fazen-  
do escurecer á vista de suas obras todas as  
que limitou Hercules nas columnas Gadit-  
anas. Esta sim ; que he superior a todo  
o agra-



o agrado ; pois prescindindo do que o mundo todo lhe celebra , pela urbanidade , suavidade , e doçura , que em seu trato admira , enche de tal modo as medidas do Real conceito , que imaginar-lhe contingente o de nosso Serenissimo Principe , seria offensa do respeito do mesmo Principe , convertida em seu impraticavel , e impossivel defabono. Esta , finalmente , fim ; que , por ser o ornamento da Beira , e toda a sua gloria , deve ser tambem a guia do Serenissimo Principe da Beira. Onde poderemos achar Varão como este , que , por ser tão propriamente nosso , e tanto do Real agrado , nos perpetue com o exercicio de sua fidelidade no Real serviço , e culto ; e incline a Real generosidade ao nosso favor , e augmento ? *Nunquid invenire poterimus talem virum , qui Spiritu Dei plenus sit ? : : Nunquid Sapientio rem , & consimilem illius invenire poterimus ?* (a)

T

Dif-

( a ) Gen. 41. v. 38. 39.

**D**isse : E approvando as Musas com uniforme aclamação , e applauso a deliberação do Presidente , a puzeraõ em effeito , fazendo conduzir no resplandecente carro do mesmo o Excellentissimo Conde ao illuminado Parnaso em figura de triunfo : Hia diante a Fama enchendo o mundo daquelles mesmos sonorosos éc-cos , que precediaõ o carro do Vice-Rey do Egypto pelo Supremo Decreto ; *id est : Clamante præcone , ut omnes coram eo genuflecterent : : : & absque suo Imperio non moveret quisquam manum , aut pedem in omni terra.* (1a.) Chêgou ao castalido monte , onde , tanto que o vio o Serenissimo Principe , sem lhe dar lugar a que se apeasse , extendeo os braços para elle com tanto alvoroço , e alegria , que bem deo a conhecer que nelle tinha a grande complacencia , que Apollo lhe annunciára. Beijando-lhe todas a terna maõ , e tomada a costumada venia , se repartiraõ ,

( a ) Gen. 41. 43.

raõ , ou reproduziraõ por todo o mundo , como tinhaõ propoſto , para lhe forma-rem geral applauſo : A Diana ſe encarregou a inſeparavel aſſiſtencia da Sereniſſima Princeza ; e o Conde , eſtimulando os luminofos cavallos , voou no carro de ſua gloria com o Sereniſſimo Principe ás Ce-leſtes Eſféras , deixando a todos bem certiſicados de que o ſeu governo , a pezar de toda a força dos Fados , adverſidade dos Aſtros , e furor dos Elementos , ſeria taõ ſeguro , e feliz para o noſſo Auguſto Menino , como foy para a nave de Enéas o de Palinuro , ou para todas o Maſſilienſe Telo , de quem diſſe Lucano :

*Dirigit huc puppim magni quoque dex-  
tra Telonis , ( a )*

*Qua nullam melius pelago turbante carinæ  
Audivere manum : Nec lux eſt notior ulli  
Craſtina , ſeu Phœbum videat , ſeu cornua  
Lunæ ,*

*Semper venturis componere Carbaſa ven-  
tis.* T. 2.º B.

( a ) Lucan. 1. 3.

Banhou os inflammados cavallos no grande lago do Occidente , e , passando a outro Emisfério , depois de breve intervállo , se nos mostrou segunda vez nascido o nosso glorioso Principe , para dar a entender ao mundo , que feu apparente Occaso seria em todo o tempo argumento verdadeiro de refuscitar immortal no Oriente ; e que se algum dia nos escondesse as suas luzes como homem , se nos manifestaria como Pheniz gloriosamente renascido , e como Sol Lusitano heroicamente immortalizado : Para este effeito *Posuit in Sole tabernaculum suum* , e surgindo do argenteo sepulchro das ondas dos mares Orientaes da Asia : *Sicut Sponsus procedens de thalamo suo , exultavit ut gigas ad currendam viam , à summo Cælo egressio ejus , & occursum ejus usque ad summum ejus : nec est qui se abscondat à calore ejus* , ou , segundo a glossa : *Ad Orientem , unde egressus est , nec est qui calorem ejus non sentiat* , lhe propôs o Excellentissimo Conde a regra  
por

por onde seus gloriosos Antecessores governáraõ seus luminosos cursos , como fiel argumento de seus piedosos progressos , que he o que do referido Psalmo se segue : *Lex Domini immaculata convertens animas.* Que vem a dizer ao nosso intento , Amplificaçaõ da Ley Divina em a conversaõ das almas : empresas , e obras , que por si , e especialmente para os Principes Lusitanos se fazem appeteciveis , como a mesma regra lhe declara : *Desiderabilia super aurum , & lapidem pretiosum multum , & dulciora super mel , & favum.* E nesta conformidade principiou a dirigir o seu , e nosso Principe pelo seguinte modo :

**E** Sta parte do mundo , Senhor , onde Alto , e Divino influxo vos não guiou agora talvez sem grande Mysterio , a quem servem de marcos , e divizas ao Occidente o Mar Roxo ; ao Oriente o da China ; ao Septentriaõ o Glacial ; e ao Meyo dia o das Indias , e Arabia , que a  
divi-

divide das terras Antarticas , he a grande Asia , que se estende desde o Tropico de Cancro até o circulo Polar Artico ; e em mil e oytocentas legoas de largura , e duas mil e trezentas de comprimento comprehendendo parte da Turquia desde o mar Mediterraneo até o Caspio , e desde o negro até o Oceano Indico. A Persia : que para o Austro confina com o mesmo Oceano ; e para o Septentrião com o rio Geum , e a Gran Tartaria ; e ao Occidente a dita Turquia , e a Georgia. A Gran Tartaria : dividida da China para o Septentrião da mesma com os grandes muros naturaes , e artificiaes. A China para a parte Oriental ; As Indias ; a quem dá nome o Indo , que as atravessa pela parte do Occidente : e finalmente as Ilhas do Oceano , e Mediterraneo. Esta grande parte , pois , tão grande no material , como de vosso resplandecente Zodiaco estais vendo , ainda no formal he mayor ; mas ouví o canto das Musas , que na grande Capital de vosso Oriental Imperio entre

os Sagrados Indo , e Ganges celebraõ vos-  
so Nome , e applaudem vossõ feliz Nas-  
cimento.

**F**eliz , e glorioso seja o dia ,  
Que ostenta no Oriente renascido  
O Grande , e immortal Phebo Lusitano :  
Vinde , Jozé sublime , e esclarecido ,  
O destino seguî , e a intençãõ pia  
Dos Reys de Portugal pelo Oceano.  
Contra o torpe , e infiel Mahometano  
Vos quero ver armado ;  
Que do Povo Sagrado  
Sõmente defendido quero ver-vos.  
Se algum peito intentar deste offender-vos ,  
Com o Escudo vos defendereis ,  
Que vos empenha contra os infieis.

**V** Edes quem rouba ao Indo aureos tributos,  
 Que antes de os conduzir aos vossos mares  
 Os goza por ligeiro, e breve atalho?  
 Vedes que, profanados os altares,  
 Outrem logra, Senhor, os doces fructos  
 Das viagens de Luso, e seu trabalho?  
 Pois nas terras, por onde o canto espalho,  
 Honra dos Portuguezes,  
 Provento de Holandezes,  
 Alcançáraõ victorias sublimadas,  
 Mais que as folhas, as cruces das espadas;  
 No Ganges os infieis santificando,  
 E o ouro de seus votos bem logrando.

**V** Edes o Occaso deste Continente?  
 Pois o Cedrino monte da Phenicia,  
 E a celebre Damasco junto ao monte,  
 Vos dará para as armas da Milicia,  
 E para os seus trophéos, áço eminente,  
 E palmas, que corôem vossa fronte:  
 O áço duro, Senhor, desse Horizonte  
 Pe-



Pela arte da Alchimia Lusitana ,  
Se converte no Ophir da Ilha Indiana  
De Samatra , ou da aurea Cherfonezo ;  
Na prata do Japaõ , que o doce pezo  
Abraçou por Xavier da Ley Divina ,  
E nas minas da rica , e fertil China.

**D**Esde a Gran Capital , e Soberana  
Daquelle Imperio , que outrem avassalla ,  
Seguî a Costa na Lagôa immensa  
Das Indias , thé o Golfo de Bengala ,  
Vereis o Malabar , e a Taprobana ,  
E de Coromandel a Costa extensa :  
Olhay que esta Peninsula taõ densa ,  
Que fica de Mogol ao Meyo dia ,  
E áquem do Gange está , vos desafia  
No Reyno de Golconda  
C'os preciosos diamantes de Ralsconda ,  
Safiras , e rubins , e o mais , que agora  
Em maõs alhêas por seu dono chora.

**T**udo chora por vós , Excelso Infante ,  
 Nestes Reynos da Aurora , tanto assim ,  
 Que até chora por vós a mesma Aurora ;  
 Que as perlas de Barem ; e Comorim  
 São testemunho bem justificante  
 Das copiosas lagrimas , que chora.  
 Chora a Syria tambem por quem a adora ,  
 Mais que Arabia , Georgia , e mais que  
 Armenia :  
 Alcatifando está leda a Aquemenia  
 A' Persia antigo Imperio dos Assyrios ;  
 Porque emendeis de Ali os vaos delirios ,  
 E humilheis Magestoso seus turbantes  
 Sobre estrados , e toldos triunfantes.

**O** Reyno de Bengala , e seus diamantes ,  
 E Chatigaõ d'álém do Ganges posta  
 Juntos ao mesmo golfo , e ao mesmo rio :  
 Os de Ava , de Arracaõ , e os abundantes  
 Bramas , e os de Siam , virando a Costa ,  
 Suspiraõ pelo vosso Senhorio.

Mas

Mas que me canço eu , ou que porfio ?  
Toda a Asia , Senhor , por vós espera  
Como as plantas á alegre Primavera ;  
Porque o Mogol , Sophi , e o Gran Chi-  
nense ,  
O Turco , o Moscovita , e Japonense  
Tem deste Imperio o nome , e a utilida-  
de ,  
E vós , Senhor , sem logro á propriedade.

**S**E já passais a outros Continentes  
Deixay de vossa volta alguns penhores ,  
Levay tambem alguns para memoria :  
De Aynaõ , e Cochinchina os moradores  
De aljofares , e perolas , presentes  
Com promessas vos daõ de mayor gloria :  
Levay as da Península de Coria ,  
Das Maldivas , as conchas celebradas ,  
E as escamas naõ menos estimadas ;  
E de Babelmandel roxo coral ,  
De Siaõ o marfim , será signal ,  
De que nunca jámais heis de esquecer-vos  
Deste mundo , que espera obedecer-vos.

**P** Reparareis , Senhor , vossas Armadas ,  
Arvorareis a Cruz , e as opulentas  
Armas resurgireis neste Oriente :  
Naõ vos detenha o vê-las ferrugentas ,  
Das mãos de vossa gente ora vedadas ,  
Que hum fórte Rey faz fórte a fraca gente :  
A vossos pés prostrado , e obediente  
Espero ao Tauro excelso , e arrogante :  
Que as Ninfas do Indo , e Ganges triun-  
fante  
Coroa de ouro , e pedras vos fabriquem ;  
E tanto , em fim , vos rendaõ , e dedi-  
quem ,  
Que o trabalho adocéis da Lusitania  
Com os favos de mel da dura Hircania.

**E**Mpreza Sagrada , e heroica he esta , a que as Musas vos convidaõ ; ( disse ao Serenissimo Principe o Fidelissimo Conde ) mas adverti que os motivos , que para ella vos assignaõ , se naõ coadunaõ com a vossa profissaõ , e destino : Olhay para o norte de vossas acçoens , que he a regra , ou argumento , que no principio de vosso luminoso curso vos mostrey : A amplificaçaõ da Ley Divina , e a conversaõ das almas saõ os fins , e interesses , que se devem fazer na vossa appeteciveis sobre o ouro , e pedras preciosas da Asia ; e mais doces que os favos de mel da sua Hircania. Ella vos oferece perolas , para que vos naõ esqueçais dellas ; dizey-lhe , que como Professor Evangelico dareis tudo o que tendes a troco da sua Terra Santa. Desta Margarita preciosa levareis , Senhor , alguma Reliquia , que vos desperte , quando o inferno ( se naõ he impenetravel Mysterio do Ceo ) vos queirá tentar tambem a vós com

com o geral lethargo da Christandade. Seja a vossa primeira empreza a Santificação da Palestina ; que só Portugal deve emprendê-la ; porque só Portugal tem Armas para conquistá-la : Aqui , onde se arvorou a Cruz para resgatar o mundo , só quando a Cruz se arvorar se resgatará a mesma Cruz : E quem ha de arvorá-la , se não aquelle , a quem Deos a deo para estabelecer-lhe o seu Imperio : *Volo in te , & semine tuo Imperium mihi stabilire* : com a obrigação de levar , e fazer adorar entre os Gentios o seu Nome : *Ut deferas Nomen meum in exteras gentes* ?

Esta , Senhor , he a Instituição do vosso Reyno : este o vosso destino. Fiayvos em huma tradição tão veneravel , e tão pia , que lhe sobra o que tem de pia para se fazer veneravel. Quem ha , que se opponha a ella sem impiedade ? Quem ha , que a escureça sem cegueira ? Quem ha , que se atreva a derrubar aquelles Fundamentos , sobre que edificou Christo a vossa Casa , e nella o seu Imperio ? Quem ha ,

ha, que se atreva a derrubá-los, sem derrubar os miraculosos progressos, como que nesta Fé vossos gloriosos Predecessores os deixárao taõ comprovados? Fiay-vos, Senhor, que o que não se atrevem a negar os estranhos, o devem sustentar os naturaes por honra sua, e o deveis acreditar vós por honra vossa; julgando como crime de leza Magestade Divina, e humana, a minima controvérsia em taõ respeitavel materia.

Mas volvamos á Casa Santa: Seja ella, como disse, a vossa primeira empreza; porque depois de restituída ao seu Povo esta Arca do Novo Testamento, (a) eu vos prometto, que assim como a presença da do antigo derrubou os muros de Jericó, (b) e os Idolos dos Philistheos, esta derrube os da China, e subjugue no monte Tauro a soberba elevação de toda a Asia: Soppörtou Heli a infauista noticia do estrago de Israel, da victoria

(a) Jostué cap. 6.

(b) 1. Regum cap. 5.

etoria dos Philiftheos , e da morte de seus  
 filhos com animo imperturbavel ; mas tan-  
 to que ouvio que a Arca de Deos estava  
 cativa , cahio da cadeira , em que estava ,  
 e de puro sentimento perdeu a vida. Tan-  
 tos Seculos ha , que se acha cativa a Ca-  
 sa Santa , e não ha hum Heli , que se doa  
 do seu cativeiro ? Acafo , Senhor , terá  
 mais valor , é virtude a casa de Meca pa-  
 ra sustentar-se izenta , do que tem a Ca-  
 sa Santa , para remir-vos da affronta , com  
 que ha tantos Seculos a vedes cativa ? Ora  
 descançay , e descançe a Christandade ,  
 que ella se resgatará por si mesma : quei-  
 ra Deos não seja para gloria dos Infieis ,  
 e confusão dos Christãos ; porém muito  
 póde quem quer , e quem póde fundar  
 em Deos o seu poder.

Demos mais hum passo para o Occi-  
 dente , e deixemos a Asia para outro ma-  
 yor dia. Aquelle Continente também O-  
 riental a respeito do vosso Reyno Lusita-  
 nó ; mayor talvez por si só , que as ou-  
 tras tres partes do mundo , dividido em  
 duas ,



duas , Septentrional , e Meridional , e por todas , as thégora descobertas , cercado de mar ; com o estreito de Hudson ( appellido de feu descobridor ) para o Septentriaõ : A terra Austral para o Meyo dia : O mar do Norte para o Oriente , e o do Sul para o Occidente ; he a grande América ; de menos antiguidade , que todas na policia ; porque o feu commercio he moderno ; mas de mayor importancia que as mais ; naõ só pela sua grandeza , mas igualmente pela prodigiosa fecundidade de feu terreno. A parté Septentrional pertence aos descobrimentos de Castella : a Meridional aos de Portugal ; que descobrio a Costa do Brasil , ( titulo de seus Principes creado por Dom Joaõ o Quarto ) parte Oriental da América , pela conducta de Pedro Alvarez Cabral no anno de mil e quinhentos , o qual lhe pôs o nome de Santa Cruz , que he o melhor Padraõ dos Portuguezes , que depois lhe mudou o interessé em o das arvores de que abundaõ estes Países.

Dividio-se este Estado em quatorze Capitãnas, que qualquer dellas, computadas humas pelas outras, podia formar hum Reyno de Portugal, igual em grandeza, superior em riqueza; se se lhe applicasse o devido cuidado affim á povoação, e cultura, como ao commercio, e fortificação, que necessita, para invadir o emulo ordinario de nossas Conquistas, sombra que as segue, e persegue em todo o tempo, e em toda a parte. Mas ouvî, Senhor, o affecto, com que as Musas se vos consagraõ neste Continente.

**D** Eidade preeminente,  
 Doce fructo daquella flor suave,  
 Que de nossa ventura he mestra chave;  
 Flor fragrante, e excellente  
 Daquella Real Planta,  
 Cujá sombra Divina  
 Novos mundos, e Esféras illumina,  
 Erao Univerſo espanta,  
 Reflexo, influxo, rayo, ou clara sombra  
 Desse Sol, cuja luz o mundo affombra.  
 Huma Dama formosa,  
 Por ver, o naõ basta hum mundo á Ma-  
 gestosa  
 Immenſa Esféra de Jozé Segundo,  
 Vos tributa outro mundo obſequioſa.

**Q** Uereis, Senhor, vos diga  
 Como ſe chama eſta voſſa Dama?  
 Se vos agrada, América ſe chama:  
 Mas he taõ voſſa amiga,

E de taõ altos brios,  
 (Se he facil que finezas taes vos fomme)  
 Que pelo voffo quer perder feu nome,  
 Como o perdem no mar os grandes rios;  
 Que saõ os braços seus, com que a vós  
 corre  
 Para viver em vós; pois por vós morre.

Se Americo, que a ensinã,  
 Porque a descobre, Américã a nomina:  
 Do Alto Jozé pertende,  
 Que a chame, porque a rende, Josephina.

**R** Eclinay-lhe a cabeça  
 Sobre voffo cordial, e esquerdo braço;  
 Day-lhe com o direito hum terço abraço;  
 E arduo vós naõ pareça,  
 Que hum braço de Menino  
 Tenro, pequeno, infórme  
 Possa abraçar gigante taõ defórme;  
 Pois he braço Real, se pequeninõ:  
 Naõ ha quem mais que vós com ella possa:  
 Abraçay-a, Senhor, que he muito vossa.  
 Ella quer que estes mares  
 A ado-

A adorem como Esposa dos Cantares,  
 E he certo que o será,  
 Pois Deos a abraçará quando a abraçares.

**A** Mante vos namora,  
 E desvelada a América vos busca;  
 Não repareis, Senhor, que seja fusca,  
 Que o Sol a decolora:  
 Não a ingeiteis por negra,  
 Que he negra, mas formosa a Esposa  
 Sabia  
 Tal como os tabernáculos da Arabia,  
 Cujos ricos interiores a vista alegre  
 Fusca por fóra, e nitida por dentro,  
 De ouro e prata, e de diamantes fertil centro:

Com esta, a quem taes partes ennobreçem,  
 De Salomão as pelles se parecem;  
 Porque dentro de todos seus contornos  
 Explendidos adornos resplandecem.

He

**H**E esta Esposa, experta  
 Horto concluso, fonte sigillada  
 Ha muito para vós por Deos guardada :  
 Mais de cinco mil annos encoberta  
 Vos estive esperando,  
 Porque só vós gozasseis os tributos  
 De feus ricos, gentis, e doces frutos,  
 O' Principe immortal, e venerando,  
 Em premio de fazer-lhe conhecido  
 Do Rey dos Reys o nome engrandecido.  
 Que o que a historia da América exag-  
 gera  
 Index de vosso Imperio o considerai  
 Aquelle rico, e esplendido interior  
 De quem inda o melhor por vós espera.

**D**Ay Rey a quem sem elle vagabunda  
 Errante viadora, e desvelada  
 Vos busca de perder-se já cançada :  
 Day Ley a quem a funda  
 Contra as da natureza :  
 Day-lhe Deos, e da Fé a tocha acceza,  
 Em

Em lugar do arco , e setta , que maneja :  
 Augmentay os troféos da Excelsa Igreja ,  
 As Armas dirigê com digna gloria  
 Aonde o morrer nellas he victoria ,  
 Accrescentay a herdade ;  
 Cepetros accumulay á Magestade ;  
 E em fim , novos Imperios humilhay  
 Aos pés do Grande Pay da Christandade.

**A**ntes que as obsequiosas Musas  
concluiffem o seu Canto, que in-  
terrompeo o Conde com o se-  
guinte documento, taõ digno de  
seu piedoso peito, como proprio de taõ  
glorioso Alumno.

**T**endes ouvido, Senhor, o que vos  
basta para vos conformardes, quando  
for tempo, com a principal condiçãõ da  
instituiçãõ de vosso Reynado: pacto Di-  
vino, em cuja observancia consiste a con-  
servaçãõ, e amplificaçãõ do Lusitano Im-  
perio, como pelo tempo, e experiencia  
se acha bastantemente comprovado. Mas  
se vós, Senhor, gostais de que vos de-  
clare qual he a propria herança de vossas  
Armas, e o vivo estimulo de vossas Sa-  
gradas emprezas, olhay para o Occiden-  
te da Asia: Aquella parte do mundo,  
que desta se divide com o Estreito de  
Suez, he Africa, cercada para o Septen-  
triãõ pelo mar Mediterraneo; para o Me-  
yo



yo dia pelo Oceano ; para o Oriente pelo mar Vermelho ; e para o Occidente pelo Oceano Athlantico : Tem este Continente mil e quinhentas legoas de comprimento , e mil trezentas e cincoenta de largura , que terminaõ para os quatro O-rizontes nos quatro Cabos : Verde , de Non , de Boa Esperança , e Guardafuy. He esta parte do mundo , como disse , a herança de vossas armas ; porque depois que os primeiros Reys de Portugal expul-sáraõ os Mouros não sómente deste Reyno , mas de todas as Hespanhas , pela mesma porta , por onde de Africa sahiaõ a infestá-las , entrou Dom Joaõ o Primeiro , acompanhado do immortal , e Santo Condestavel , a dar feliz principio ás Conquistas Africanas , e á hereditaria successão de suas empresas : Conquistou a Cidade de Ceuta no anno de mil quatrocentos e quinze , e com esta gloriosa Conquista fechou aos Mouros de Africa as portas de Hespanha. Dom Duarte lhe succedeo no Reynado , e na mesma herança ;

Y

rança ; de sorte que , tendo acompanhado a seu Pay nesta feliz empreza , depois de empunhar o Ceptro , intentando a de Tanger , com menos fortuna da que merecia , offereceo aqui ao Ceo em seu Irmaõ o Santo Martyr Dom Fernando as primicias dos innumeraveis , e gloriosos Sacrificios , que neste Continente em honra , e abono de sua fidelidade , principiáraõ a estabelecer em seu exemplo os piedosos Lusitanos ; e aos Mouros de Africa hum Penhor , e Fiador de suas emprezas , feliz annuncio de nossos decantados , e successivos triumphos.

Successivos digo ; porque lhe succederãõ os de Affonso o Quinto na mesma Cidade de Tanger , e em outras muitas Praças , e cujas Conquistas o distinguiraõ dos de seu felicissimo nome , com o de Africano , pelo valor de suas armas bem merecido.

Dom Joaõ o Segundo , tendo acompanhado a Dom Affonso seu Pay na Conquista de Arzila , entrou no Reyno de

Con-

Congo , onde edificou Igrejas , e plantou a Fé , baptizando Rey , Filhos , e Vassallos , com grande gloria do Ceo , e espanto da terra : juntou a seus titulos o de Senhor de Guiné , e , entre outros heroicos progressos , abriu no descobrimento do Cabo de Boa Esperança as portas do mar da India para os da Asia .

Que direy de Dom Manoel ha este respeito ? Com o mesmo que elle dizia confirmarey o que tenho dito . Dizia elle , que as Conquistas de Africa eraõ propriamente suas , e as outras de seus Vassallos . De modo que cedendo nos Vassallos a gloria de todas suas Conquistas , que foraõ innumeraveis em diversas partes , a destas queria que fosse sómente sua ; porque só elle verdadeiramente era digno della . Naõ sey porque melhor calculo se possa avaliar a grandeza desta gloriosa herança .

Vivo estimulo de vossas empresas chamey eu em segundo lugar as Conquistas Africanas : E que estimulo mais vi-

vo , que o Senhor Dom Sebastião morto nellas ? E morto com taes , e tão firmes credulidades de vivo , que mais parece que cativo vos estimula ao resgate de sua liberdade , do que morto vos clama pela vingança de sua morte. Vede bem se são as Conquistas de Africa a herança , e patrimonio de vossas armas , e o vivo estimulo de vossas emprezas : mas attendey , Senhor , que tambem em Africa applaudem as Musas vosso feliz Nascimento. Sobre os hombros do robusto Atlante fundáraõ o seu tabernaculo ; que como as Musas se entendem pelas Celestes Esféras , não lhes fica novo , nem improprio , que seja seu Parnaço o que tem por officio o sustê-las. Dalli estaõ estimulando as fuscas Ninfas do rio Ethiopico , e as do celebrado Nilo , a que com danças , e outras festivas demonstraçoens vos dem , entre as sombras de sua obscuridade , claros testemunhos do seu amor.

Que

**Q**ue novo, e gentil Phebo illustra  
os Signos?

Quem rege o carro ardente, e luminoso,  
Que cheyo de doçura na alta Esféra  
Com influxos taõ novos, e benignos  
Os Pólos descongela caloroso,  
E esta calida Zona refrigera?

Quem taõ medidas flâmas reverbera,  
Que lá nas Glaciaes taõ igualmente  
Sabe assim alternar a noite, e o dia,  
Que luzindo, e assombrando os allumâ,  
Ou prezente lhe seja, ou seja auzente?

Quem taõ igual ferá, taõ sem igual,  
Se o Príncipe naõ for de Portugal?

**E**Ste he: Parabens ao mundo demos.  
Alviçaras, ó mundo, te pedimos;  
Pois que taõ grande Sol te annunciamos:  
Ouçamos suas Leys, que se as ouvimos  
Por ellas esta parte lhe daremos,

Que

Que em fórma cordial lhe confagramos.  
 Tomay, Príncipe, a posse, que vos damos,  
 De Africa; pois he condigna palma  
 A' vossa heróica alma taõ rendida,  
 Que, para vos servir com alma, e vida,  
 Toda he coração, e toda alma.  
 Recebey-a no vosso Patrocínio,  
 Que estranho lhe não he vosso Dominio.

**Q**ue quanto abraza o Sol, e o mar  
 rodéa,  
 E em seus Cabos, e Costas se accom-  
 moda,  
 Reconhece os Invictos Portuguezes.  
 Quanto o grã Nilo rega, e inunda em  
 roda  
 Ao mar Septentrional vos acarréa  
 Tributos Abyssinos, e Ethiopezes.  
 Ao som de vossos rigidos arnezes  
 Da Ethiopia correndo, a terra enluta  
 O grande Rio negro avassallado.  
 Aonde os pés vos beija o Sol prostrado  
 Os Chananeos á América tributa;  
 E ahi

E ahi mesmo , onde o nome , e curso perde,  
Vassallagem vos rende em Cabo Verde.

**O**S Satyros lascivos nemorosos  
Entre as bellas Napéas concertados,  
Mil bayles vos ensayaõ divertidos,  
Todos ao voffo culto consagrados,  
Vos cantaõ doces versos obsequiosos,  
De seus finos amores esquecidos:  
Os brutos nos desertos , abstrahidos  
De sua natural ferocidade ,  
Para vos applaudir , e celebrar ,  
Naõ lhes falta , Senhor , senaõ fallar ,  
Que bem mostraõ supprir com a vontade:  
Fallaõ de vós as aves taõ de intento ,  
Que supprem com a falla o entendimento.

**T**udo , ó Principe excelfo , vos ac-  
clama ,  
Tudo espera que com a vossa idade  
A de ouro em todo o mundo refuscite :  
E o que a morte á immortal heroydade  
Da

Dã ascendencia atalhou , que vos inflãma,  
A' Coroa cabal vos habilite:  
Jã o pérfido fado nos permite  
Huma esperança em vós taõ bem fundada ,  
Como por vossos Pays compromettida ;  
Nos heroicos Avôs taõ bem sustida ,  
Como ao termo de todas consultada.  
Os louros , que Manoel deixou cortados ,  
Vos esperaõ naõ só já renovados ,  
E na rama da gloria vaã crescidos ,  
Mas em fructos subidos fazonados.



**P**Ara o Septentriaõ da Africa dirigida já o Sabio Conde o carro de seu venturoso Principe , para que pelo Mediterraneo , que divide este Continente da Europa , o pudesse conduzir mais réctamente á sua Occidental Monarchia. Aquella linha récta , ( lhe dizia o Conde ) eyxo do globo terrestre , parece que principia no mar Ethiopico a enfiar o coração da Africa pela parte do Antartico , e , sahindo delle para o Artico , passa pelo Mediterraneo , e principia a enfiar a Italia taõ réctamente , que o mesmo mar , que he Aquilonar para Africa , he Austral para Italia. Confina esta parte Meridional da Europa para o Septentriaõ com a Alemanha ; para o Oriente com a Turquia Europea ; e para o Occidente com a França , de quem a dividem os montes Alpes. Nestes se juntáraõ os Genios Italianos , e Francezes , para nelles alternadamente vos consagrarem affectuosos , e reverentes applausos. Ouçamos delles alguma parte , e passemos adiante.

Z

DIA-



**DIALOGO**  
**PANEGYRICO**  
 EM OBSEQUIO DO SERENISSIMO  
**PRINCIPE**  
**DA BEYRA.**

INTERLOCUTORES  
 FRONDELIO, E SILVANO.

**S**obre os nevados montes , que pelo Septentriaõ dividem Italia de França , e Alemanha , voaõ com o carro do Principe os quatro resplandcentes cavallos do Sol com tanto mayor ardor , luzimento , e governo , quanto vay do informado , e Real Planeta , que o rege , ao material , que o governava. Mais lifonjeiras , e obsequiofas as ethereas auras lhes inflaõ as ventas , e quanto em ellas entra ar , fahe fogo ,

Z 2

que

que em virtude de seus erraticos , e coruscantes movimentos offerecem á admiracão do Universo varias , e Magestosas perspectivas : e como os influxos deste Planeta vivificaõ as Esféras á medida de sua distincta Esféra , cheyos de espirito de obsequiosos affectos Frondelio , e Silvano ( sinceros , e humildes peregrinos , a quem a fortuna levou á aquella Região longinqua naõ para guardar animaes immundos , como filhos prodigos ; mas para apascentar mansas ovelhas , como inhabeis para outros destinos ) rompem , sahindo fóra de si , com estes plausiveis pensamentos , filhos naõ menos da sua lealdade , ( pois os Portuguezes em toda a parte saõ Portuguezes ) que daquelles mesmos influxos , que como as agoas *in mare , unde exeunt , revertuntur , ut iterum fluant , in Solem , unde exeunt , revertuntur , ut iterum influent.*

## FRONDELIO.

**A** Migo Silvano , aposto eu que in-  
da tu naõ advertiste em hum prodi-  
gio , que aos antigos , e modernos se faz  
digno de confusaõ , e espanto , e he ma-  
logrado entre nósoutros os rusticos , que  
naõ sabemos , como os Sabios , especular  
os segredos da natureza.

## SILVANO.

**C** Omo esse prodigio he segredo , e tu  
o tens comprehendido , obrigaçaõ  
tens de revelar-mõ como amigo ; porque  
quem me quer bem diz-me do que sabe ,  
dá-me do que tem : o mesmo Christo dis-  
se a seus Discipulos , que os amava ; por-  
que lhes revelava os segredos , que de seu  
Eterno Pay sabia. ( 1 )

FRON-

( 1 ) *Vos autem dixi omnes : quia omnia , quaecunque audivi à Pa-  
tre meo , nota feci vobis.* Joan. 15. 15.

## FRONDELIO.

**L**Ogo , se tu o não fabes , e eu o fey ,  
ou eu sou mais fabio que tu , ou tu  
és mais ignorante que eu.

## SILVANO.

**T**udo vem a ser o mesmo : mas o que  
de si presume que he mais fabio ,  
que os outros , ordinariamente se enga-  
na ; e vem a ser , na verdade , mais ig-  
norante que todos ; porque sempre ouvi  
dizer , que o que não sabe conhecer-se  
nada sabe : Diz o Apostolo , que não pro-  
curemos saber mais do que nos importa ;  
( 2 ) e nesta conformidade , que te im-  
portaõ a ti os segredos da natureza ? Olha  
lá para o teu gado . , e vê o que medra  
com as tuas especulaçoens. Hum exemplo  
mystico jogado a outro fito ouvi referir a  
hum Prégador Evangelico , que me ha de  
abo-

( 2 ) *Non plus sapere quam oportet sapere.* Rom. 12.

abonar ao meu intento , e ao teu proveito : Haveis de saber ( dizia elle ) que o optimo destino de Maria não era conveniente para Martha : precizo era que huma fosse contemplativa , e a outra sollicita. Infruido na golozina do mesmo amor , protestava Pedro que amava a Christo , e este lhe disse , que se o amava , apascentasse as suas ovelhas. ( 3 ) Isto , que disse Christo a Pedro , presumido de amante , volto eu a ti , presumido de sciente : Frondelio , se queres ser sabio , apascenta o teu gado : se queres ser bom especulador , cuida nas tuas ovelhas : segue o destino de Martha , e deixa para os Philosophos o de Maria.

## F R O N D E L I O .

**A** Migo , eu não especulo os segredos dos prodigios ; se estes me vem entrando pelos olhos , hey de fechar-lhos ? Sou eu , acafo , ave nocturna , que eegue

gue com a luz ? Queres que seja ignorante por eleição ? Ainda mal , que ha tantos destes tão contentes com a sua sorte , que não trocariaõ a sua ignorancia pela sabedoria de Salomaõ , talvez mais ambiciosos da sua riqueza , que da sua sabedoria. Tu não viste athégora os Alpes cobertos de branca , e infecunda neve ? Olha para elles , e os verás matizados de mimosas flores : Que novo influxo lhes communicão os Astros ? E quem communica aos Astros tanta virtude , para que em tão breve espaço se veja derretida tanta neve , e fecundada tão varia , e maravilhosa producção ? O calor da Zona ardente não nos molesta ; antes mais suave aura que a da nossa nos vivifica : logo , de que procede tão admiravel effeito ?

## SILVANO.

**T**U occupas toda a tua admiração nos effeitos , e eu na causa : Nunca ouviste dizer , que appareceraõ a Sp. Posthumio ,



sthumio , e a Q. Minucio tres Sóes ? Pois he chegado o tempo de lograrem os nossos olhos a gloriosa visã de outro Sol , que encerra em si a luz , e virtude de muitos. Olha como luz , e não cega : como aquece , e não abraza : Que menos virtuosos influxos se podiaõ esperar deste Planeta ? Que menos admiraveis effeitos se podiaõ esperar de seus influxos ?

## FRONDELIO.

**T**U occupas toda a tua admiração na causa , e eu nos portentosos signaes della : Nunca ouviste dizer , que na Era de mil cenco cincoenta e sette foy vista publicamente no concavo da Lua a Sagrada Cruz , signal de nossa salvação eterna ? Pois olha como bem se diviza agora entre os gloriosos resplandores daquelle admiravel Planeta.

## SILVANO.

**J**A' tambem , Frondelio , ouvirias falar em que , entrando na sua menoridade Augusto Cesar em Roma depois da morte de Julio , se viraõ muitas Estrellas junto do Sol : Olha agora como , entre os resplandores deste Magestofo Astro , e debaixo das azas de huma Mysteriosa Serpente , se distinguem cinco luminosas Esferas , cada Esfera com cinco scintillantes Estrellas.

## FRONDELIO.

**E**Tu não vês como as Aguias Imperiaes , não já armadas de ferro , e fogo , mas elevando , e extendendo a argentea faxa de Austria , voando , lhe inspiraõ suaves zefiros ; velando , lhe temperaõ os ardentes rayos ? Do peito lhe formaõ reclinatorio , e sitial ; das cabeças , e Coroa Magestofo docel ? Fórma ,  
por

por certo , de Culto Divino vejo tributar aos portentosos signaes , que admiras : não menos que Divinas adoraçoens vejo render ás luminosas divizas , que contemplas. Quem será o que com taõ Sagrados signaes se distingue ? O que com taõ gloriosas distincçoens se assigna-la ?

## S I L V A N O .

**A** Migo Frondelio , as cinco Esféras , que vejo , são as cinco Chagas de Christo : as cinco Estrellas multiplicadas pelas cinco Esféras , os trinta dinheiros porque foy vendido : A Serpente he a que Moyses mandou exaltar no deserto para remedio de Israel , figura do que se exaltou na Cruz para Redempção do mundo , e Protecção de Portugal. Estas são as Armas desta Sagrada Monarchia ; aquelle , sem duvida , he o Principe della , a quem todos os de Europa consagraõ Divinos Cultos em virtude dos Objectos Divinos , com que em suas gloriosas Armas

Aa 2 se

se distingue de todos. Dos Dominios de Italia , e Alemanha o acompanhaõ obsequiosas as Aguias Imperiaes , e respeitofas as Faxas Auftriascas , como a Neto de Maria Anna de Austria , e Bisneto do Imperador Leopoldo.

## FRONDELIO.

**O**Lha como naõ só aquellas Naçoens o obsequiaõ , mas igualmente a Franzeza : naõ vês como os Lyrios de França o vem receber a esta raya ? Olha como vem pomposos : Na verdade , amigo Silvano , que pouco , ou nenhum trabalho lhe custa o confundir toda a pompa , e gloria de Salomaõ : Dos lyrios do campo o disse a Sabedoria Eterna ; (4) que diremos dos Lyrios da Corte de França , que naõ faõ como aquelle lyrio , que *hodie est , & cras in clibanum mittitur* ? Ao mesmo tempo , que *nihil sine magno labore vita dedit mortalibus* , no pave-

(4) Matth. 6. 28.

lhaõ , que os cobre , bem se lê , que *lilia neque laborant , neque nent*. Custe muito desvêlo , e trabalho a pompa , e gloria de outro qualquer Imperio , que a de França sustenta-se sem trabalho ; porque os lyrios não trabalhaõ para sustentar a sua pompa. Esta , com tudo , vem render cultos ao Principe Lusitano , como Neto de Maria Anna Victoria de Bourbon , Bisneta do Grande Luiz Décimo Quarto.

## S I L V A N O .

**N**Aõ só estes Monarchas , amigo Frondelio , mas todos os do mundo lhe haõ de tributar adoraçoens ; porque em fim vem armado , e protegido por quem lhe instituio o seu Imperio , e o estabeleceo no Throno como Edificador , e Dissipador dos Imperios : Na mão deste Joseph , talvez melhor que na do Vice-Rey do Egypto , pôs Deos o Ceptro em lugar de Manipulo , ( que com semelhante cornucopia

nucopia pintavaõ os Antigos a sua bõa fortuna , e nós os Lusitanos pintaremos a nossa ) para ser adorado dos outros Manipulos , e Ceptros : A Estrella com que este nasceo , mais feliz , e gloriosa , que a daquelle , se ha de fazer adorar das mais Estrellas : Mas ah , amigo , e que felices auspicios debaixo desta mesma Estrella me figura aquella Divina Palavra , que a favor dos nossos Reys menos pôde faltar , do que nós , antes de se cumprir , a sabemos entender ! Queira Deos que eu me não engane ; mas deixa tu crescer aquelle Menino , que Deos olhará para traz , e verá : ( 5 ) Deos olhará para o zelo da Fé , e Sagradas heroicidades de seus Antepassados , e porá nelle os olhos para fazê-las resuscitar com Altissima , e consummada Providencia em seus valorosos empregos : Deos olhará : : : mas ay , amigo , onde estou eu mettido ? No pégo dos Altos Juizos de Deos me introduzo sem saber o que digo , nem o que faco.

Sa-

( 5 ) *Respiciam , & videbo.*

Sayamos deste labyrintho , e fallemos humanamente. Nesta conformidade digo , que todas as Casas da Europa , pela melhor , e mayor parte , fazem timbre de participar a este Principe o direito de suas Coroas : A de França , como a fangue de Bourbon , lhe participa , além do direito do fangue , o do perpetuo costume preferido a qualquer outro , como declara o famoso Jurisconsulto Baldo : *Si in Francia moreretur tota domus Regia , & extaret unus de sanguine antiquo , puta , de domo Borbonia , & non esset proximior , estò quòd esset in millesimo gradu , tamen jure sanguinis , & perpetue consuetudinis succederet in Regno Francorum.* Confidera tu agora , amigo Frondelio , se os Francezes costumaõ venerar , e estimar os Principes do Sangue , inda que de outra linha , naõ menos que como Successores do seu Imperio ; quanto mais devem venerar , e adorar este , em quem , com o direito do fangue de Bourbon tão proximo , resplandece o do costume ,

stume , e antiguidade , como dimanado de Roberto , Conde de Clermont em Bo-vesis , Senhor de Bourbon , e de Charolois , Sexto filho do Santo Rey Luiz Nono ; e de Roberto , Duque de Borgonha , filho de outro Roberto , segundo em numero entre os Reys Capetos , conservados thé hoje no segundo ramo de Bourbon , de quem , na melhor opiniaõ , descendem os Monarchas Lusitanos ?

## FRONDELIO.

**T**Em muita razaõ os Francezes para amar , e adorar ao Principe de Portugal como seu Principe : ditoso Portugal , que o possue ; e ditosa França , que tem tanto jus a elle. Mas acaço terá o Imperio nesta gloria menor parte ? Naõ por certo : antes creyo que , se a naõ tem mayor , a logra igual. Por infinitas partes o vejo illuminado dos claros reflexos da Casa de Austria ; a qual naõ só lhe communica o direito do sangue , mas igualmente



te o do costume , e antiguidade : O do sangue pela proximidade ; o da antiguidade pela da Casa , e parentesco : e o do costume pelo que tem adquirido ao sangue Austriaco a posse de dominar o Imperio mais já por Successão , que por Eleição : e se na conformidade desta posse se deve eleger com preferencia o sangue Austriaco para a Investidura do Sacro Romano Imperio ; não tem , por certo , a Casa de Bourbon taõ antigo jus de preferencia á Successão da Coroa por Roberto de França , como tem a Casa de Austria á Eleição do Imperio por Rodolpho de Habsburgo : pelo que , talvez com mayor propriedade , se póde adaptar a esta Familia o que da outra disse Baldo : *Si in Imperio moreretur tota Domus Imperialis , & extaret unus de sanguine antiquo , puta , de Domo Austriaca , & non esset proximior ; estò quòd esset in millesimo gradu , tamen jure sanguinis , & perpetuæ consuetudinis ad Imperium eligeretur.*

S I L V A N O.

**O**H quanta gloria resulta a estas Naçoens de poderem chamar tambem seu ao Principe de Portugal ! Oh que gloria resulta a Portugal de lograr hum Principe , que he , e será sempre a mais gloriosa emulação de todas as Naçoens ! Os luminosos auspicios , com que nascestes , Principe esclarecido , vos promettem adoraveis Estatuas entre os Sagrados Simulacros de vossos Santos , Felices , e Valerosos Predecessores : O exemplo , e estimulo de suas extraordinarias acçoens , que para outros se faz inimitavel , e inacessivel , em vós , como innato , fará com passmozo desempenho calar as sylvestres avenas ao som de mais sonoras tubas , que não só occupem todas as boccas da Fama , mas que multipliquem a Fama pelo numero das boccas , para apregoarem dignamente vossas glorias.

FRON-

## FRONDELIO.

**A** Deos , Principe glorioso ; segue o teu alto destino : pois nasceste para o Reyno de Christo , de sua Divina mão , como Pedro as chaves do Reyno do Ceo , receberás a seu tempo o Cepetro do Reyno da terra , com que abrirás aos Infieis as portas da Santa Igreja. Dominarás não só os coraçoes de teus leaes Vassallos , mas tambem felicitarás os de teus amantes , e obrigados visinhos. Abençoado he o teu sangue á similhaça do de Abrahaõ ; abençoadas seraõ estas Naçoens , pelo que tens communicado aos seus Monarchas : A' tua memoria levantarão elles Magestosos , e Sagrados Monumentos em magnificos Templos , e preciosos Simulacros : Nósoutros os Pastores a pépetuaremos nestes montes , dando a ler nos troncos das arvores sylvestres á posteridade o teu sagrado , e respeitavel nome. As Ninfas destas selvas o celebrarão com suaves , e

harmoniosos Canticos , e por estes asperos rochedos se ouvirá , como ecco humas das outras , solemnizar tua doce lembrança com perpetua gloria tua , e faudade nossa. Já me não parece maravilha , que para preparar-te alcatifas de flores se desentranhe a terra por onde passas : Já me não espanto que se esforce a natureza , que empenhas , para consagrar-te as mesmas maravilhas , com que a illustras : A hum milagre da natureza , que ha de tributar a natureza , se não milagres ? Milagres de teus influxos são tambem estes nossos Panegyricos obsequios taõ alhejos de nossos rusticos estylos : Prodigios de teus : : : : mas ay , amigo companheiro : que será feito dos nossos rebanhos ? onde está o cuidado delles ? tudo estará perdido como gado sem pastor.

## S I L V A N O.

**T**U te lembrás do gado ; porque te váy faltando o influxo : já o Apollo , que nos inspirava , nos deixa , para illustrar outros Paizes : Tu não vês como os montes Pyreneos o vão escondendo aos nossos olhos ?

## F R O N D E L I O.

**A**Ssim passão as glorias do mundo : vamos , visto isso , ajuntar o nosso gado , que talvez as horas , que os brutos regulaõ melhor que os racionaes , e o costume , que nelles he mais que segunda natureza , os tenhaõ já conduzido aos seus curraes ; e estaraõ esperando que lhes vamos abrir as portas. Vay descansar , amigo Silvano , que eu vou fazer o mesmo ; mas á manhaã aqui te espero para conversarmos , e nos comprazermos nos prodigios deste dia , e lhe estabecermos huma solemnidade perpetua. SIL-

## SILVANO.

**A** Deos , amigo Frondelio , até á ma-  
nhaã.

## FRONDELIO.

**A** Deos , amigo Silvano.

**D**E caminho para as Hespanhas vos explicarey, Senhor, os termos Geographicos das Gallias. Dividiaõ-se estas antigamente nas quatro Provincias: Celtica, Belgica, Narbonez, e Aquitanica, e tinha seus confins segundo a mesma divizaõ. Hoje, porèm, se achaõ estas Provincias divididas nos Governos da Ilha de França, Normandia, Bretanha, Aquitania, Lenguedoc, Provença, o Delfinado, Titulo de seus Primogenitos, o Leonezo, Florez, Beaujotez, Orleans, Bourgonha, Champanha, e Picardia, que confinaõ para o Nascente com Saboya, e os Suiffos; com Italia, e Alemanha, das quaes a divide o Rhin: Para o Poente com o Oceano, e para o Norte com o Paiz de Calez, que a divide de Inglaterra. He França Reyno, sobre Christianissimo, e polidissimo, fecundissimo, e temperadissimo; porque está situado debaixo da Zona Septentrional temperada. Confina para o Meyo dia com o  
Mar

Mar Mediterraneo , e das Hespanhas a dividem os montes Pyreneos ; cujo nome lhes estabeleceo a tragedia da Ninfa Pyrene nelles violentada por Hercules , e aos pedaços sepultada. Entraõ pela Hespanha , onde por huma parte comprehendem Serra Morena , Jaca , Cuenca , e Guadarrama ; e por outra chegaõ a Galliza. E quando nada , Senhor , insensivelmente nos introduzimos em os Reynos de Castella ; a qual para o Septentriaõ confina com o Oceano Occidental , e os ditos montes , que , como disse , a dividem de França : Para o Meyo dia , e Oriente com o Mediterraneo : e para o Occidente com o Oceano Occidental , e o voffo Reyno Lusitano. Divide-se esta Coroa para o Oriente pelos Reynos , e Provincias de Aragaõ , Catalunha , e Valencia : para o Occidente Galliza : para o Norte Navarra , Biscaya , e o Principado das Asturias : para o Sul Andaluzia , Granada , e Murcia : e no centro da mesma Hespanha Leaõ , e as duas Castellãs , Nova , e Velha.



lha. Aqui queria eu que ouvísseis em vos-  
so louvor as Musas de Garcilasso , Gon-  
gora , Vega , ou por todas a Caliope do  
divino Camoens ; mas na falta destas ou-  
vireis cantar com as Ninfas de Mançana-  
res , e Tejo , as Musas de Madrid , e To-  
ledo , que supposto não desempenhem a  
sua obrigação , mostrarão o empenho , que  
as conduz ao vosso Culto.

**N**As prayas deleitosas,  
 Do claro Mançanares descuidadas,  
 Andavaõ occupadas,  
 As Ninfas em colher jasmims, e rosas:  
 E como mais formosas,  
 Que rosas, e jasmims se presumiaõ,  
 Soberbas as colhiaõ,  
 Para esmaltar a terra, que pizavaõ;  
 Julgando, quando assim as desprezavaõ,  
 Que mais valor, e vida lhes dariaõ.

**D**Espojo, produccion, fragil memoria  
 Sois, dizem, de una hora transitoria,  
 En cuya vana gracia, y resplendor  
 Nos representa amor su vana gloria:  
 No os quexeis de ser despreciados,  
 Pues fois del falso amor vanos olores;  
 Ni vòs. tanpoco, amores,  
 Pues flores tambien fois, de ser pisados.  
 De las Ninfas del Tajo cultivados,

Sereis favorecidos ;  
 Allá , que sois amados , y temidos ,  
 Podeis multiplicar , y florecer ,  
 Nò aqui , donde al fin luego al nacer  
 Sois cortados , y à polvo reducidos.

Apostado tenemos ,  
 Que por flores cortar que no queremos  
 Por nos mismas en flor , si fuerça fuere ,  
 Porque amor no lo quiere , cortaremos.

**Q**ue es amor ? un engaño ,  
 Una traidora fabula , y locura ,  
 Que en traje de dulçura  
 Amarga tanto , y amàs , que es el desen-  
 gaño.

A quien puede hazer daño  
 Un niño , que sin ojos  
 Busca en ciegos despojos  
 Tan claros escarmientos ,  
 Que para huir de sus cometimientos  
 No nos es menester poner anteojos ?

Niñas de Mançanares ,  
 Nò , nò sacrifiqueis es sus altares ,  
 Cc 2 Que

Que en oro quiere amor cauto embolveros  
De los duros azeros los azares.

**L**As flechas de Diana  
A ojos descubiertos se disparan:  
Mueran quantos amores las preparan  
Ciegos sin luz Divina, ni aun humana.  
Acabe, pues, de un lance la tyrana  
Poteftad del amor, y su caudal;  
Acabe esta vulgar aprehension;  
Pues à la natural confervacion  
Le sobra el appetito natural.

Viva Diana, y reyne en las Estrellas;  
Vivan sus Ninfas bellas;  
Y confuma-se el falso, y vano amor  
De su voráz ardor en las centellas.

**P** Or este tom cantavaõ  
 As Deidades do Regio Mançanares:  
 Mas por outros em si mais singulares  
 As do Sagrado Tejo se explicavaõ.  
 Aquellas cruelmente a amor matavaõ:  
 Estas estavaõ mortas já de amores.  
 Humas pizavaõ flores sem respeito:  
 Outras as collocavaõ em seu peito,  
 Como prendas de seus gentís pastores.  
 Lamenta cada qual a vida auzente,  
 Abraza-se de amor na flamma ardente.  
 Em vaõ; pois pela ley, que o Fado achou,  
 Nunca amor se logrou perfeitamente.

**V** Enid flores, prision de mi alvedrio,  
 En mi pecho fereis alimentadas,  
 Pues alimento fois del amor mio:  
 Con lagrimas fereis en el regadas,  
 Y al huelgo de suspiros tan ardientes  
 Del frio, que os despoja preservadas.  
 De

De amores oireis tristes , y auzentes ,  
 Auzente , triste , y al fin muda expressiõ  
 A trueco de silencios eloquentes :

Y pues que lenguas fois de mi Indimion  
 En elasticidades violentas ,  
 La lengua os hablará del coraçõ.

Oh quanto , Amor avaro , me atormentas !

Tan fecundo de males engañados ,  
 Quan esteril del bien , que representas !

Y quan ageno está destos cuidados  
 Aquel , que el dulce nõmbre dá de amor  
 A un verdugo de pechos desdichados !

Però no se lo digas , bella flor ,  
 Que en castigo de mis cançadas queexas  
 Amor me privará de mi dolor.

Mas si el que padecer , Amor , me  
 dexas ,

Tu nõ me lo permites por mal mio ,  
 Para que de mi bien assi me alexas ?

Y que filosofia , ò desvario ,  
 Hazer-me apetecer naturalmente  
 Lo que de mi deseõ haze al desvio ?

Es mi deseõ talvez la flama ardiente ,  
 A quien

A quien el centro assignan en la Esfera  
A dò no llegará eternamente?

Pero que opposicion haver pudiera,  
O' que materia ássi le sustentara,  
Con que en violencia tal permaneciera?

Toda contradicion atropellara,  
Y a nõ tener virtud para vencerla,  
A su misma virtud anichilara.

Quien a mi flama quiere detenerla,  
O' procura augmentar su actividad,  
O' quiere totalmente amortecerla.

Pero si ella es Amor, y este es Deidad,  
Comò se harà creer su existencia,  
Pudiendo conocer mortalidad?

Chimerica será su Deificencia;  
Sin duda es sueño Amor, fabula vana  
Sin accion, sin virtud, y sin essencia:

Pero que idéa havrà tan deshumana,  
Que conciba sin causa algun effecto?  
Quien me causa esta pena tan tyrana?

No de mi Indimion el dulce objecto;  
Que antes de amarle no senti dolor,  
Mas si, despues de amar su grato aspecto:

Luego es Amor la causa, y existe A-  
mor.

Pues:

Pues que flama en mi pecho es la que  
encuentro ,

Que por matar-me a mi mata su ardor ;  
O' que fuego a su pablo por adentro

Trata de consumir para acabar?  
Es Amor separado de su centro.

Que incendio , el que despues de me  
matar

Conmigo ha de morir aunque no quiera ,  
Y a pesar suyo , y mio , ha de espirar ,

Como acontece a aquel que el oleo , y  
cera

Consume , que le dá el fer , y vida ?  
Es Amor apartado de su Esféra.

Es Amor , que en mi alma consumida  
Me muestra ya tan debil su tormento ,  
Que tiemblo por momentos se divida.

Las flores , a quien dabamos aliento ,  
Sienten menos ya mustias desojadas  
De mi vida , y mi amor el sentimiento.

A Dios , Amor , y vida ; a Dios , a-  
madas

Ninfas , que me imitais en mal tan fuerte :  
A Dios mal , a Dios ancias malogradas :

Y al



Y al fin , a Dios , bien mio , a màs no  
 ver-te ,  
 Que a pesar de las fuertes desdichadas  
 Tambien para las tristes hubo muerte.

**A** Sfim amortecidas  
 Se achavaõ do gran Tejo as Nin-  
 fas puras ,

Malogradas em flor as formosuras ;  
 Perdidas com a cor as doces vidas :  
 E , para mais sentir , tambem perdidas  
 As esperanças vans , que as sustentavaõ  
 Nos desmayos de Amor da morte enfayos ,  
 Enchendo de suspiros , e desmayos  
 As douradas arêas , que pizavaõ  
 Nas mãos da morte as deixaõ seus amores ,  
 Como nas de Orion Zéfiro as flores ,  
 Cuja espada lhe muda horrenda ; e féra  
 A Primavera em pállidos horrores.

**Q**uando pela carreira luminosa  
 O Phebo lhe apparece Lusitano  
 Por modo sobre-humano  
 Armado com a aljava Imperiosa ;  
 Em a qual com virtude portentosa  
 Se juntavaõ as settas de Cupido,  
 As de Apollo , e os rayos do Tonante ;  
 No que para render o mundo errante  
 Poder , saber , e amor traz incluído.

Entre feu luminoso resplendor  
 Involve as aureas settas do alto amor,  
 Com que humas , e outras Ninfas já fe-  
 ridas  
 Engrandecem rendidas feu valor.

**D**ulce amor de mi vida ,  
 ( Dizem as puras Ninfas Mançanares )  
 Deidad bella escogida entre millares ,  
 Para herir nuestros pechos escogida.  
 Si fuera de mas tiempo conosciada  
 Tu fagrada beldad , Principe amigo ,  
 Se amara de mas tiempo tu beldad :

Mas

Mas bastenos , Señor , la vanidad  
De nacer nuestro amor tambien contigo :  
Que a affirmarte me atrebo ,  
Que para amarte , Infante , como debo ,  
La providencia en mi con nuevo ardor  
Un nuevo , y puro amor criò de nuevo.

**E**Ste si que es amor ,  
Assi como su objecto es para amado ;  
Este si que es amor bien empleado ,  
Quan dichoso asta aqui nuestro rigor.  
Nuestro amor viva , y su despertador ;  
Viva el amado Infante Lusitano  
En el centro de nuestros coraçones :  
Triunfen , pues , sus lúcidos harpones  
De los ciegos del otro amor infano.

A tan dulce afficcion  
Rinda Diana el alma , y coraçon ,  
Que es mas para adorado ,  
Que su desacordado Endimion.

**M**ientras al gran Tridente  
 Las aguas deste rio obedecieren,  
 Y en quanto no bolvieren  
 Atras sin repugnancia su corriente;  
 Mientras la clara lumbre transparente  
 De mis ojos, no viere sin desaire  
 Nadar en él los paxaros volantes,  
 Y los pezes nadantes  
 Bolar como las aves por el aire;  
 Serás, Principe amado,  
 De gloria sin limite coronado,  
 Servido de sus candidas Nayades,  
 De puras voluntades adorado.

**A**S Tagides gentis mais que ditosas,  
 A quem deixou crueo amor violento  
 Sem vida, sem amor, e sem alento,  
 Despojo, emfim, de settas venenosas;  
 Ao suave caloridas luminosas,  
 Que lhe dirije o Phebo Lusitano,  
 Tardamente com gesto amortecido  
 Abrem os mesmos olhos sem sentido,  
 Que

Que lhe tinha cegado o amor infano:  
 Soltaõ-se das prizoens da escura Alecto,  
 A luz do Sol lhe influe novo affecto,  
 Nova alma lhe inspira em seus desmayos  
 De seus rayos o filho de Japeto.

**O** Carmin de seus labios despregando,  
 Seus olhos elevando ao novo intento,  
 Com aspecto rizonho, e novo alento  
 Vaõ subindo, cantando, e admirando.  
 Que nuevo mundo es este? perguntando,  
 Que nuevo Sol, y Cielos yo percebo?  
 Que nuevo influxo, y nuevas produccio-  
 nes?

Que nuevo amor, y nuevos coraçones?  
 Que novidade nos haze todo nuevo?  
 Quien nos lleva a la llama lifonjera  
 De aquel Astro, que illustra su carrera?  
 Sin duda amor serã, que buela al centro,  
 Y busca el dulce encuentro de su Esfera.

Que

**Q**ue venturosa flama  
Se incinde en nueſtros pechos ven-  
turoſos!

Y que amores dichofos  
A quien ſuſtenta el bien , que los inflama!  
Eſta es la ſumma dicha de quien ama  
Aſcender a la Eſfera deſeada ,  
Y amar dentro del gozo de ſu Eſféra :  
Y que methamorphoſis ſe exagera  
Màs perfecto al amante , y coſa amada ?  
Aſſi buelas amor al centro amado  
Dèl con tanta dulçura arrebatado ,  
Quanta es la con que fuera ya de ſi  
Buela tambien tras ti mi pecho alado.

**V**Amos , Ninſas queridas ,  
Al centro a dò nos lleba nueſtro amor ,  
Gozemos de màs cerca ſu calor ,  
Cantemos ſu valor agradecidas :  
A ſu brillante carro al fin afidas  
Haremos ſu trofeo mas decantable ,  
Y el regreſſo a ſu Solio mas contento ;  
Que

Que nunca un amoroso rendimiento  
Fue para heroicos pechos despreciable:  
Sigamos nuestra dicha en la excelencia  
Del nuevo Salomon , que en su Sapiencia  
Gozaremos la Bienaventurança,  
Que quien le sirve alcanza en su prezencia.

**P**Elo Occidente de Hespanha entraremos naturalmente no Oriente do vosso Reyno. Estas são, Principe Excelso, as terras da Coa, que se juntarão a esta Monarchia no Reynado de Diniz: Alli está a Cidade da Guarda, que com ellas confina, cuja Nobreza se diviza pela das Armas deste Reyno. Não vos mortificarey com a narração de suas excellencias; porque não podem caber no breve espaço de huma ligeira passagem; mas de caminho vos direy que he huma Cidade conhecida dos Latinos por Idanha, ou Egítania, não menos famosa pela sua antiguidade, que pela sua grandeza; e supposto se ache hoje diminuta na material, nada degenerou da verdadeira Nobreza de seus habitadores: porque pelas letras, para poder-vos relatar pessoas nestes, e em todos os tempos famosas, era necessario que lhe não faltasse o genio, e a ousadia para ostentá-las, o que lhe nasce talvez do profundo conhecimento dellas,  
e de-



e deste a intelligência de que nada sabem ; que tiveraõ alguns Sabios da antiguidade ; mas geralmente fallando , para tudo o que se applicaõ ( se se applicaõ ) manifestaõ desde o berço huma aptidaõ extraordinaria , que naturalmente os eleva a mayor esfêra. Pelas armas ; estay certo que em serviço da Coroa só estimaõ as vidas ; e conservaõ as fazendas para defendê-la : Não ha nella plebe , a quem os heroicos influxos de Marte não façãõ nobre ; nem infancia , que não manifeste varonilidade : Poucos dias ha se vio esta verdade comprovada pela experiencia ; pois estando o Corregedor , por ordem , ou commissaõ do General , na diligenciã de alistar Soldados nesta Comarca , se vio perseguido de sujeitos , que com vehementes instancias lhe requeriaõ os alistasse , acairelando os chapeos antes de sua acceitaçaõ ; e fazendo com outras Militares demonstraçoens bem manifesta a fidelidade , e amor innato ; que os inclinava ao serviço do seu Principe ; e como não puderaõ conseguir

Ee que

que o Ministro os alistasse , fugindo a seus Pays , procuráraõ pessoalmente o General , e , prostrando-se de joelhos a seus pés , clamavaõ que se não levantariaõ sem que Sua Excellencia lhes mandasse assentar praça ; tudo por modo verdadeiramente taõ heroico , qual se deveria esperar de maior idade , e mais illustre nascimento : mas he certo que a nobreza verdadeira não a faz o tempo , nem a successão , mas sim as acçoens. Se a polvora dos coraçõens desta Cidade se accendeo taõ promptamente com o fumo de taõ pequeno movimento , que julgais vós , Senhor , de seu incendio , se lhe chegasse huma leve faisca de necessidade ?

Estas acçoens , e offerecimentos voluntarios , que em outras Naçoens se fariaõ não só plausiveis , mas talvez admiraveis pela raridade , em Portugal se fazem menos estimaveis pelo costume.

Da Nobreza desta terra nada vos digo ; porque , fallando geralmente , toda nasce obrigada , e offerecida : mas na paz ,  
e na

e na guerra costuma desempenhar bem as obrigaçoens com que nasce ; porque todos os que a sustentão tem sempre empenhada a vida , e a fazenda pelo mais leve accidente de pundonor , e honra : gente igualmente distincta pelo nascimento , que pelas acçoës. Gente , que sabe conservar o respeito que se deve a si mesma pela sua incorruptibilidade , réctidaõ , e ferriedade , sem offensa da humildade , urbanidade , e sinceridade : gente , que de nenhum modo se facilita com a mais fiel , harmonica , e exemplar convivencia ; e em fim , gente obediente , e verdadeira , inclinada á piedade sem queixa da justiça ; activa , resoluta , e desaffogada sem offensa da virtude , e da prudencia. Olhay como envoltos em candida , e branda cera ardem coraçõens nobres , e plebeos com taõ unifórme tençaõ , que todos se inflammaõ nas luminarias de cada hum , e cada hum nas de todos ; verdadeiramente em cada huma destas luminarias representa esta Cidade bem ao natural o amor , que vos

confagra ; cada huma he hum simulacro  
 de amor , pela claridade com que os in-  
 flamma , pelo fogo com que os illumina ;  
 effeitos , que moveraõ os EGYPCIOS a ido-  
 latrar o amor em figura de fogo. A esta  
 mesma luz vos querem demonstrar o seu  
 affecto os coraçõens desta leal Cidade por  
 meyo da seguinte

ORA-

ORACÃO  
 PANEGYRICA,  
 QUE FEZ O AUTHOR,  
 e se recitou por ordem do Senado da Camera da Cidade da Guar-  
 da em a noite do dia 27 de Agosto do presente anno de 1761  
 em huma nobilissima Encamizada, e magnifico Oyteiro,  
 que se fez em applauso do feliz, e estimabilissi-  
 mo nascimento

DO SERENISSIMO  
 PRINCIPE  
 DA BEYRA,  
 QUE DEOS GUARDE.

**M**uito devo, Illustrissimos Sen-  
 nadores, á brevidade, e ao  
 repente: Se aquella nos per-  
 mittisse lugar para a pondera-  
 ção, nem fiarieis ao debil es-  
 forço da minha incapacidade o pezo de  
 vosso empenho; nem eu lograria com  
 esta

esta ventura a de desempenhar-me a mim , e a vós por meyo de hum affectuoso suspiro ( que não he outra cousa hum Panegyrico tão abbreviado ) exhalado de hum coração opprimido de pezo tão desproporcionado mais que como impulso do valor , como defaffogo do desejo. Quem poderá tomar as medidas a este pezo ? Sustentá-lo por milagre do Ceo , todos : ponderá-lo sem milagre do Ceo , nenhum. He pezo de mayor esféra , que a que necessitou do incançavel esforço de hum Hercules , depois de cançar os robustos hombros de hum Athlante. Para o ponderarmos ( posto que a cada gráo de conhecimento , que pretendamos investigar-lhe , accrescente o Ceo , para humilhar nossa ouzadia , e vaidade , muitos grãos de pezo á nossa obrigação ) he preciso considerá-lo em commum , e em particular ; em commum , com todo este Reyno ; em particular , com toda esta Provincia , e Cidade. Assim poderemos de algum modo tomar ao pezo de nossa obrigação as medidas ,

didas , que bastem para dar a conhecer ao mundo , que melhor nos desempenhamos com affectos , e desejos humildes , que com pomposas , e soberbas demonstraçoens ; pois já se vê , que o pezo de hum Reyno applicado aos hombros de huma Provincia , e o de huma Provincia , e Reyno , aos de huma Cidade , não precisa de mais formal investigaçãõ para se julgar a todas as luzes insuperavel , e ao devido desempenho inaccessible.

Naquelle faustissimo dia de Sexta feira 21 do presente mez de Agosto , (taõ recommendavel , e taõ fausto , que servirá de gloriosa Epoca não só ás Chronologias deste Reyno , mas tambem ás de todo o mundo ) concedeo o Ceo , por misericordia sua , e deprecaçoens nossas , hum Successor a este Reyno.

Nasceo mais como Sol , que como homem : ( a ) que supposto a morte faça o Nascimento dos Principes commum com

os

( a ) *Nemo ex Regibus aliud habuit Nativitatis initium : unus est omnibus introitus ad vitam , & similis exitus. Sap. 7. 5. 6.*

os dos mais homens, aquelle que entre os Heróes por mysteriosas circumstancias devemos crer que nasceo para por muitos modos immortalizar-se, he evidente que em seu Nascimento achasse tambem entre os homens muitos modos de distinguir-se.

Se á noite escura segue o claro dia, e o Principe de Idumêa depois das trévas da tribulaçãõ, que padeceo, ( que ; segundo Isaias, (a) não ha tribulaçãõ sem trévas ) esperou a luz ; que conseguiu ; he porque sabia que nesta ordem da natureza he a infelicidade o melhor annuncio da dita : ( b ) pelo que já Santo Agostinho disse, que não merecia a doçura quem não gostava da amargura.

Antes que Deos introduzisse a Israel naquella promettida terra, que manava mel, e leite, o preparou no Egypto, com o mais tenebroso, atribulado, e amargoso cativo, que se padeceo no mundo. Antes que o Ceo nos restituísse, por

( a ) Isai. 5. 30. 8. 22.

( b ) Alap. ibi.



por meyo da milagrosa acclamação do Senhor Dom Joaõ o Quarto, o pacifico, e doce logro dos Successores deste Reyno, que nos roubou a desgraça na immatura morte do Senhor Dom Sebastiaõ, nos preparou com huma tribulação semelhante á de Israel, em que padecemos, entre guerras domesticas, e estranhas, toda a amargura, que se dá bem a entender debaixo da expressão de Dominio estranho; posto que taõ prudente como o de Filippe Segundo, taõ bom, e pio como o de Filippe Terceiro; e finalmente, taõ Catholico, e religioso como o de Filippe Quarto. Antes que Deos nos concedesse o grande beneficio, que hoje logramos, e applaudimos, lhe precederaõ os grandes, e repetidos Phenomenos, os tragicos, e deploraveis successos, que experimentamos ha seis annos, e chorariamos talvez sem consolação, se a Providencia Divina nos não armára contra toda a adversidade com a sabia, e feliz conducta de nõssõ incomparavel politico, e zelosissimo Ministro

nistro o Excellentissimo Senhor Conde d'Oeyras , que tem convertido em felicidades as mayores desgraças.

Que foy tudo isto , fenaõ hum estro-  
doso annuncio deste prodigioso Nascimen-  
to para inculcar a grandeza do Nascido ?  
Se todos sabem que os partos naturaes , e  
ordinarios da terra saõ espinhos , tribula-  
çoens , e infelicidades ; quem se espanta  
de que taõ grande felicidade , como parto  
monstruoso , e extraordinario della , a at-  
tribulasse , e perturbasse a impulsos da vio-  
lencia para produzir-se triunfante de toda  
a desventura ? Para no mundo apparecer  
a alegre Primavera , em que os dias trium-  
faõ das noites , e a serena brevidade des-  
tas com a grandeza , e alegria daquelles  
constituem de toda a sua agradavel qua-  
dra hum grande , e agradavel dia , he ne-  
cessario que lhe preceda o triste Inverno ,  
em que , pelo contrario , triunfaõ as noi-  
tes dos dias , e a tempestuosa brevidade  
destes com a grandeza , e obscuridade da-  
quellas fazem de toda a sua tenebrosa qua-  
dra

dra huma tenēbrofa , e grande noite. Para amanhecer a Portugal hum dia taõ grande como o de Sexta feita , e hum Sol taõ resplandecente como o Principe , que engrandeceo este dia , era necessario que lhe precedesse huma noite taõ attribulada , e tenebrofa.

Todos os dias de tribulaçaõ se podem com prosperidade chamar noites tenebrosas , e chēas de amargura ; por isso rogava Job se convertesse em amargura , e trévas o dia em que nasceo para a tribulaçaõ. ( a ) Bem tenebrosos foraõ para os infelices Egypcios aquelles tres dias , ( b ) que Deos no meyo delles fez taõ claros para os ditosos Israelitas. Bem tenebroso , e cheyo de amargura foy aquelle dia primeiro de Novembro , que pôs na extrema tribulaçaõ sobre seu tremulo , e convulso corpo a grande Cabeça deste Reyno. E finalmente , bem tenebrofa foy aquella noite de Settembro , que o carro

Ff 2

( a ) Job 3. 4. 5.

( b ) Exod. 10. 22. 23.

do Sol convertia em claro dia , como em beneficio de Israel fazia a resplandecente columna : bem tenebrosa , e bem chêa de amargura quando a infidelidade de alguns , e a infelicidade de todos se conjuráraõ para derrubar a que nos allumia-va de noite , communicando á sua Monarchia o fogo vivificante , que para animar aos homens roubou ao Sol a ouzadia de Prometeo ; e nos guiava de dia á similhança daquella nuvem , em que o mesmo Deos se convertia para liberalizar ao seu Povo a perenne affluencia de sua fecunda Protecção.

E que foy tudo isto , para apurar o conhecimento da nossa obrigaçãõ ; fenaõ hum pequeno indice das calamidades , que nos estavaõ preparadas para o tempo futuro , se o Ceo no presente nos não dera hum Principe mayor do que o podia esperar o nosso desejo ? Meça , pois , Portugal por aquella calamidade demonstrada esta graça concedida , e conhecerá de algum modo as demonstraçoens que deve a Deos,

Deos , e ao Fidelissimo Monarcha que Deos elegeo para feliz Conductor da nossa ventura.

Bem podes , ó venturoso Reyno , inflamar os coraçõens , e espiritos , que te animão , com tal affecto , que os constituas victimas do applauso , e do agradecimento ; que só assim poderás mostrar ao Ceo , e á terra , que supposto não podes habilitar-te dignamente para o desempenho , reconheces como podes a tua obrigação.

Esta mesma , que tanto se engrandece para o Reyno em commum , seapura muito em particular para esta nossa Provincia da Beira ; para esta nossa Cidade da Guarda : huma ; porque só ella , entre todas as da Monarchia , pôde com especialidade chamar seu a tão portentoso Principe : Esta mesma fortuna logrou ella já com sua Mãe a Serenissima Princeza ; voltou-se a roda para os Brasís ; mas vendo a Altissima Providencia , que a move , a faudade , que nos deixou desta doce , e  
ho-

honorifica lisonja aquella sua , inda que titular , penosa auzencia ; fez com que esta Amabilissima Senhora se reproduzisse em hum Principe taõ grande , que por si , e por ella desse em duplicada assistencia feliz augmento á nossa gloria , e gloriosa confirmação á nossa fortuna. Outra ; porque ella , primeiro que taõ resplandecente Sol tivesse ser , se fez ( ou a fez Deos ) sua Precursora : Muitos tempos ha que a Fama repete o feliz annuncio de nossa ventura com a nota de lisonjeira , vaã , e aduladora : agora , que já chegamos ao tempo de lográ-la , restituamos-lhe o credito de Celeste , mysteriosa , e verdadeira. Quantas vezes antes de nascer ouvimos : Nasceo hum Principe ? E o que julgámos facil engano do desejo , respeitamos agora como Oraculo , e feliz annuncio de nosso glorioso desengano. Em nenhuma Cidade primeiro que nesta amanheceo a luz desta verdade , e se ouviu a voz deste Oraculo ; pois logo que se lhe participou a noticia do felicissimo Conforcio de nossos Serenissimos Prin-

Principes , o espirito de hum corpo pela grande , e prolongada enfermidade pouco menos que defunto ( spirito de sincera , provada virtude , e humilde gravidade ) se sentou na cama , que mais lhe era regiaõ da morte , que descanso da vida , e dançando com defusada , e extraordinaria alegria , disse : Cazou a Senhora Princeza ; e logo nos ha de dar hum Principe para grande ventura nossa. Prodigioso Principe ! Venturoso Principado ; e gloriosa Cidade ! Para ti inclinou Deos o pezo de taõ alto beneficio ; de ti confia o pezo de taõ grande empenho ; e a ti particularmente abona para a gratificaçãõ , e applauso.

Bem puderas , ó Ceo , pois que nos annunciasste a felicidade , que nos concedeste taõ propicio , influir-nos hum espirito sobre-humano para o agradecimento. Que retribuiremos ao Senhor por todas as mercês , que nesta nos dispensa ? Edificaremos hum Templo a taõ gloriosa memoria com aquella pompa , e Magestade , com que os Hebreos reedificáraõ o de Jerusalem ? Naõ ;  
que

que reprova torres de vento quem costuma agradar-se de pobrezas de espirito, nem necessita dellas quem tem o Ceo por Solio, e a terra por estrado. Pois que havemos de fazer? Receberemos o caliz da nossa faude, e invocaremos o nome do Senhor, para que não lhe desmereçamos por nossa miseria o que nos concedeo por sua misericordia. Não se esquece Deos de suas promessas; não nos esqueçamos nós de nossas obrigaçoens: Por virtude das que fez ao Santo Patriarcha dos nossos Reys, se nos dá hoje a si mesmo no Principe que nos dá: Não fação as nossas ingraticoens com que percamos a Deos, e ao Principe: E em quanto lhe rogamos pela sua feliz conservação, e pela dos Sagrados, e Reaes Dispenseiros de sua beneficencia, demos com Zacharias o primeiro alento á nossa humilde gratificação.

*Benedictus Dominus Deus  
Israel, quia visitavit, & fe-  
cit Redemptionem plebis suae,  
& ere-*



*Et erexit cornu salutis, id est, potentiam salutarem florentem rerum statum erexit: nam hoc Regnum ante dejectum erat, & afflictum. In domo David pueri sui: in generatione Regum potentem suscitavit. Successorem. Gloss. Du hamel. ibi.*

*& erexit cornu salutis nobis in domo David pueri sui: Salutem ex inimicis nostris, & de manu omnium qui oderunt nos, ad faciendam misericordiam cum patribus nostris, & memorari testamenti sui Sancti: Jusjurandum quod juravit ad Abraham Patrem nostrum daturum se nobis: Ut sine timore de manu inimicorum nostrorum liberati, serviamus illi. Luc. i. 68.*



**P**Or entre gloriosos vivas , e reverentes acclamaçoens passou o Conde com o Serenissimo Principe a Provincia da Beyra , e se introduzio na de Extremadura , onde o recebeu a sua Corte com tanta alegria , quanta era a saudade com que o esperava.

O applauso , que as Musas lhe tinhaõ preparado dentro daquelle grande Olympo , tanto para celebrarem o seu recebimento , como para coroarem o seu Parnaso , não o fião das agoas do Mondego depois que gostáraõ as do doce Tejo. Ao som de mais culto , e suave instrumento as quero ouvir cantar atado , como as Ninfas de Toledo , ao triunfante carro do meu Principe em figura de despojo , coroando sua justiça com a confusão , e castigo do meu passado atrevimento , ou augmentando sua gloria com o triunfo da minha incapacidade , que não foy pequeno triunfo.

Se acertey , Serenissimos Senhores ,  
Gg 2 a fer-

a servir, foy obra da minha fortuna rendida ao culto de VV. AA. Se errey no modo, foy erro de amor; e cujos erros são os seus acertos; e basta que deão de amor para serem dignos. A'lem de que, se o amor tem a virtude de humanar Deidades, como cantou Ovidio: (a)

*Non bene conveniunt, nec in una sede  
morantur,  
Majestas, & amor.*

e de levantar á esféra das Deidades os coraçoes amantes, como disse Propercio: (b)

*Amor non frustra ventosas addidit alas,  
Fecit & humano corde volare Deum.*

Este mesmo, que tão verdadeiramente me obrigou a medir os vôos do meu coração com a Esféra de Vossas Altezas; inclina-

(a) Ovid. 3. met.

(b) Propert. 3. 12.

rá a Esféra de Vossas Altezas á minha esfé-  
ra ; para que nem eu mereça castigo  
por ousado , nem o meu assumpto fique  
aggravado por indignamente applaudido.  
Se o amor toma a qualidade do amado ,  
nada tem de cego o meu amor ; porque  
naõ ha amor mais illuminado , que o que  
confagra hum Vassallo ao seu Principe , a  
quem como Pay commum , e civil deve  
mais amor , que ao natural : Pois se este  
meu obsequio he filho deste amor , quem  
se attreverá a julgá-lo por indigno do seu  
Objecto ? Eu naõ o julgo.

Naõ olhem Vossas Altezas para esta  
obra como obra minha , mas como obra  
daquelle amor , que faz destillar das pe-  
dras mel , e dos feixos oleo quando sabe  
fer amor : O amor sem ordem produz er-  
ros , e precipicios ; mas *Non est ista a-*  
*moris culpa , sed hominum , qui amare*  
*nesciverint.* O amor bem qualificado , e  
ordenado naõ póde deixar de produzir a-  
certos. Tudo disse Filippe Beroaldo. (a) *Da*

ru-

( a ) Beroald. In orat. habita in principio enarrationis Propertii.

*rudem, & rusticanum : Statim ab amore fiet ingeniosus, & urbanus : Da incultum, ab amore cultissimus efficietur.* Não obsta, Serenissimos Senhores, que o Author desta Obra seja hum pobre, e rustico Pastor da Serra de Estrella; pois o amor cultiva, e civiliza a rusticidade, e faz engenho a quem o cultiva. Julguem-a Vossas Altezas por digna da sua acceitação, para que conresponda sua fortuna ao affecto, que lha consagra; e, cravada sua voluvel roda aos Reaes pés de Vossas Altezas, onde me elevou propicia, sirva de padraõ immovivel da benevolencia, e gloria de Vossas Altezas, e de testimonho indelevel da minha fidelidade.

F I M.

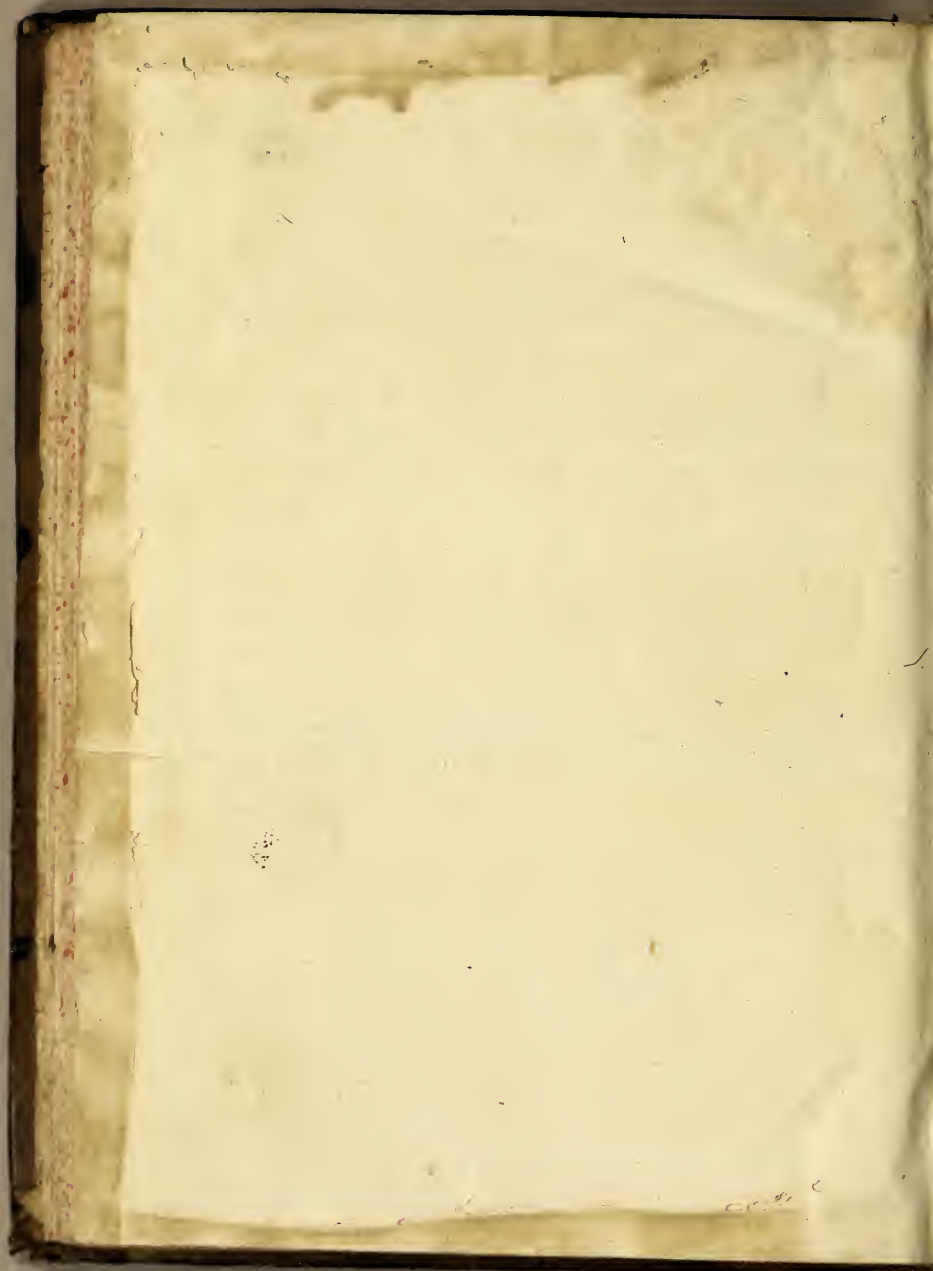


The first part of the book is devoted to a description of the  
 various species of plants which are found in the  
 country. The author has been very particular in  
 his descriptions, and has given many interesting  
 particulars of their habits and properties. He  
 has also given a list of the medicinal plants  
 which are used in the country, and has  
 described their uses and effects. The second  
 part of the book is devoted to a description of  
 the various species of animals which are found  
 in the country. The author has been very  
 particular in his descriptions, and has given  
 many interesting particulars of their habits  
 and properties. He has also given a list of  
 the medicinal animals which are used in the  
 country, and has described their uses and  
 effects. The third part of the book is devoted  
 to a description of the various species of  
 minerals which are found in the country. The  
 author has been very particular in his  
 descriptions, and has given many interesting  
 particulars of their habits and properties. He  
 has also given a list of the medicinal  
 minerals which are used in the country, and  
 has described their uses and effects.

P. 7. M.







C764

084p

(91)

